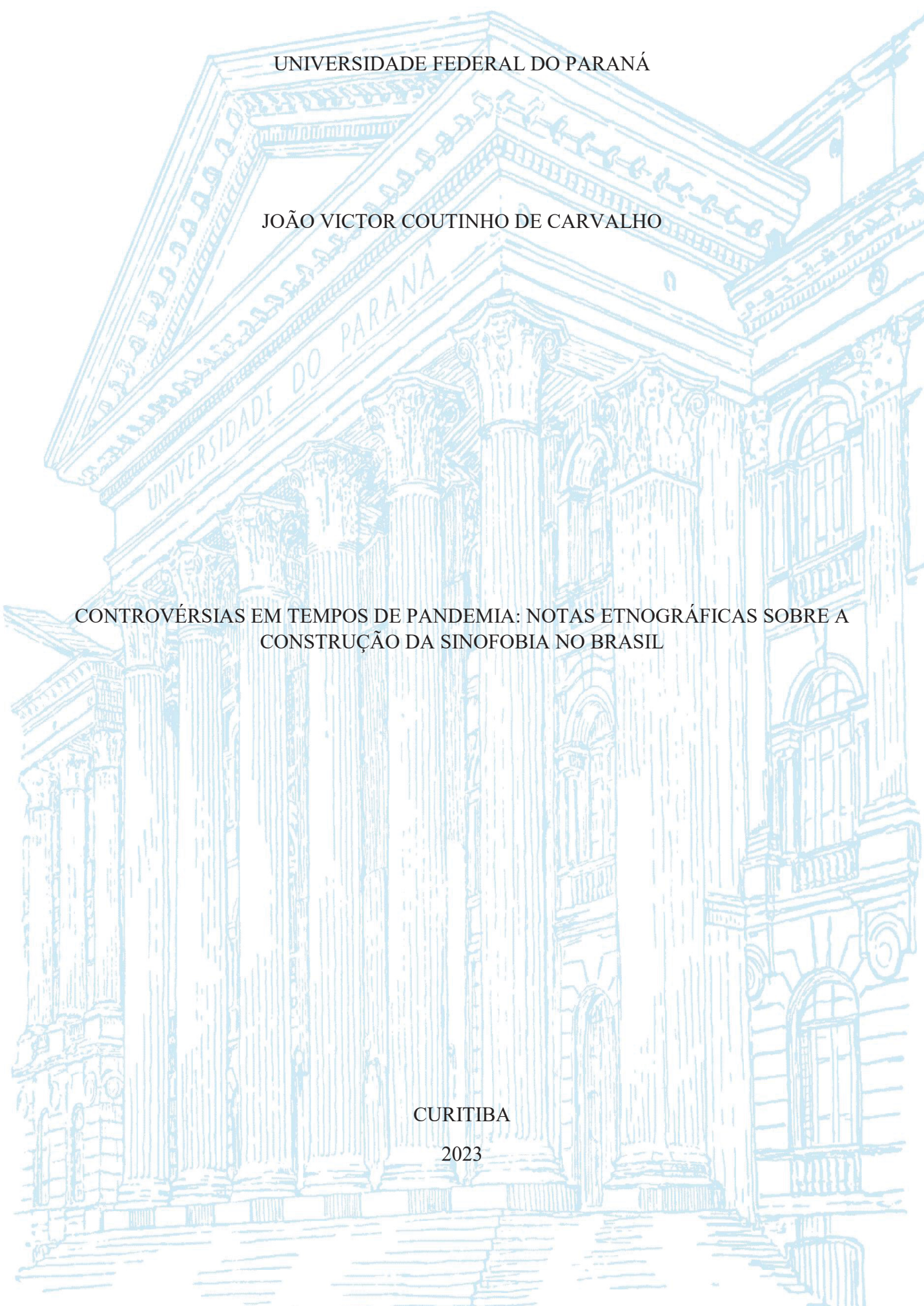




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOÃO VICTOR COUTINHO DE CARVALHO

CONTROVÉRSIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A
CONSTRUÇÃO DA SINOFOBIA NO BRASIL

CURITIBA

2023

JOÃO VICTOR COUTINHO DE CARVALHO

CONTROVÉRSIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A
CONSTRUÇÃO DA SINOFOBIA NO BRASIL

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, no Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, para a obtenção do título de mestre em Antropologia e Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Lorenzo Macagno.

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Carvalho, João Victor Coutinho de

Controvérsias em tempos de pandemia : notas etnográficas sobre a construção da sinofobia no Brasil. / João Victor Coutinho de Carvalho. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Lorenzo Macagno.

1. Chineses – Identidade étnica. 2. Chineses – Brasil. 3. Estereótipos (Psicologia social). 4. COVID-19, Pandemia de, 2020-. I. Macagno, Lorenzo, 1965-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ANTROPOLOGIA E
ARQUEOLOGIA - 40001016027P9

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de JOÃO VICTOR COUTINHO DE CARVALHO intitulada: *Controvérsias em tempos de pandemia: notas etnográficas sobre a construção da sinofobia no Brasil*, sob orientação do Prof. Dr. LORENZO GUSTAVO MACAGNO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Abril de 2023.

Assinatura Eletrônica

26/04/2023 14:03:12.0

LORENZO GUSTAVO MACAGNO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

26/04/2023 11:48:49.0

FERNANDO RABOSI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

Assinatura Eletrônica

26/04/2023 16:19:42.0

DANIEL BICUDO VÉRAS

Avaliador Externo (55001738)

Rua General Carneiro, 460 - 6º andar - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5106 - E-mail: ppgaa@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 279037

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 279037

AGRADECIMENTOS:

Terminar um trabalho sempre é um momento liminar. É ritualístico, na medida em que todo o trajeto percorrido, em todas as suas partes boas e em todas as suas dificuldades, acorrem à memória, e lembramos desse tempo com muito carinho, mas também alívio, sabendo que atingimos o nosso objetivo e nos tornamos alguém diferente. Pelo menos assim o é para alguém que conheceu e mergulhou na Antropologia. Ninguém passa por essa disciplina sem estranhar a si próprio, a mudar.

Terminar o mestrado é de fato um momento de passagem, com o qual eu posso me considerar antropólogo a partir de agora. Disciplina tão generosa, a Antropologia me ofereceu reflexões tão instigantes ao longo de quase 3 anos, abriu-me um horizonte epistemológico até então desconhecido, expandiu a minha forma de entender o mundo e todos os problemas que prendem minha atenção. Ela me enriqueceu como ser humano.

Toda essa mudança não foi fácil, tendo em vista que aconteceu concomitante ao momento mais trágico que já presenciei em minha curta vida: a pandemia de Covid-19, que inclusive me serviu de tema para conduzir esta pesquisa. A pressão psicológica, o confinamento, as incertezas e o medo foram constantes durante estes anos. Felizmente estive rodeado de pessoas amadas, nem sempre fisicamente, pois até desse básico prazer da vida humana fomos privados, mas sempre tive, de alguma forma, a presença de pessoas queridas que me sustentaram, e por isso devo muitos agradecimentos.

Começo então a lembrar de todos que tornaram essa pesquisa possível. Primeiramente agradeço a todo o Departamento de Antropologia da UFPR, aos professores por todo o conhecimento transmitido e às discussões suscitadas em sala de aula (virtuais, infelizmente), por terem feito o possível para driblar as dificuldades técnicas e nos permitirem dar continuidade às nossas formações. Um agradecimento especial ao Paulo Marins, que é um dos maiores responsáveis para que este departamento funcione.

Quero agradecer ao meu orientador, professor Lorenzo, ao qual poderia atribuir a coautoria deste trabalho, sem nenhuma dúvida. Sem as suas sugestões, críticas e ajuda na organização do texto, ele jamais teria a forma que tem hoje. Ter chamado a minha atenção para a “Terra”, quando meu pensamento viajava à “Lua”, também foi essencial para que esse trabalho fosse conceitual e teoricamente executável, e para que seu objeto fosse delimitável.

Ele existe, portanto, em grande parte, pela sua ajuda e orientação crítica, mas livre, na medida em que sempre deixou os interesses do aluno se sobressaírem, apenas tornando-os exprimíveis em forma de texto. Devo muito ainda à sua própria produção científica, que pela congruência de temas abordados, tornou-se uma grande influência intelectual para mim, mesmo não sendo citada diretamente neste trabalho em específico.

Agradeço aos comentários feitos na banca de qualificação pelos professores Daniel Veras e Shu Changsheng, que muito enriqueceram o conteúdo exposto nesta dissertação. As sugestões que me deram me trouxeram novas ideias e trouxeram mais coerência ao argumento que procurei expor.

Agradeço especificamente às professoras Ciméa e Eva. À primeira por ter sugerido, durante sua disciplina, leituras que muito me influenciaram. Estas sugestões guiaram boa parte deste trabalho. E à professora Eva por seu incansável compromisso com a divulgação científica e com a seriedade com que conduz seu trabalho, que me causaram enorme admiração.

Ainda em reverência aos professores, faço um agradecimento ao professor Paulo, que mesmo antes de eu ter ingressado no Programa de Pós-Graduação, com gentileza me incentivou a seguir neste caminho, quando eu ainda era apenas um curioso no evento Produções da Antropologia, que frequentei no ano de 2017.

Aos meus pais, devo tudo. Obrigado por sempre me incentivarem a seguir os caminhos que se abrem à minha frente, a grande maioria graças a vocês mesmos. Por todo o amor transmitido, à compreensão com que me acolhem e ao suporte que me dão e sempre me deram durante toda a vida, faço este agradecimento. À minha irmã, Victoria, um agradecimento pelo convívio diário, por toda a paciência, por ser uma das melhores chefs do mundo e pelos bons momentos que divide comigo, seja vendo TV ou rindo de alguma coisa.

Durante o período em que estive no mestrado, fiz amigos que se tornaram pessoas muito importantes para mim. Ao nosso grupo Astrocritique, iniciado no “zap” e continuado na “vida real”, agradeço imensamente por todas as discussões entabuladas, que me ajudaram indescritivelmente no meu percurso de descoberta pela Antropologia, por todas as tenebrosas piadas e por todas as cervejas tomadas. Aldo, João Pedro, Guto, Sheila e Renata, agradeço muito por terem tornado o mestrado mais divertido. Ao Aldo pelas centenas de músicas e livros compartilhados e cervejas ingeridas, ao João Pedro pelas esclarecedoras “palestrinhas” e por sua biblioteca de Alexandria disposta no Drive, ao Augusto pelas inúmeras bobagens encaminhadas no Instagram, à Renata por todas as dicas acerca da carreira e da vida e à Sheila

por ter me escolhido como o seu “protegido” e ter me tratado com tanto carinho durante esses anos. A todos, conjuntamente, obrigado pela amizade construída, por serem ouvintes generosos e acolhedores e por todos os momentos que vivemos e ainda viveremos! Ainda no grupo de pessoas que o mestrado me apresentou, é preciso lembrar da Caro, pelas generosas conversas virtuais e o compartilhamento das funções de divulgação do acervo de artigos da Campos nas redes sociais, e da Julia, por todas as agradáveis conversas e pela companhia em “ambientes de música”.

Um agradecimento aos meus amigos/irmãos, Antônio e Miguel, por nunca terem me deixado desamparados em nenhum momento da vida, da infância até agora. Não foi diferente durante o mestrado.

Ao Antônio por, mesmo distante, se fazer presente, sempre me incentivando e me sustentando em qualquer momento, me dando a certeza de que nenhuma distância nos separa. Logo o farei novas visitas para que, com nossos espíritos de exploradores, façamos a imensa Buenos Aires parecer um vilarejo novamente. (Ou nos encontraremos anualmente no nosso vilarejo natal, para fazê-lo parecer uma metrópole voltada para o mundo).

Ao Miguel, que está mais perto fisicamente, um agradecimento especial. Durante estes anos foi meu pilar, sempre me mostrando o que eu tenho de melhor e me fazendo acreditar em mim mesmo, até nos momentos em que eu achava isso impossível. Neste trabalho eu falo de reconhecimento, pois saiba que eu só sou porque você é! Obrigado por me resgatar de todos os abismos!

Agradeço também à Mariana, ao Gustavo e ao Matheus por terem se mantido próximos a mim por tantos anos, desde a graduação. Vocês são amigos para toda a vida. Todos os “treinos” conduzidos pelo “personal” Gustavo, nossas caminhadas noturnas sem rumo, os rodízios de pastel com o Matheus, as horas de conversa com a Mariana, fizeram toda a diferença durante estes anos de mestrado. Vocês são amigos queridos e companheiros insubstituíveis.

Ao meu primo Mateus, agradeço por ser uma fonte de boas risadas e uma companhia para tudo, de olhar para a parede em silêncio a explorar cachoeiras. Crescemos juntos e envelheceremos juntos!

Por último, agradeço ao Corinthians por me dar a oportunidade de ser completamente irracional eventualmente. Não há ser humano que não enlouqueça se raciocina o tempo todo, é preciso ser passional às vezes. Por me ensinar a arte da paciência, também agradeço.

Felizmente sou um homem de sorte, e tenho incontáveis amigos para agradecer. Paro por aqui, privilegiando as pessoas que estiveram mais próximas durante estes 3 anos, sem deixar de reconhecer a todos os outros, que são muitos.

RESUMO

O trabalho indaga sobre a construção de estereótipos e essencialismos em relação à China e aos chineses, no Brasil, em meio à pandemia de Covid-19 (2020-2021). Para tanto, tomou-se uma perspectiva tanto histórica como etnográfica, analisando representações da China e dos chineses em dois momentos distintos. Primeiro, o trabalho se detém sobre a denominada “Questão Chinesa”, debate acerca da contratação de trabalhadores asiáticos como mão-de-obra nas lavouras de café no Brasil do século XIX. Em um segundo momento, a partir de fontes contemporâneas, o trabalho mostra as dinâmicas locais e globais de construção de narrativas de alternidade nas quais, no contexto pandêmico, a China aparece como ameaça. A dissertação se detém, sobretudo, nas controvérsias envolvendo a compra de imunizantes de origem chinesa no Brasil e nos imaginários que, mobilizados por essas polêmicas, apresentam a China como ameaça moral, política e biológica.

Palavras-chave: Covid-19; Sinofobia; Identidades; Estereótipos

ABSTRACT

This dissertation inquires the construction of stereotypes and essencialisms related to China and the Chinese people in Brazil amid the Covid-19 pandemic (2020-2021). For such, it adopts both the historic and ethnographic perspectives, analyzing representations of China and of the Chinese people considering two distinct moments. First, it dwells on the “Questão Chinesa”, as became known a debate about the hiring of Chinese workforce in the coffee plantations in the 19th century Brazil. Second, the dissertation, from contemporary sources, shows the local and global dynamics of the construction of alterity narratives in which, within the pandemic context, China emerges as a menace. The dissertation focuses, above all, in controversies involving the acquisition of vaccines of Chinese origin in Brazil and in the imaginaries which, mobilized by this polemics, represents China as moral, political and biological menace.

Key-Words: Covid-19; Sinophobia; Identities; Stereotypes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fonte: Revista Ilustrada, 1881	23
Figura 2- Revista Ilustrada, n. 158, 1883.....	25
Figura 3- Revista Ilustrada, n. 154, 1879.....	26
Figura 4- Revista Ilustrada, n. 154, 1879.....	27
Figura 5- Governo de São Paulo	59
Figura 6- Governo do Estado de São Paulo	59
Figura 7- Roberto Casimiro/Fotoarena/Estadão Conteúdo.....	63
Figura 8-Amanda Perobelli/ Reuters	70
Figura 9- Divulgação/ Ministério da Saúde	73
Figura 10- Blog do AFTM- Gazo	80
Figura 11-Mark Schiefelbein/AP Images	84
Figura 12-Bullit Marquez/AP Images.....	84
Figura 13-Pompeo com líderes asiáticos (captura de tela de vídeo do Departamento de Estado)	86
Figura 14-Trump em encontro da ASEAN (Captura de tela de vídeo do Departamento de Estado)	86
Figura 15- Presença da Amazon na Ásia (captura de tela de vídeo do Departamento de Estado)	87
Figura 16-Repressão Policial (Captura de tela de vídeo do Departamento de Estado dos EUA)	90
Figura 17- Imagem retirada de vídeo do Departamento de Estado dos EUA.....	91
Figura 18-Imagem retirada de vídeo do Departamento de Estado dos EUA.....	92
Figura 19-Imagem retirada de vídeo produzido pelo Departamento de Estado dos EUA.....	92
Figura 20- #DoYourJob (Captura de tela de vídeo do Departamento de Estado dos EUA) ...	93
Figura 21- Fonte Desconhecida	101
Figura 22- Rebbel Pepper, 2020	102
Figura 23- Rebel Pepper, 2020	102
Figura 24- Rebbel Pepper, 2020	103
Figura 25- Idz Pod Prad	105
Figura 26- "I am not a virus", Lisa Wool-Rim	110
Figura 27- Lisa Wool-Rim.....	111
Figura 28- Lisa Wool-Rim.....	112
Figura 29- Captura de tela.....	120
Figura 30- Captura de Tela	121
Figura 31- Canal Cúpula Conservadora das Américas das Américas (YouTube).....	123
Figura 32- Paola de Orte/Agência Brasil	124
Figura 33- Hungriano.....	134

LISTA DE SIGLAS:

AAPI- Asian-American and Pacific Islanders

ANVISA- Agência Nacional de Vigilância Sanitária

CSSA- Chinese Students and Scholars Associations

DEM- Democratas

EUA- Estados Unidos da América

FBI- Federal Bureau of Investigation

FIOCRUZ- Fundação Oswaldo Cruz

MP- Medida Provisória

OBOR- One Belt, One Road

OMS- Organização Mundial da Saúde

ONU- Organização das Nações Unidas

PC do B- Partido Comunista do Brasil

PL- Partido Liberal

PSB- Partido Socialista do Brasil

PSL- Partido Social Liberal

PSOL- Partido Socialismo e Liberdade

PT- Partido dos Trabalhadores

Sindusfarma- Sindicato das Indústrias de Produtos Farmacêuticos

UFWD- United Front Work Department

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1- SINOFOBIA NO BRASIL, ANTECEDENTES.....	20
Estigmatização através das imagens.....	21
Etnicidades contrastadas, situadas, negociadas.....	33
CAPÍTULO 2- A CHINA COMO AMEAÇA (1): NARRATIVAS LOCAIS:	36
Bolsonaro vs. Doria: os protagonistas da controvérsia.....	43
O confronto Anvisa vs Butantan.....	47
A morte do voluntário.....	50
O mês de janeiro: a “guerra das vacinas”:	62
O início da vacinação e as supostas represálias da China	72
CAPÍTULO 3: A CHINA COMO AMEAÇA (2): NARRATIVAS GLOBAIS.....	82
Sinofobia na era Trump.....	83
Sinofobia como racismo	106
Repercussões locais	113
CAPÍTULO 4- O FIM DA CONTROVÉRSIA E ESPECULAÇÕES TEÓRICAS.....	125
CONCLUSÃO:	137
REFERÊNCIAS:	140

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 paralisou o mundo com uma pandemia devastadora, do tipo que não se via há anos. Não houve um só recanto do planeta Terra que não tenha registrado casos de Covid-19, a doença ocasionada pelo SARS-COV-2, um coronavírus. Durante dois anos, taxas alarmantes de contágio e de óbitos ocasionados pela doença foram contabilizadas, deixando a maior parte do mundo em alerta e com medo.

As primeiras pesquisas atribuíram a disseminação do vírus ao possível contágio de animais para humanos, e daí se espalhando de humano para humano. Esse contágio poderia ser feito ou diretamente do animal hospedeiro do vírus ou através de um animal intermediário (DUARTE, 2020; OMS, 2021; ANDERSEN, K.G., RAMBAUT, A., LIPKIN, W.I. et al, 2020). Essa passou a ser a hipótese mais aceita entre os cientistas, e foi adotada pela Organização Mundial da Saúde. A Organização cogitou quatro possibilidades, analisadas a partir de um estudo conjunto entre cientistas chineses e um grupo internacional com cientistas de todo o mundo formado pela OMS. Eram estas: a contaminação direta de animal para humano; de um hospedeiro intermediário para humanos; a partir da rede de distribuição de produtos congelados comercializados no mercado de Huanan, em Wuhan; e o vazamento do vírus de laboratórios. A conclusão é que a segunda alternativa seria a mais provável, a partir da análise de genomas e outros métodos científicos detalhados no relatório. Entretanto, deixam claro a necessidade de continuar com as pesquisas.

Contrapondo esta hipótese surge uma alternativa, propagada pelo governo dos Estados Unidos como o ator mais importante nesta contestação. Mike Pompeo, então secretário de estado do governo do presidente Donald Trump, e o próprio presidente, pelo menos desde março de 2020, afirmaram existir várias provas de que o vírus teria sido feito no Instituto de Virologia de Wuhan, e de lá se alastrado por todo o mundo, dando início a uma grande controvérsia¹.

Dentre os muitos problemas e questões que emergem e podem ser abordados a partir destas discussões, a representação da China como ameaça “biológica” e sociopolítica será o

¹ FOX NEWS. Mike Pompeo makes “bold” claim about COVID origins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NeW-Lf2AnmQ>.
LOS ANGELES TIMES. Trump calls coronavirus “the Chinese virus”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0pjsx94m8qA&t=2s>.

nosso foco. No Brasil, a China também figurou como culpada para muitos, que desconfiavam de seus hábitos de higiene, da qualidade de seus produtos, o que envolve comida, e de seu regime político, que segundo alguns teria escondido a real gravidade da epidemia, mascarado dados e, desta maneira, deixando o resto do mundo despreparado para o que viria a seguir, reproduzindo muito das discussões que se seguiram às acusações feitas por Trump e Pompeo.

Uma série de controvérsias foi se delineando. Perguntava-se sobre qual seria o tratamento correto para a doença e sobre a eficácia e segurança das vacinas que começaram a ser desenvolvidas para combater o vírus. Em meio a tais embates, surgiu a China como um ator importante, por vezes o principal tema do debate, por outras apenas um coadjuvante, mas que aparecia mesmo não sendo o cerne da conversa.

No campo das ciências sociais, o tema foi despertando cada vez mais interesse. Cabe mencionar, sobretudo, o artigo de Velden (2021) e o livro recém-lançado *Epidemic Orientalism*, escrito pelo sociólogo Alexander White (2023). No entanto, para além das várias contribuições, nosso trabalho visa entender, a partir das representações sobre a pandemia, quando e por quê existe uma imagem discriminatória da China. Ou o contrário, quando e por quê a imagem se constrói como positiva. Como a China emerge em meio às conversas em um contexto pandêmico em que um vírus mortal passa a ser associado ao país?

O presente trabalho busca responder tais perguntas a partir da observação de algumas destas disputas que emergiram a partir das incertezas quanto ao vírus. As principais fontes abordadas são coberturas jornalísticas e as discussões suscitadas nas caixas de comentários das páginas virtuais dos jornais, especificamente O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo, os dois maiores jornais do Brasil em termos de circulação. Este é o critério para a escolha destes veículos.

Além disso, levaremos em conta a observação de comentários diversos feitos em redes sociais, como o Twitter, o Youtube e o Facebook em discussões sobre a pandemia, a origem do vírus, vacinas e etc. As imagens que circularam por estas redes serão um material essencial para que se possa entender a representação da China construída a partir destes embates e disputas.

Para que possamos prosseguir com a descrição proposta, vamos esclarecer o que se entende por controvérsia neste texto, para que a leitura fique mais clara, pois partiremos desta ideia para nortear nossas observações nos capítulos seguintes.

A ideia de controvérsia que utilizaremos para a análise é a que emerge da sociologia de Bruno Latour (2005), que faz uma revisão dos pressupostos epistemológicos do que chamou de “Sociologia do social”. A “Sociologia do social” busca no “social”, este substrato que determina todas as relações entre os seres humanos, as causas de todos os fenômenos que dizem respeito à vida coletiva. Esta postura adotada pelos cientistas sociais, representando o desenvolvimento da disciplina durante o século XX, impôs aos objetos da pesquisa a característica de meras marionetes que tem suas ações e decisões determinadas pelo “social”. Ao contrário, Latour (2005) propõe uma epistemologia mais fluida, inspirada nas pesquisas científicas oriundas das *hard sciences*. O pesquisador, atuando através desta proposta, não assume as causas e nem busca dar explicações de antemão aos fenômenos sociais, mas faz o caminho inverso. Busca-se verificar, através das disputas e discussões sobre algum tema, o que o objeto diz. Trata-se de verificar como os objetos formam o social, como se ligam entre si para dar forma ao que chamamos de “social”. Neste caso pode-se considerar objetos de forma literal, pois eles também são parte da constituição do social, uma vez que permitem e desencadeiam ações dos envolvidos na controvérsia. A sociedade, vista a partir desta abordagem, é o resultado de muitas ligações entre humanos, objetos e etc, que formam uma rede de actantes que lhe dão forma. Portanto, ela não é a cola que mantém unidos os coletivos, mas sim o que é ligado por eles. Uma definição concisa e esclarecedora do que seria uma controvérsia é dada por Emerson Giumbelli:

Quando se observa uma polêmica, na qual, acerca de um dado assunto, intervém uma série de agentes sociais, pode-se tratá-la apenas como uma convulsão efêmera, fadada a arrefecer tão logo outros assuntos ganhem o centro das atenções. De fato, é assim que se passa com a maioria das controvérsias. No entanto, sem negar sua ocorrência passageira, pode-se considerá-las como um momento de expressão e redefinição de pontos e problemas, os quais permanecem importantes, às vezes até cruciais, na constituição de uma sociedade, mesmo quando não despertam interesse generalizado ou intenso. Se é apenas em determinadas ocasiões que se polemiza sobre “religião”, isso não quer dizer que essa noção não seja essencial para entender traços constitutivos da sociedade de que fazem parte as personagens da controvérsia. A controvérsia é uma espécie de drama social, que revela mas também reconfigura definições de realidade, explicitando o conflito que existe em torno dessas definições (GIUMBELLI, 2002).

Tendo em vista esta concepção, buscaremos, no decorrer deste trabalho, apreender que representações da China, dos chineses e de seus hábitos, emergem a partir de polêmicas envolvendo o país asiático. O contexto pandêmico mostrou-se um campo fértil para tanto, uma vez que a China esteve no centro de disputas políticas e discussões acerca de sua legitimidade como ator internacional em ascensão. Assim, buscaremos, em dois contextos específicos e com ligações, como mostraremos, dar uma descrição da representação da China que emerge a partir

de controvérsias como as envolvendo vacinas de origem chinesa, instalação da rede 5G e origens do vírus.

Olharemos, assim, para o conjunto de associações que dão corpo ao social. Nos preocuparemos com as falas de autoridades sanitárias e políticas sobre as vacinas e o 5G, com a forma e o conteúdo do texto jornalístico, os comentários realizados por leitores, descrevendo todos estes acontecimentos para entender como foram ganhando forma a partir da controvérsia e como se manifestaram nela as imagens relacionadas à China. Os embates entre diferentes visões acerca do país, a maneira como se encontram na esfera pública e os termos a que dão origem, criam o amalgame que é a imagem da China. A controvérsia é responsável por criar e cristalizar significados, portanto.

Uma série de meios de comunicação são responsáveis por criar esta imagem e consolidá-la. Para este trabalho as interações sociais observadas através da internet e as imagens, como fotos e charges, veiculadas em jornais e redes sociais, formarão o conteúdo semântico que nos permitirá descrever etnograficamente estes embates e as representações que consolidam.

O trabalho se organizará da seguinte maneira. De início, analisando um embate acerca da vinda de trabalhadores chineses para o Brasil no século XIX, buscaremos mostrar os antecedentes da sinofobia, a representação negativa dos chineses no Brasil. Assim, ficará claro que tal representação negativa não é algo novo e que algumas imagens se mantêm similares ao que ocorrera em outros momentos históricos. A apresentação de diferentes contextos históricos também facilitará o entendimento de como os contextos moldam os estereótipos.

Em seguida, no capítulo 2, iremos descrever controvérsias envolvendo a instalação da rede 5G e a compra de imunizantes, ambos de origem chinesa, no Brasil. A partir de um embate político em torno da compra de imunizantes, envolvendo o então presidente do Brasil (2019-2022), Jair Bolsonaro, e o então governador do estado de São Paulo, João Doria (2019-2022), bem como outros atores vinculados a um ou outro, percebemos a emergência de uma China ameaçadora, por vezes. Por outro lado, uma China essencial para o desenvolvimento do Brasil, na medida em que este país figura como um dos seus principais parceiros comerciais. As mesmas imagens aparecem a partir das conversas sobre a venda de bandas de rede 5G a serem instaladas no Brasil. Tais discussões se situam em um contexto geopolítico específico, em que Estados Unidos e China sobem o tom e agem como adversários na política internacional.

O capítulo 3 tratará de apresentar o pensamento e as atitudes de importantes atores nas relações exteriores dos Estados Unidos e do Brasil, pois estes reverberam algumas imagens negativas da China, imagens estas que ganham grande repercussão. Suas ideias são o substrato para entender as acusações que fazem à China, suas atitudes e posicionamentos nas relações exteriores de cada país e assim por diante. Esta análise nos permitirá ensaiar uma discussão teórica acerca da formação de estereótipos e identidades. Isso será o assunto do capítulo 4.

Neste último capítulo, buscaremos relacionar discussões teóricas da Antropologia acerca das identidades étnicas e nacionais e da formação de estereótipos com tudo o que fora descrito a partir das observações feitas no decorrer do texto até então.

CAPÍTULO 1- SINOFOBIA NO BRASIL, ANTECEDENTES

No século XIX começaram a chegar ao Brasil os primeiros contingentes de trabalhadores chineses. Os primeiros grupos vieram ao país por volta do ano de 1810, por intermédio do próprio rei D. João VI e do Conde de Linhares, que buscavam a mão-de-obra chinesa para realizar o cultivo do chá no Rio de Janeiro. Começou-se o plantio no Jardim Botânico, na Fazenda Santa Cruz e na Ilha do Governador (LEITE, 1992). Os chineses já passaram a figurar como culpados e pouco confiáveis neste primeiro momento com o malogro das plantações de chá. Alguns diziam que não eram qualificados o suficiente, outros afirmavam que estariam agindo com má vontade para que as plantações não vingassem. Mas eles viraram tema de debates mais amplos na segunda metade do século, quando a abolição da escravidão foi ganhando força e a falta de mão-de-obra passou a ser uma preocupação dos agricultores e dos políticos, que viam uma grande crise econômica se aproximar do país, já que as grandes plantações eram a base da economia nacional.

Neste contexto histórico, acontecia um intenso tráfico de *coolies*, como eram chamados trabalhadores indianos, mas também chineses. Eles eram levados em navios dos portos do sudeste da China para trabalhar na América, principalmente. Países como Estados Unidos, Cuba e Peru receberam uma enorme quantidade destes trabalhadores, que chegavam aos novos países para trabalhar em condição análoga à escravidão. Eram recrutados por agentes nos portos, assinando contratos de trabalho enganosos, na maioria das vezes. Muitos eram até mesmo sequestrados e forçados a embarcar, tal como acontecia com os escravizados africanos que eram trazidos nas décadas anteriores (YOUNG, 2014; CZEPULA, 2017). Otto Lima (2021) e Victor Hugo Peres (2013) entendem esse fluxo como um reordenamento do sistema capitalista, o que acabou levando a reconfigurações na economia global, ocasionando mudanças locais, como consequência. O fluxo de imigrantes chineses estaria inserido neste rearranjo nas relações de produção. Esse estado de coisas dá início aos debates sobre a substituição da mão-de-obra escrava no Brasil.

Cientes deste fluxo migratório, representantes brasileiros começaram a demonstrar interesse em direcionar parte destes chineses para o trabalho nas grandes lavouras do país. A partir de então dá-se início ao debate sobre a viabilidade ou não de trazer este contingente migratório para cá. Os argumentos favoráveis eram pragmáticos. Os defensores da contratação afirmavam que esta era a única saída para a crise que se avizinhava. Os contrários utilizavam argumentos racistas, afirmando que essa “raça”, considerada por eles inferior, degeneraria o

processo de criação de uma “raça brasileira”, que deveria ser atingida através do branqueamento, propiciado pela vinda de imigrantes europeus (DEZEM, 2005; CZEPULA, 2017; LEE, 2018; LESSER, 2001). Ambos os lados do debate, contudo, partiam de premissas racistas, como busca demonstrar Rogério Dezem (2005) em seu livro “Matizes do amarelo”. Os que eram a favor se defendiam dizendo que esta era uma saída temporária até que se encaminhasse a vinda de outros imigrantes, mais desejáveis, segundo o senso comum da elite política desta época. Além disso, seria esse um grupo pouco assimilável, o que afastaria o perigo de miscigenação e, assim, a degeneração da “raça brasileira” tal como imaginada por estes homens.

Outros diziam que este trabalho seria análogo à escravidão, e que por ser desta natureza seria incongruente com a civilização, o pensamento moderno, considerado por eles à época. Por isso se posicionavam contra, já que a situação pouco mudaria em relação ao trabalho feito pelos negros. Ao avançar na análise de alguns autores que abordaram o tema, como pretendemos a seguir, ficará claro que a noção de civilização é uma constante entre os homens do século XIX, influenciados diretamente pelo pensamento europeu, mas adaptando as ideias de lá para o contexto brasileiro, como apontam Lilia Schwarcz (1993) e Renato Ortiz (1985).

Estigmatização através das imagens

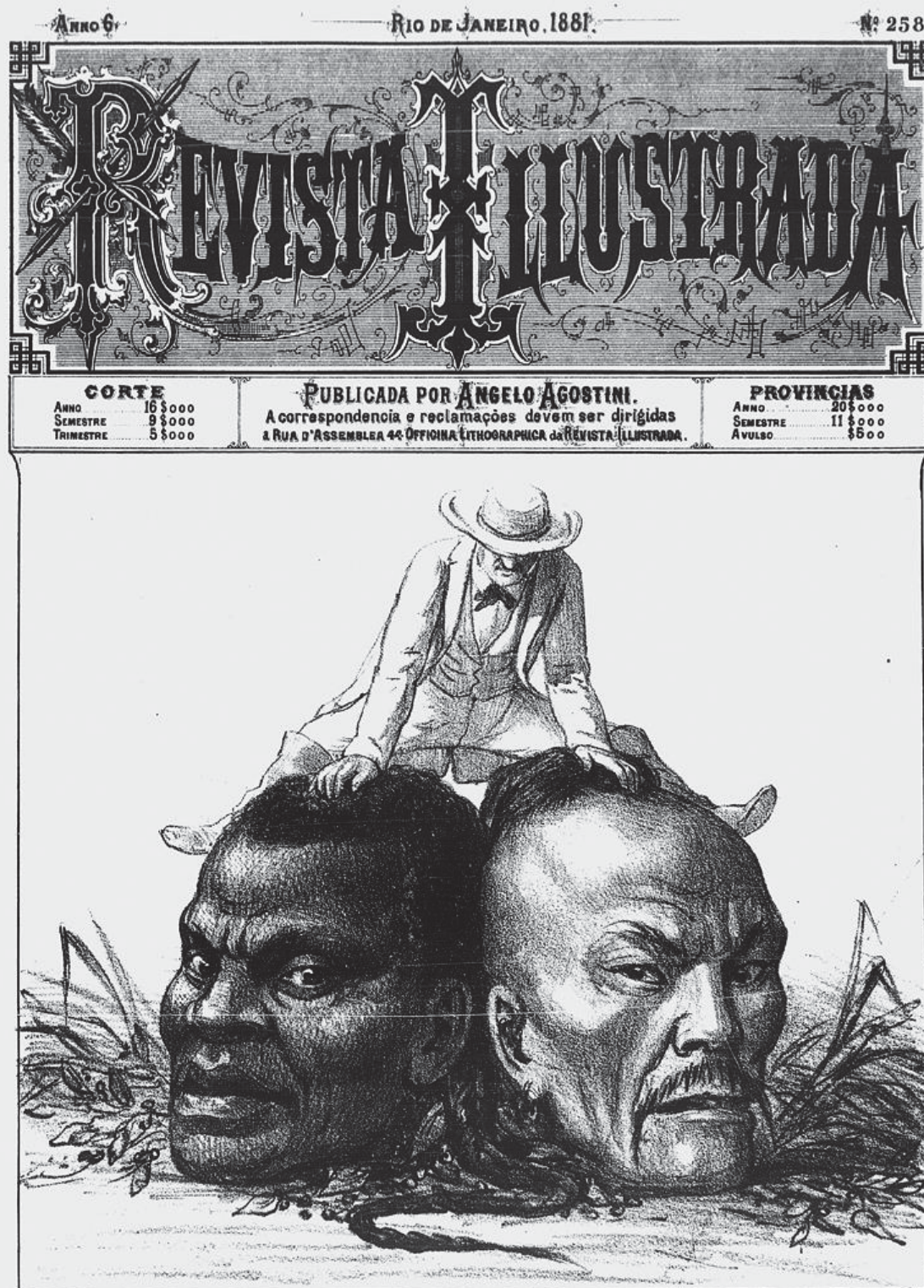
Tais debates acerca da contratação de chineses como trabalhadores da lavoura no Brasil se inserem em um contexto global em que havia uma intensa circulação de mão-de-obra chinesa ao redor do mundo, como dito acima. As experiências de trabalho chinês em outros países da América, como Cuba, Peru e Estados Unidos serviam de referência aos debatedores brasileiros.

Os chineses eram recrutados em sua maioria no sul do país, em cidades como Macau, Hong Kong e Cantão. Os recrutadores prometiam bons contratos e melhores condições de vida às pessoas e as conduziam para navios insalubres. Muitas vezes trabalhadores eram mesmo sequestrados e forçados a fazer a travessia da Ásia para a América. Suas condições de trabalho eram semelhantes ao trabalho escravo, com a diferença de que eram contratados. Contratos que dificilmente podiam questionar devido a muitas dificuldades, como a barreira do idioma. Submetidos a condições desumanas de transporte e trabalho, ficavam à mercê destes contratos que os submetiam completamente aos contratantes (LEE, 2018; PERES, 2013; YOUNG, 2014).

Tal circulação de trabalhadores chineses como mão-de-obra fez circular, também, ideias comuns sobre quem seriam essas pessoas, estereótipos que foram reproduzidos em diversos lugares, uma representação racializada do Outro, formando o que Ana Paulina Lee (2018) denominou de “memória circum-oceânica”. Tais concepções se inserem em ambientes de consolidação de estados-nação, discussões acerca de cidadania, civilização e práticas culturais que representariam tais conceitos. O chinês apareceria como contraponto ao ideal de civilização, calcado na cultura e organizações políticas europeias. O racismo científico e a urgência por novos regimes de trabalho mais “civilizados”, substituindo a escravidão pelo trabalho livre e assalariado, estão entre as ideias que sustentaram essa representação acerca dos novos trabalhadores.

A mídia da época repercutia e opinava nos debates. Czepula (2017) e Dezem (2005) mostram a maneira como alguns jornais abordavam a questão. A Revista Ilustrada, analisada por Dezem (2005), e também por Lima (2021), retratava os chineses de forma negativa, até mesmo ridicularizando a ideia de trazer imigrantes da China para o Brasil. Estes eram desenhados de forma caricatural, e tidos como “ladrões de galinha”, gente desonesta e ardilosa. O foco também recaía, por vezes, na suposta fraqueza e inferioridade racial.

Figura 1- Fonte: Revista Illustrada, 1881



*Preto e amarello.
É possível que haja quem entenda que a nossa lavoura só pôde ser sustentada
por essas duas raças tão feias! Mau gosto!*

Na ilustração acima, feita pelo cartunista Angelo Agostini, fica explícito o racismo envolvendo a questão da mão-de-obra nas lavouras. Considera as “raças” preta e amarela feias, e não entende como poderia ser possível a nossa lavoura depender destes braços. “Mau gosto”, comenta. Acreditava-se que tal “raça” viria para denegrir o progresso civilizacional do Brasil. Eles seriam um “perigo”, portanto, o “perigo amarelo”.

Legislações restritivas à entrada de chineses passaram a ser adotadas em diversos países da América, justificadas sob argumentos similares. Os Estados Unidos impuseram uma proibição à entrada de chineses no país, através de uma Lei de Exclusão, em 1882, que utilizava preceitos racistas, afirmando que assim protegeria sua população da concorrência desleal por empregos e também garantiria a saúde pública, pois consideravam que os chineses eram responsáveis por trazer doenças ao país. Além disso havia ainda o argumento racista da preservação da homogeneidade racial, contra a “mongolização”.

A imagem, no sentido estético, propagada na imprensa, contribuiu para que os chineses fossem vistos como efeminados, sujos e maldosos (LEE, 2020). Tomando a Revista Ilustrada como fonte, percebemos que estes estereótipos são reforçados pela pena de Angelo Agostini.

Figura 2- Revista Illustrada, n. 158, 1883



Figura 3- Revista Ilustrada, n. 154, 1879

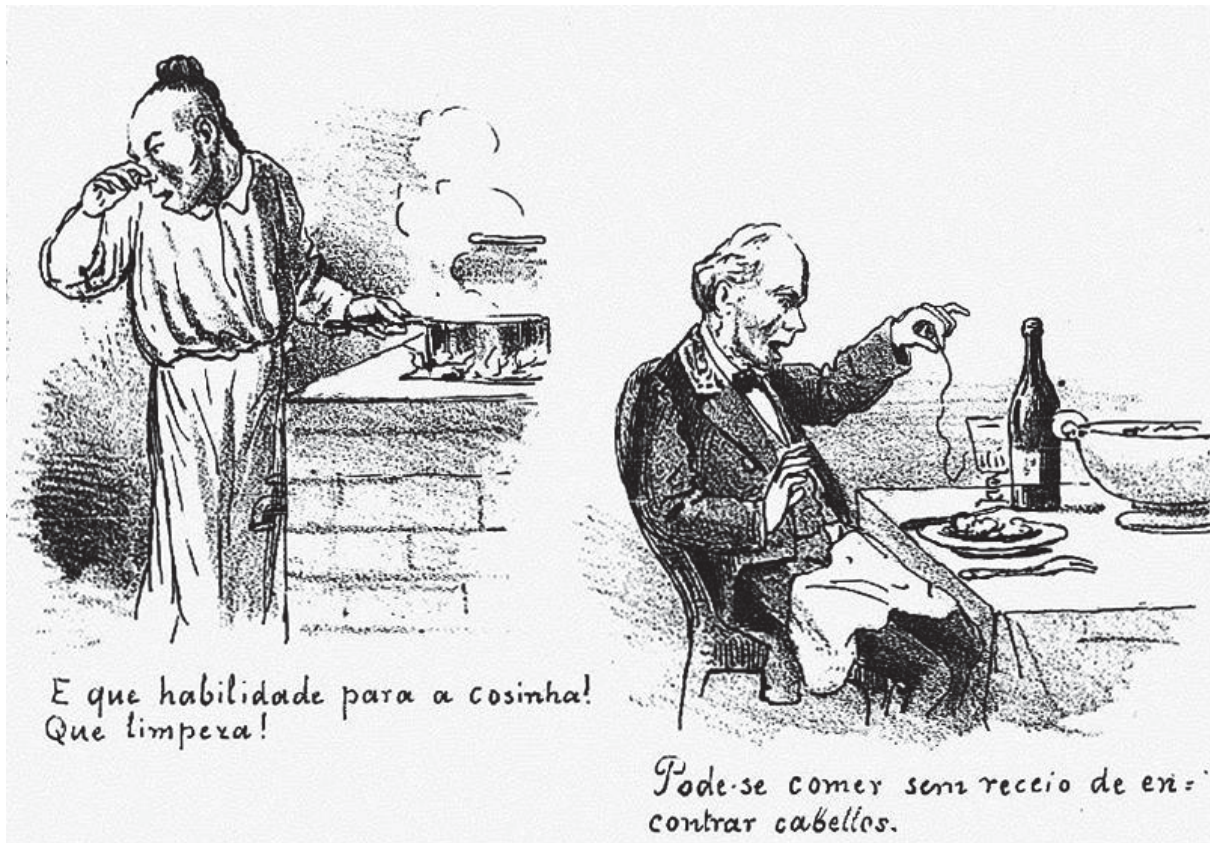


Figura 4- Revista Illustrada, n. 154, 1879



Nota-se, observando as imagens, que havia realmente o medo de que a vinda dos chineses significaria o atraso da marcha civilizatória do Brasil. Feios, sujos, maldosos, assim sempre aparecem os chineses nas ilustrações da revista.

Kamila Czepula (2017) centra as suas análises em outro periódico da época, a Gazeta de Notícias. Neste também repercutia a discussão acerca da viabilidade de contratar “chins”, como eram chamados os *coolies* no Brasil. Os textos acerca destes imigrantes também não eram nada elogiosos neste jornal. As informações sobre eles estavam sempre nas páginas policiais, falando de crimes e arruaças cometidos por chineses. A falta de conhecimento sobre eles se justificaria pela irrelevância do objeto, já que eram uma “raça inferior” (CZEPULA, 2017). Além disso, também eram tidos como fumadores de ópio, desonestos e propagadores

de doença. Esta última característica negativa atribuída a eles nos remete aos dias atuais, em que também são usados de bode expiatório em um contexto de pandemia global.

Os estigmas reproduzidos pelas revistas refletem posições defendidas também por políticos e intelectuais da época, em meio às discussões que ficaram conhecidas como a Questão Chinesa (1879), detalhadamente analisadas por Dezem (2005), Peres (2013), Czepula (2017) e Czepula e Bueno (2021). O debate ganhou mais notoriedade em um Congresso Agrícola (1878). Não pudemos ter acesso aos Anais deste Congresso, mas é possível ter uma ideia do que fora debatido a partir dos trabalhos já citados acima. A resolução do Congresso chega a mencionar explicitamente a necessidade de mão-de-obra barata que, não sendo europeia, o que julgavam difícil em um primeiro momento, poderia ser de “outras raças ou civilizações inferiores à nossa” (CONGRESSO AGRÍCOLA *apud* LIMA, 2021).²

Um outro Congresso ocorreu em Pernambuco, contando com os agricultores das províncias do Norte, que tinham interesses discrepantes dos do sul. Entre eles, a mão-de-obra chinesa é mencionada apenas de passagem e de forma negativa. Achavam mais vantajoso tentar explorar a mão-de-obra da população desocupada que vivia naquela região, como ex-escravos, sertanejos e etc. É preciso apontar que toda a discussão era feita nos termos científicos da época. Os nortistas acreditavam que imigrantes teriam mais dificuldade de se adaptar ao clima da região. O determinismo biológico e geográfico guiava os seus pensamentos, da mesma forma que guiava o dos plantadores da região sul (PERES, 2013).

Os políticos se envolveram ativamente na controvérsia, e alguns argumentos puderam ser analisados a partir de obras digitalizadas. Um livro é ilustrativo de ambos os lados do embate, pois se trata de uma resposta a outro posicionamento. Trata-se do livro “Crise da lavoura ou Resposta ao opusculo com mesmo titulo que publicou na Corte o Sr. Quintino Bocayuva”, de autoria de Antonio Augusto da Costa Aguiar. O autor trata de rebater o posicionamento favorável de Bocayuva à vinda dos chineses. A exposição de ambos corrobora a tese proposta por Dezem (2005) de que representantes dos dois lados do debate possuíam uma visão preconceituosa dos “chins”. Os que defendiam sua vinda, o faziam por razões pragmáticas, puramente econômicas, em sua maioria. Os chineses são tidos, portanto, apenas como mão-de-obra. Já os contrários à sua vinda usam com frequência argumentos baseados no racismo científico, à época aceito como paradigma científico em muitos meios.

² O texto original de Lima (2021) está em inglês. O trecho destacado em aspas é tradução direta para a frase “[...] other peoples of race or civilization inferior to ours own.”

Não foi possível acessar a obra de Quintino Bocayuva na íntegra, mas o livro de Costa Aguiar reproduz alguns trechos desta obra para refutá-los, o que nos permite comparar os posicionamentos.³ Costa Aguiar afirma o seguinte acerca dos “chins”:

Passemos porem ao chim, o qual por certo pue não tem o braço forte da Inglaterra.

E para destruir toda a argumentação do Sr, Bocayuva, bastar-nos-hia reproduzir os seus argumentos, ajuntando-lhes unicamente, pequenas observações nossas.

Queremos porem matar a idéia e pois adduziremos tudo o que nos ocorre sobre a materia.

Em princípio do anno de 1862 publicamos uma obra com o título de ‘O Brazil e os brasileiros’ em a qual, na página 94 escrevemos o seguinte, em referência à colonização chinesa.

Porem senhores, mataê de uma vez e para sempre, essa triste ideia, que vaê gosando de novo, de mandar buscar colonos chins. Deixaê ficar na Asia, essa podre e despresivel raça, que degola as suas mulheres brasileiras, para se forrar ao trabalho de sustental-as. Lembraê-vos do que, sem futuro, sem esperanças, sem aspirações por uma existencia independente, podem as colonias inglezas mandal-os vir, podem povoar-se d’elles, visto como o poder e a grandeza, e o renome guerreiro da Inglaterra, não dependerá jamais dos seus brios, e ainda menos, dos seus esforços e garantias. (AGUIAR, 1868, p. 6)

Fica claro, nesta passagem, o desprezo que o autor tinha pelos chineses. É interessante, em contraste, o tom elogioso com que se referia à Inglaterra, tida por ele como nação modelo, exemplo de civilização. O opúsculo de Aguiar cita uma passagem do livro de Quintino Bocayuva, na qual o seu posicionamento também fica muito claro. Diz o seguinte:

"Apaixonadíssimos pelo jogo, resistem a todas disciplina que lhes vede o exercício, dessa desmoralisadora inclinação. De natureza moral perversa, e tendo o habito de emigrar sós, sem mulheres, entregão-se a hábitos torpes e nocivos. "

Eis ahi como o próprio sr. Bocayuva descreve o povo, que propõem se estabeleça no seu paiz. (AGUIAR, 1868, p. 9).

Bocayuva, que era favorável à vinda dos chineses, os descrevia da forma pejorativa reproduzida acima por Costa Aguiar, mostrando que a visão negativa acerca deles, carregada de estereótipos e estigmas, era predominante.

Em muitos outros discursos os estereótipos maliciosos aparecem, levando-nos a crer que eram senso comum, mesmo entre os defensores da vinda dos imigrantes para nossas terras. Os exemplos nos fornecem continuidades no pensamento que revelam a preponderância do etnocentrismo e do racismo.

³ Pode-se encontrar trechos da obra de Bocayuva na dissertação de Czepula (2017) também.

O racismo científico, que colocava as “raças europeias” no topo, como o grande norte civilizacional a ser alcançado pelo resto, pode explicar as abordagens utilizadas no debate sobre a vinda dos chineses ao Brasil, do qual os dois autores acima servem como exemplos.

O imigrante ideal para os recrutadores do século XIX eram os europeus, e de preferência os da Europa Central, que era tida como uma região da qual provinham povos superiores racial e culturalmente. A busca por atrair para o Brasil estes imigrantes foi intensa. Muitas agências foram criadas para fazer propaganda do país na Europa, prometendo aos imigrantes uma série de benefícios, tal como terras e participação nos lucros. Eram vistos como bons agricultores que contribuiriam decisivamente para os objetivos do Brasil (LESSER, 2015).

Acompanhada da ideia de o colono europeu ser racialmente superior, vinha uma preocupação com a ocupação territorial, o que envolvia motivações geopolíticas. Os antigos habitantes das terras, os indígenas, eram desconsiderados como povo. O imigrante europeu, além de ser bom agricultor, traria consigo a civilização e, portanto, sua vinda era carregada de significados políticos, sendo o principal o seu potencial civilizador. Os chineses ainda eram tidos por muitos como uma “raça” semelhante à indígena, e dessa forma, apenas mais um contingente a ser “civilizado” à maneira cristã e ocidental. A escravidão também não era descartada sempre por motivos humanitários, mas apenas como atraso civilizatório, o que espantaria novos imigrantes desejáveis. A preocupação, portanto, é ter uma boa imagem na Europa (SEYFERTH, 2002).

Havia uma discordância quanto ao tipo de europeu a ser buscado para emigrar. Alguns consideravam um perigo ao país a concentração de alemães no sul, e defendiam a vinda de imigrantes católicos e latinos (SEYFERTH, 2002). De qualquer forma, são duas opções que excluem não-europeus.

O posicionamento de um homem favorável à vinda dos chineses serve, curiosamente, para demonstrar que estes não eram considerados como povoadores e participantes da construção do “povo brasileiro”. O livro “Trabalhadores asiáticos”, escrito pelo diplomata Salvador de Mendonça (1879), sob encomenda do Conselheiro Cansação de Sinimbu, para dar respaldo às discussões que ganhavam terreno, nos mostra este posicionamento. Antes mesmo de fazer considerações sobre o trabalho chinês já situa o brasileiro como inferior ao europeu e superior ao africano, sempre fazendo referência a “raças”. Trata o chinês como instrumento que conduzirá o Brasil à civilização, mas não como participante desta, apenas como instrumento de desenvolvimento. Para ele, o encontro dessas “raças” seria inevitável pela

pujança desenvolvimentista do continente americano e a pujança populacional da China, contudo os segundos são retratados como inferiores aos primeiros. O determinismo fica evidente ainda ao falar sobre o clima. Reproduziremos alguns trechos ilustrativos deste pensamento, onde fica evidente o racismo científico:

Pela mesma razão por que nós não queremos o Africano, o europeu não nos quer; com uma diferença demais a mais contra nós, isto é, que o nosso clima convida o emigrante Ethiopico e repelle o Caucasico. O nosso estado de desenvolvimento industrial, intellectual e moral está muito mais acima da condição do Africano do que abaixo da condição do Europeu. No entanto ninguém emigra sinão para melhorar, e o Europeu não encontra ainda entre nós prehenchida a medida de seu almejo, quando quer adoptar nova patria (MENDONÇA, 1879, p. 16-17).

A imagem do Brasil é uma grande preocupação, e só poderia ser melhorada com o desenvolvimento e a assimilação ao que era considerado “civilizado”. Se o país não fosse visto como civilizado, de que maneira os europeus seriam atraídos para estabelecer-se por aqui? Em outros autores a serem abordados adiante, essa busca por situar o Brasil entre o panteão dos civilizados, ou seja, igualá-lo aos estados europeus em legitimidade, ficará ainda mais evidente. Continuamos em Salvador de Mendonça para mostrar que elementos o tornavam favorável à imigração chinesa.

Obtel-o é, pois, em ultima analyse o que nos convêm fazer. E lançando em torno de nós olhos investigadores, nenhuma immigração, mais do que a Chinez, vemos hoje que possa trazer supprimento immediato e prompto de braços á nossa agricultura e industria. Instrumento transitório da nossa riqueza, ella operará entre nós a substituição do trabalho servil pelo trabalho livre, desbravará o terreno e abrirá os caminhos por onde a emigração da Europa correrá mais tarde a disputar a posse do sólo de nossa patria como a da terra da promissão do século proximo (MENDONÇA, 1879, p. 19).

O trabalho livre é o que se busca alcançar como avanço civilizatório e condição de desenvolvimento. O chinês viria cumprir a função de transição entre uma forma de trabalho e outra, abrindo, assim, o caminho para a vinda em grandes números de imigrantes europeus, que eram os desejados.

Há, em sua obra, uma distinção entre “chim” e o *coolie*. O primeiro seria o imigrante que parte voluntariamente e por sua vontade, sob a proteção de tratados. Já o segundo seria o trabalhador carregado à força, ou simplesmente o mendigo que trocava sua liberdade por quantias ínfimas de dinheiro. Os trabalhadores forçados seriam confundidos com os “chims”. Os *coolies* sim seriam uma mera continuação do negro africano, recrutados entre o que haveria de pior nas regiões portuárias da China. O “chim”, ao contrário, só traria benefícios com o seu

trabalho, que não deveria em nada ao dos europeus. Recusá-lo seria apenas falta de informação. Os compara ainda aos japoneses, defendendo que os chineses seriam muito mais vantajosos que eles, que seriam muito mais nervosos, irritadiços e, além disso, teriam herdado toda a sua civilização da China, antes de sofrerem a influência da Europa e dos Estados Unidos.

Para terminar esta exposição, ficamos com outro trecho que evidencia o caráter transitório que era atribuído a estes imigrantes, mostrando que eram desejados apenas para o trabalho, mas não para a permanência no país.

Este é o povo que se nos antolha como melhor instrumento da nossa grandeza. Usalo durante meio século, sem condições de permanência, sem deixá-lo fixar-se em nosso solo, com renovação periódica de pessoal e de contracto, affigura-se-nos o passo mais acertado que podemos dar para vencer as dificuldades do presente e preparar auspiciosamente o futuro nacional (MENDONÇA, 1879, p. 25).

Outro nome a discutir em um livro a questão da colonização foi Luiz Peixoto de Lacerda Werneck, que foi advogado, fazendeiro, político e diplomata, seguindo o caminho de boa parte dos nomes da elite brasileira de sua época. Werneck, em seu livro “Ideias sobre colonização precedidas de uma sucinta exposição dos principios gerais que regem a população”, propõe formas de melhorar a produtividade, dentre as quais o incremento da população para produzir mais alimentos, o que poderia ser feito com a colonização. Contudo, rejeita com veemência a possibilidade da vinda de imigrantes chineses, tratando-os como povo atrasado e fadado ao desaparecimento ao menor contato com a verdadeira civilização, a europeia, como mostra o trecho a seguir, retirado de seu livro:

As populações da China, como se sabe, pertencem, como todas as nações asiaticas, a essas raças, que estão condemnadas a desaparecer da superficie da terra, como a lia da civilisação, ao mero contacto das nações germânicas e neo-latinas. As nações neo-latinas, anglo-saxonias e os proprios povos slavos, marchão sobre a Asia com a força, impetuosidade e vehemencia de um furacão.

A raça chinesa, estacionaria, de uma civilisação duvidosa, inerte no progresso, ha de ceder o lugar, e ser exterminada e destruida pelas nações propectas da Europa e da America, que, obedecendo a uma missão providencial, caminhão, armadas do gladio evangélico do pharol da civilisação, por avante na imposição das idéas, na conquista e posse dessas para todo o globo (WERNECK, 1865, p. 75-76).

A civilização é retratada como algo em andamento, que atinge o seu ápice na cultura europeia, enquanto a civilização chinesa, acompanhada de todos os seus vizinhos asiáticos, está fadada ao desaparecimento, que virá da imposição das ideias civilizatórias europeias.

Assim como em outros autores, na obra de Werneck, a ideia de civilização aparece corriqueiramente nestas discussões. O que fora abordado acima serve a propósito de amostra. Já é possível pensar em algumas maneiras de explicar o estigma imposto aos chineses.

Etnicidades contrastadas, situadas, negociadas

Se utilizarmos o mesmo aparato teórico utilizado para abordar as identidades étnicas, entendida como uma identidade contrastiva, que ganha sentido a partir de um limite que é identificado no outro (BARTH, 1969; OLIVEIRA, 1976), neste caso os chineses, podemos formular uma hipótese sobre o porquê dos grupos analisados acima se contrapõem aos chineses e estabelecerem como característica própria o ser “civilizado” ou “ocidental”.

Além destes atributos contrastivos da identidade étnica, Roberto Cardoso de Oliveira (2006) acrescenta a ela uma dimensão moral, a do reconhecimento. Esta característica é expressada em sua melhor forma na ideia de respeito. Um indivíduo busca ser respeitado pelo outro, e o mesmo acontece nas relações entre grupos sociais. Quando estão em uma relação desigual, na qual existe o preconceito, ou o estigma, uma das partes da relação desenvolve uma “consciência infeliz”. Foi o que o próprio autor constatou nas relações entre brancos e índios, na qual a categoria “caboclo”, quando utilizada pelo indígena, refletia a ele próprio sob os olhos dos brancos, com toda a carga negativa que ela carregava, como estereótipos de indolência, para citarmos um exemplo. Os brasileiros também demonstraram inquietação quando o país foi retratado de forma negativa, pois assim não conseguiriam atrair os imigrantes desejados. Nota-se a importância que ser reconhecido como um igual entre os “civilizados” tinha.

Da mesma forma, os imigrantes sentem os efeitos da discriminação e também buscam negociar suas identidades. No século XIX, especificamente no caso de imigrantes chineses no Vale do Paraíba (SP), tomados aqui como exemplo, a socialização em irmandades católicas era utilizada como forma de se inserir na sociedade local e buscar o reconhecimento como parte dela (SANTOS, 2021). O catolicismo pode ser compreendido como um traço diacrítico brasileiro neste contexto em que se estabeleceram relações étnicas.⁴

O mesmo pode ser dito sobre os projetos de colonização do século XIX. Havia uma preocupação com a imagem a ser passada, com o reconhecimento pelos demais países

⁴ Para discussões acerca da distribuição demográfica e socialização de imigrantes chineses no século XIX, ver também Peres, 2013 e Leite, 1992.

“civilizados”. Entretanto, estas identidades formuladas em torno de certos diacríticos desejáveis são permeadas de ambiguidade e negociadas constantemente. E essa ambiguidade, notável na expressão das identidades em diferentes contextos, vale tanto para os grupos étnicos, quanto para grupos políticos, o que por vezes envolve ambos, quando se trata de movimentos políticos calcados na etnicidade.

Herzfeld (2008) aponta para a fragilidade das ideologias nacionais, fato que explica a constante demonstração de força por parte do estado que as mobiliza para consolidá-las. Qualquer desafio a elas, que pode ser a própria etnicidade ou diacríticos nacionais alternativos, tencionam estas ideologias.

No caso brasileiro, o branqueamento através da mestiçagem, significando um projeto de desenvolvimento nacional a partir da “raça”, constituiu, como hipótese que gostaríamos de abordar, uma dessas ideologias nacionais. O chinês, como um grupo étnico inassimilável, como muitos acreditavam, era um problema, e por isso indesejável.

O estigma imposto ao chinês baseia-se em uma auto-percepção como parte do mundo civilizado, ou uma busca por fazer parte deste mundo, do qual este grupo não faria parte. Em contextos em que a identidade é contraposta a um europeu, no entanto, a busca pelo reconhecimento como igual é que se impõe. Existiria, portanto, uma “consciência infeliz”, por parte do brasileiro, sobretudo das elites, se mantivermos o século XIX em mente, que busca esconder suas características indesejáveis, ou negociá-las.

Schwarcz (1993) mostra como a mestiçagem foi formulada por pensadores nacionais de forma divergente das teorias originais europeias das quais tiravam inspiração, porque só assim um projeto de país era viável, já que era impossível substituir toda a população por brancos, e a maioria dela era composta de negros, mestiços e não brancos, de forma geral. Evidentemente era um projeto de país que estava baseado na ideia de civilização que era expressada pela Europa em termos raciais e culturais, segundo o pensamento desses homens. Portanto, isso deveria ser feito através da mestiçagem, que iria tornar a população mais clara e, acreditavam eles, automaticamente mais inteligente, capaz e civilizada.

Tal projeto nacional é idealista, entretanto, no pior sentido da palavra. E, como um projeto de estado, buscava se impor a qualquer identidade que o ameaçasse. O chinês não cabe nesta equação, expressada pelo mito das três raças, o indígena, o negro e o branco. Não sendo parte da constituição histórica do país, não poderia integrar seu futuro, a não ser que fosse de forma instrumental, mão-de-obra temporária, como postulavam alguns. Se o nosso país já era

povoado de indesejáveis, não cabia a hipótese de trazer mais deles. O objetivo era ser reconhecido como um bom destino pelos desejáveis, e principalmente como um igual dentre as grandes nações civilizadas.

Durante a pandemia, a ideia de Ocidente, como salvaguarda, se reforçou no seio do imaginário de alguns grupos políticos brasileiros, orbitando em torno do ex-presidente Bolsonaro. O que se expressa como indesejável é o regime político da China, tido como autoritário, obscuro e, principalmente, como ameaça aos costumes que mobilizam como diacrítico de suas identidades, expandidos, mais uma vez, a toda uma ideia de civilização em que se situam.

A China continua sendo um problema de diferentes maneiras, refletindo o momento político global. Se no século XIX era um país subjugado pelas potências colonialistas, agora é visto ele próprio como uma grande potência. Se em um primeiro momento foi relacionado à fraqueza, agora é relacionado ao poder, mas visto de forma negativa, como ameaça. Sob outras óticas possíveis, foi vista de forma instrumental. Se antes seus habitantes eram um salto para o desenvolvimento, servindo como mão-de-obra temporária, agora seu desenvolvimento econômico é que a torna um parceiro essencial, permitindo uma intensa troca comercial. O pragmatismo é a tônica. Os contextos políticos moldam a imagem que se busca construir do Outro e influenciam, desta forma, a formação da própria identidade, já que elas são formuladas a partir das fronteiras sociais criadas de forma relacional.

A descrição dessas relações e os símbolos e imagens que mobilizam, fornecerá um corpo de dados que nos permitirá vislumbrar de que forma, e a partir de que ideais eles se consolidam. A partir do capítulo que se segue, iniciaremos a narrativa de novas controvérsias, mais de um século depois da história contada acima.

CAPÍTULO 2- A CHINA COMO AMEAÇA (1): NARRATIVAS LOCAIS:

As controvérsias que descreveremos aconteceram em um contexto geopolítico de enfrentamento entre China e Estados Unidos, com repercussões globais. Neste contexto, emergiu uma nova imagem negativa da China, tida como ameaça ao “mundo ocidental”. Adiante, no texto, faremos uma análise mais detida deste contexto. Antes, seguiremos com uma descrição de narrativas locais envolvendo o país asiático. A instalação do 5G e a compra de imunizantes para o enfrentamento da Covid-19 tiveram a China como ator, e sua descrição mostra a representação dela disseminada em alguns setores da sociedade brasileira.

Iniciamos no ano de 2019, mais precisamente no mês de novembro. As notícias sobre a instalação do 5G começaram a ser vinculadas ao final do mês. E este principia com a notícia envolvendo um debate entre as operadoras de telefonia e o poder público relacionado ao leilão que concederia o direito de instalar a rede no Brasil. As bandas de 5G seriam negociadas com as operadoras também. Elas preferiam adiar o leilão. A Oi, uma das principais operadoras em atividade no Brasil, alegou vulnerabilidade de caixa, o que a deixaria em desvantagem concorrencial, enquanto a Vivo e a Tim, outras grandes operadoras, defenderam melhores regras de operação, que poderiam ser melhor discutidas com o adiamento. O 5G foi retratado, neste texto jornalístico, como uma grande revolução tecnológica, que viria para causar grande impacto no PIB brasileiro, na ordem de 249 bilhões de reais até 2035⁵. O governo, ao contrário, defendia o leilão em 2020, com senso de urgência.

Neste primeiro momento, as discussões orbitaram em torno deste leilão. Abriram-se consultas públicas para que os interessados pudessem se informar sobre ele. Uma destas consultas foi aberta por Emmanoel Campelo, sobre quem a reportagem não traz maiores informações. Esta consulta foi adiada em mais 60 dias pela Anatel. O que se buscava discutir era o modelo proposto pelo redator do edital, Vicente Aquino⁶, que dividia o país em regiões,

⁵ BONATELLI, Circe. Operadoras querem que leilão do 5G fique para 2021. O Estado de São Paulo. 01 de novembro de 2019. Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,operadoras-querem-que-leilao-do-5g-fique-para-2021,70003072766>. Acesso em: 28/04/2022.

⁶ Conselheiro da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). Biografia disponível em: <https://www.gov.br/anatel/pt-br/composicao/conselho-diretor-1/gabinete-do-conselheiro-vicente-bandeira-de-aquino-neto/vicente-bandeira-de-aquino-neto>.

realizando o leilão em três fases, com reservas de faixas de frequência para as chamadas Prestadoras de Pequeno Porte (PPPs). O modelo desagradava a alguns setores privados.⁷

Passados alguns dias, Jair Bolsonaro se reuniu com o presidente da Huawei, empresa chinesa interessada em participar do leilão para instalar a tecnologia no Brasil. Uma notícia publicada no jornal O Estado de São Paulo relata este encontro. O presidente Bolsonaro demonstrava indiferença, como mostram algumas falas reproduzidas pela reportagem: “Apenas ouvi”, “Se ele falou, eu estava desatento”, foram algumas falas do presidente quando questionado sobre se falou sobre a instalação da rede com o executivo. Mencionou-se ainda, na matéria, que uma empresa sul-coreana, que não teve o nome divulgado, também estaria interessada na compra das bandas de frequência. O presidente comentou: “Levaremos para o lado da oferta e da conectividade”. Deu a entender que privilegiaria sempre aspectos técnicos, antecipando a polêmica que ganhou força nos dias seguintes, como mostraremos em seguida.

A mesma matéria mencionou que o presidente dos Estados Unidos nesta época, Donald Trump, vinha fazendo *lobby* para que a Huawei fosse excluída da disputa em todo o mundo, alegando que a empresa apresentaria riscos à segurança dos países. No caso brasileiro, entretanto, a matéria sugeriu que não haveria entraves e que a Huawei já operava mais de dois terços das linhas de telecomunicações do país, e já até fora escolhida pela Anatel para a realização de testes com a nova tecnologia.⁸

Nilo Pasquale, superintendente de Planejamento e Regulamentação da Anatel, afirmou, no dia 19 de novembro 2019, que a agência pretendia publicar o edital do leilão no primeiro trimestre de 2020. A expectativa das empresas pelo adiamento, procurando recuperar os investimentos alocados ainda na instalação do 4G e capitalizar para o leilão foi relembrada nesta matéria.⁹

A matéria trouxe mais informações importantes. Como a de que Otto Salina, representante do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e Comunicações, afirmara que enviaria ao Congresso um projeto de lei para permitir que o Fundo de Universalização das

⁷ RODRIGUES, Eduardo. Anatel adia novamente abertura de consulta sobre edital do leilão de 5G. O Estado de São Paulo. 07 de novembro de 2019. Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,anatel-adia-novamente-abertura-de-consulta-sobre-edital-do-leilao-de-5g,70003080404>. Acesso em: 28/04/2022.

⁸ FORMENTI, Lígia. Bolsonaro diz que chinesa Huawei quer instalar 5G no Brasil. O Estado de São Paulo. 18 de novembro de 2019. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-chinesa-huawei-quer-instalar-5g-no-brasil,70003094302>. Acesso em: 28/04/2022.

⁹ AGÊNCIAS- REUTERS. Anatel vai publicar edital do leilão do 5G no primeiro 1º tri de 2020. O Estado de São Paulo. 19 de novembro de 2019. Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,anatel-vai-publicar-edital-do-leilao-do-5g-no-1-tri-de-2020,70003095338>. Acesso em: 28/04/2022.

Comunicações fosse utilizado antes da aprovação da PEC dos Fundos Públicos (PEC 187/19). Salina pretendia que o uso do fundo fosse permitido para operadoras de telefonia móvel, que poderiam utilizar a quantia de 21,8 milhões de reais nele acumulados.

O 5G foi tema de um artigo de opinião no dia 21/11/19. Pedro Doria¹⁰, o autor do texto, comemorou o fato de o governo federal ter tomado para si a organização do leilão, afirmando que saindo da Anatel, estaria menos vulnerável a *lobbies*. Afirmou que o sistema tributário brasileiro seria o responsável pela lentidão e que estaria comprometendo o desenvolvimento brasileiro. O leilão deveria acontecer logo. A proposta chinesa, a da Huawei, seria uma saída, mas colocaria Bolsonaro em saia-justa, pela sua subserviência à Trump, como colocou o autor. Nota-se aí o desconforto com a Huawei após as declarações de Trump, então um aliado privilegiado de Bolsonaro.¹¹

Passados dois dias, um fato interessante ocorreu. O secretário-adjunto para política do Serviço de Ação Exterior da União Europeia, Jean-Christophe Belliard concedeu uma entrevista ao jornal O Estado de São Paulo. Na entrevista, abordou o tema do 5G. O secretário falou, com relação ao 5G, que era necessário ter cautela, pois a Huawei possuiria, em seu corpo de funcionários, militares que transmitiriam informações direto ao governo central do país. Para ele o *American way* também não seria o ideal, pois haveria uma preponderância descontrolada das corporações. Seria preciso, então, um modelo que mantivesse a liberdade, mas com modos de prestação de contas ao estado, em benefício da população. Um equilíbrio seria necessário. Mencionou a Nokia e a Ericsson, empresas finlandesa e sueca, respectivamente, como alternativas aos dois modelos que criticava. Fica evidente o jogo de interesses e disputas pela implementação da tecnologia ao redor do mundo, pela sua fala.¹²

Na mesma semana, uma das empresas mencionadas pelo representante europeu, a Ericsson, anunciou que investiria 1 bilhão de reais no Brasil para desenvolver a tecnologia 5G. A empresa buscava, com esse investimento, adaptar a sua linha de montagem, então já instalada em São José dos Campos, no interior de São Paulo. A empresa visaria ainda, com tal aporte, atender a demanda pelo 5G no continente latino-americano. Os investimentos seriam

¹⁰ Jornalista e escritor brasileiro.

¹¹ DORIA, Pedro. Como o 5G reflete a encrência brasileira. O Estado de São Paulo. 21 de novembro de 2019. Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/geral,como-o-5g-reflete-a-encrência-brasileira,70003097874>. Acesso em: 28/04/2022.

¹² CANTANHÊDE, Eliane. "A China pressiona pelo 5G, mas é preciso ter cautela". Entrevista com Jean-Christophe Belliard. O Estado de São Paulo. 23 de novembro de 2019. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,a-china-pressiona-pelo-5g-mas-e-preciso-ter-cuidado,70003099585>. Acesso em: 28/04/2022.

realizados entre os anos de 2020 e 2025. O texto abordou a concorrência com a Nokia e com a Huawei, ambas com fábricas instaladas no mesmo estado.¹³

O anúncio chegou após a Huawei sinalizar um aporte de 800 milhões em sua fábrica nos próximos anos. A matéria finalizou ressaltando que a Ericsson era responsável, naquele momento, por 23 das linhas já em operação no país e que já possuía mais de 80 acordos em todo o mundo para a implementação da nova tecnologia. Tal afirmação demonstra a confiabilidade da empresa.

A Anatel deixou público que seguiria o “princípio da neutralidade”, o que significa que permitiria a todos os fornecedores a participação no mercado e a oferta de tecnologia de ponta. As empresas interessadas participaram de discussões junto à comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara. Retomaram-se as conversas sobre os planos de investimentos anunciados por elas. No caso da Huawei, mencionou-se que os Estados Unidos eram contrários aos planos de investimento.¹⁴

Ao final do mês, o ministro Marcos Pontes¹⁵ reiterou que o leilão não vetaria nenhuma das tecnologias.¹⁶ Em entrevista ao jornal, o ministro da Ciência, Tecnologia e Inovações afirmou que não haveria nenhuma interferência no mercado, e sim fiscalização e regulamentação, pelos quais todas as empresas passariam igualmente, não apenas as chinesas, foco da controvérsia. Disse ainda que o Brasil possuía soberania e que os riscos fariam parte dos negócios, lembrando que tanto empresas norte-americanas, quanto chinesas, já operavam em nossas linhas de telecomunicação e que esta seria mais uma tecnologia a ser implementada. Declarou não haver pressão dos Estados Unidos, mas diferentes aproximações com relação à tecnologia, com o Brasil seguindo critérios científicos e técnicos. Todas as decisões seriam tomadas desta forma. Em outro momento, afirmou que oito laboratórios de tecnologia com ênfase em segurança cibernética estariam sendo construídos em conjunto com o Exército.

¹³ AGÊNCIAS-REUTERS. Sueca Ericsson investirá R\$1 bi para desenvolver 5G no Brasil. O Estado de São Paulo. 25 de novembro. Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,sueca-ericsson-investira-r1-bi-para-desenvolver-5g-no-brasil-diz-executivo,70003102466>. Acesso em: 28/04/2022.

¹⁴ BORGES, André. Anatel diz que decisão sobre tecnologia 5G vai seguir ‘princípio da neutralidade’. O Estado de São Paulo. 27 de novembro de 2019. Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/geral,anatel-diz-que-decisao-sobre-tecnologia-5g-vai-seguir-principio-da-neutralidade,70003104734>. Acesso em: 28/04/2022.

¹⁵ Engenheiro, astronauta e político brasileiro. Foi Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovações no período 2019-2022.

¹⁶ RODRIGUES, Lorena. ‘Leilão de 5G não vetará nenhuma das tecnologias’, diz Pontes. Entrevista com Marcos Pontes. O Estado de São Paulo. 29 de novembro de 2019. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,leilao-de-5g-nao-vetara-nenhuma-das-tecnologias-diz-pontes,70003106852>. Acesso em: 28/04/2022.

A China apareceu nas discussões mesmo quando não era o foco principal delas. Havia receio quanto à concessão à Huawei para a instalação da tecnologia, insuflada, em primeiro lugar, e de maneira mais enfática, pelo então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Contudo, a partir do que foi dito pelo representante da União Europeia entrevistado pelo jornal, nota-se que a disputa pela tecnologia era, e ainda é, muito mais ampla, envolvendo interesses econômicos e de segurança ao redor do mundo.

Líderes como o presidente norte-americano suspeitavam que a Huawei, através de suas tecnologias, faria espionagem em outros países, submetendo informações sigilosas destes estados ao Partido Comunista Chinês. Esta ideia também é levantada por Jean-Christophe Belliard na entrevista mencionada. Podemos considerar que o uso destas acusações servia ainda como instrumento de guerra discursiva entre Estados Unidos e China.

As reverberações desta ideia chegaram ao Brasil, não de forma tão viva quanto em outros lugares, mas sob a forma de desconfiança. Os brasileiros demonstraram cautela em suas escolhas, sempre enfatizando o caráter técnico delas. As relações entre Brasil e China ditam esta postura pragmática, pois a Huawei já é atuante no país e o ramo das comunicações é de certa forma dependente dela, como demonstra a matéria que informa que mais de 2/3 de nossas linhas já são instaladas pela empresa. Mesmo com pragmatismo, a desconfiança apareceu de forma sutil. Bolsonaro, por exemplo, deixou claro que “apenas ouviu” o presidente da Huawei, para esclarecer que não estabelecera acordo algum.

Outro foco de polêmicas tendo a China como pano de fundo foi a compra de imunizantes para combater a pandemia de Covid-19. As observações começaram no mês de setembro de 2020, quando se iniciaram os testes de eficácia das primeiras vacinas contra a Covid-19. Já se notava, desde esse momento, que os comentários sobre a China seriam constantes. Com a cobertura jornalística de todas as etapas de testes, compra e aplicação das vacinas, as caixas de comentários das plataformas online dos jornais foram palco de calorosas discussões por parte dos leitores.

O anúncio de que os testes seriam realizados já havia sido feito dois meses antes, em julho, e o acordo ainda antes, em junho. A vacina já era vista por muitos com desconfiança desde então. Com o início dos testes a desconfiança se manteve firme e até ganhou força¹⁷.

¹⁷ As observações foram feitas digitando o termo “Coronovac”, nome do imunizante chinês envolvido nas polêmicas. As observações foram feitas pesquisando o conteúdo de 6 meses de matérias jornalísticas e consulta

Matérias do Projeto Comprova¹⁸, projeto de checagem de notícias falsas do qual O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo fazem parte, mostrou como a desconfiança já era sentida. No mês de junho, desmentiu-se uma notícia propagada por um vídeo postado no YouTube que afirmava que o governo de São Paulo havia firmado parceria com o laboratório chinês em 2019, portanto, antes do início da pandemia¹⁹.

No mês de julho, quando foi autorizado o início dos testes com a vacina pela ANVISA (Agência Brasileira de Vigilância Sanitária), muitas outras matérias do Projeto Comprova checando notícias sobre as vacinas foram publicadas. Em uma delas, a foto de um estudante alérgico a amendoim circulou pelo Facebook, com seu rosto inchado pelo contato com pasta a base deste produto após sofrer um trote em uma universidade nos Estados Unidos anos antes do início da pandemia, como se fosse reação a alguma vacina contra o Covid-19²⁰.

Esses boatos diziam respeito não só à Coronavac, mas a outras vacinas em fase de testes também. Outra matéria do Comprova publicada no mês de julho, mostrou um post no Facebook que distorcia informações publicadas na Revista Marie Claire, oriundas de uma entrevista com uma paciente voluntária dos testes que dizia ter sentido sintomas como febre, dores no corpo e dores de cabeça. A postagem atribuiu os sintomas à Coronavac. Entretanto, tratava-se de testes realizados com a Oxford/Astrazeneca e, além disso, os sintomas foram considerados leves pelos responsáveis pela condução do estudo clínico²¹.

Em agosto, mês anterior ao que demos início à observação sistemática das notícias e comentários, mais alguns boatos foram elucidados, no mesmo Projeto Comprova. Um deles falava da implementação de um nanochip que rastreadoria as pessoas e diminuiria sua imunidade

aos comentários feitos por leitores no espaço destinado a isso nos sites jornais O Estado de São Paulo e folha de São Paulo na internet.

¹⁸ “O Projeto Comprova é uma iniciativa colaborativa e sem fins lucrativos que reúne jornalistas de 43 veículos de comunicação brasileiros para descobrir e investigar informações suspeitas sobre políticas públicas, eleições presidenciais e a pandemia de covid-19 que foram compartilhadas nas redes sociais ou por aplicativos de mensagens”. Esta é a definição do Projeto Comprova disponibilizada em seu site oficial. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/>. Acesso em: 03/11/2022.

¹⁹ PROJETO COMPROVA. Parceria para vacina contra Covid-19 não foi firmada por Doria no ano passado. O Estado de São Paulo, 18 de junho 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/parceria-para-vacina-contr-a-covid-19-nao-foi-firmada-por-doria-no-ano-passado/>. Acesso em: 16/02/2022.

²⁰ MONNERAT, Alessandra. Foto de alergia a amendoim é compartilhada como se fosse reação a vacina de Covid-19. O Estado de São Paulo, 28 de julho 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/foto-de-alergia-a-amendoim-e-compartilhada-como-se-fosse-reacao-a-vacina-contr-a-covid-19/>. Acesso em: 16/02/2022.

²¹ LIMA, Samuel. Boato distorce relato de mulher que diz ter participado de testes da vacina de Oxford. O Estado de São Paulo, 28 de julho de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/boato-distorce-relato-de-mulher-que-diz-ter-participado-de-testes-da-vacina-de-oxford/>. Acesso em: 16/02/2022.

através da tecnologia 5G. O *post* foi compartilhado no Facebook. Este em específico traz de forma combinada duas das controvérsias que nos preocupam neste trabalho. Médicos desmentiram o boato, afirmando que nanochips não emitem nenhuma radiação que possa causar os problemas elencados no *post*²².

Outro *post*, que circulou no Facebook e Instagram pela página mexicana *Enseñame sobre ciencia*, trazia informações distorcidas sobre a cientista Sarah Gilbert, da Universidade de Oxford, participante do desenvolvimento da vacina naquela universidade, afirmando que ela escolhera deliberadamente aplicar a vacina em seus três filhos trigêmeos para comprovar sua eficácia. A peça de desinformação afirmava ainda que a cientista garantia sua eficácia e sua distribuição já em 2020. Contudo, os filhos foram voluntários nos testes e a cientista não garantira nada, apenas fizera um comentário otimista, devendo a vacina ainda passar por todos os testes antes de ser disponibilizada²³.

Este exemplo demonstra que a disseminação de falsas notícias fez parte de uma disputa informacional entre diferentes grupos que geraram discussões na internet, tendo, provavelmente, influenciado a opinião de muitos internautas, possivelmente leitores dos jornais levados em conta neste trabalho, inclusive.

Outras duas notícias falsas envolvendo a vacina diziam, respectivamente, que o governador de São Paulo, João Doria²⁴ (PSDB), havia tomado a vacina Coronavac e outra questionava a ética de pesquisa em humanos utilizada nas pesquisas de eficácia da vacina. A primeira diz respeito a um *tweet*, feito na rede social Twitter, por um então pré-candidato a vereador em Fortaleza (CE), Carmelo Neto (Republicanos), que dizia: “João Doria pegou coronavírus. Não foi ele que tomou e defendeu a vacina chinesa?”²⁵. O comentário do

²²COELHO, Gabi. Não, a vacina contra covid-19 não virá com nanochip para rastrear pessoas com 5G. O Estado de São Paulo, 11 de agosto de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/nao-existe-vacina-contracovid-19-que-use-nanochip-para-rastrear-pessoas-com-5g/>. Acesso em: 16/02/2022.

²³LIMA, Samuel. Boato distorce participação de filhos de cientista de Oxford em testes da vacina contra a covid-19. O Estado de São Paulo, 12 de agosto de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/boato-distorce-participacao-de-filhos-de-cientista-de-oxford-em-testes-da-vacina-contracovid-19/>. Acesso em: 16/02/2022.

²⁴ João Agripino da Costa Doria Junior (São Paulo, 16 de dezembro de 1957) é um empresário, jornalista, publicitário e ex-político brasileiro, ex-prefeito do município de São Paulo e ex-governador do estado de São Paulo. Tornou-se conhecido como entrevistador em talk-shows, palestrante e organizador de eventos empresariais. É criador e presidente licenciado do Grupo Doria. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Doria.

²⁵ PROJETO COMPROVA. É falso que João Doria tenha tomado vacina chinesa contra a covid-19. O Estado de São Paulo, 12 de agosto de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/e-falso-que-joao-doria-tomou-vacina-chinesa-contracovid-19/>. Acesso em: 16/02/2022.

candidato reflete o tom utilizado em muitos comentários no decorrer dos meses em que observamos o conteúdo das discussões na plataforma online do jornal.

A segunda também buscava desacreditar a vacina afirmando que seria antiética a testagem em humanos, e que estariam tentando usar “o povo baiano como cobaia dos chineses”. O *post* publicado por Leandro de Jesus²⁶, em uma conta com milhares de seguidores, ainda buscava vincular o governador da Bahia na época, Rui Costa (PT), aos chineses, valendo-se de uma foto descontextualizada. Tratava-se de uma foto de 2017 quando visitou um porto na cidade de Tianjin, na China, e não possuía nenhuma relação com o acordo para testagens de vacinas. A postagem utilizou argumentos de autoridade do urologista Modesto Jacobina²⁷, que desaconselhava a testagem da vacina em humanos e advogava pelo uso de medicamentos como azitromicina, ivermectina e cloroquina no tratamento da covid-19, segundo apontou o Comprova²⁸.

Ambos buscaram passar uma percepção negativa do imunizante vinculando-o à China, olhando sempre com desconfiança o país asiático. Medo e desconfiança são dois componentes relevantes da imagem que se faz da China nesse período de observação, atribuindo-lhe os estereótipos de maldade, obscurantismo, autoritarismo e assim por diante.

Bolsonaro vs. Dória: os protagonistas da controvérsia

Em setembro os testes já haviam iniciado e acirrou-se uma disputa política entre os governos de São Paulo e o Federal em torno do imunizante. Como pano de fundo apareceu a China, alvo de diversas especulações maléficas relacionadas à vacina e à pandemia como um todo.

Dória falava em um tom de neutralidade, afirmando não importar de que país viesse a vacina, que o importante seria imunizar os brasileiros. Sua fala em nome dos “brasileiros” chama a atenção, demonstrando uma postura de liderança nacional no que diz respeito à vacina, não se restringindo ao seu próprio estado.

²⁶ Advogado baiano, posteriormente candidato a deputado estadual na Bahia pelo Partido Liberal (PL).

²⁷ Urologista atuante na cidade de Salvador-BA. Fonte: Assembleia Legislativa da Bahia. Disponível em: <https://www.al.ba.gov.br/historia-do-legislativo/titulos-e-condecoracoes/homenageados/194>.

²⁸ PROJETO COMPROVA. É enganosa postagem que questiona ética dos testes em humanos de vacinas para covid-19. O Estado de São Paulo, 14 de agosto de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/e-enganosa-postagem-que-questiona-etica-dos-testes-em-humanos-de-vacinas-para-covid-19/>. Acesso em: 16/02/2022.

Ao final do mês, baseando-se em um estudo conduzido com cinquenta mil pessoas, o governo de São Paulo previu a aquisição de sessenta milhões de doses, conforme matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo por Felipe Resk, Nicholas Shores e Pedro Caramuru (2020)²⁹. Noticiou-se que a vacina se mostrara segura na fase 3 de testes clínicos e que o governo paulista pretendia adquirir sessenta milhões de doses para começar a aplicação já em dezembro de 2020. A notícia trouxe argumentos de autoridades confirmando a segurança da vacina, como o próprio diretor da Sinovac, sua desenvolvedora, Xing Hen, e o infectologista Alexandre Naime. Dória falou em tom conciliador que não existiria corrida pela vacina, e sim pela vida. Cientistas políticos apontaram para o ganho político do governador paulista em um possível cenário de corrida presidencial, indicando o clima de disputa envolvendo o governador e o presidente da República, que como será demonstrado, entraram em um embate, no qual um acusava o outro de “politização” da vacina. Ao final do mês a compra foi aprovada. O jornal Estadão noticiou dando ênfase à atuação do governo paulista³⁰. A vacina foi retratada como uma ótima opção para o Brasil devido à facilidade de armazenamento³¹.

No mês de outubro a disputa se intensificou entre governador e presidente para, posteriormente, envolver também órgãos considerados técnicos, a Agência Brasileira de Vigilância Sanitária (ANVISA) e o Instituto Butantan. Tudo se iniciou com a submissão dos dados da Coronavac à ANVISA pelo Butantan, com a intenção de entrar com o pedido de uso emergencial da vacina³². Bolsonaro e Dória divergiram acerca da obrigatoriedade de se vacinar. Enquanto o governador afirmava que em São Paulo a imunização seria obrigatória assim que a vacina estivesse disponível, Bolsonaro sustentava a posição de que cada cidadão seria livre para escolher. O presidente proferiu frases como: “Não vou comprar essa vacina chinesa”. Os jornais enfatizaram essas falas contrárias proferidas por Bolsonaro. O presidente disse: “O

²⁹ RESK, Felipe, SHORES, Nicholas e CARAMURU, Pedro. Estudo com 50 mil pessoas mostra que vacina chinesa é segura; SP prevê 60 milhões de doses. O Estado de São Paulo, 23 de setembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,estudo-com-50-mil-voluntarios-aponta-eficacia-de-vacina-chinesa-diz-doria,70003449388>. Acesso em: 16/02/2022.

³⁰ O Estado de São Paulo. 30 de setembro de 2020. Disponível em: https://busca.estadao.com.br/?tipo_contenido=Todos&quando=01%2F09%2F2020-30%2F09%2F2020&q=coronavac. Acesso em: 16/02/2022.

³¹ BOTTALLO, Ana. Vacina da Sinovac é segura em idosos, mas produz resposta imune mais baixa. Folha de São Paulo. 9 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/vacina-da-sinovac-e-segura-em-idosos-mas-produz-resposta-imune-mais-baixa.shtml>.

³² COTES, Paloma. Instituto Butantã entrega dados da coronavac à Anvisa para registro da vacina. O Estado de São Paulo, 02 de outubro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,instituto-butanta-entrega-dados-da-coronavac-a-anvisa-para-registro-da-vacina,70003461047>. Acesso em: 16/02/2022.

CANCIAN, Natália. Anvisa inicia análise de dados para futuro registro da vacina Coronavac. Folha de São Paulo, 2 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/10/anvisa-inicia-analise-de-dados-para-futuro-registro-da-vacina-coronavac.shtml>. Acesso em: 03 de novembro.

ministério não vai impor nada”. As falas foram reproduzidas nas matérias. Bolsonaro ainda ironizou Dória: “Médico do Brasil”.³³ O governador paulista rebateu afirmando que estava ao lado da ciência e “a favor da vida”.

Entre os leitores as opiniões se dividiram. Muitos acusaram a China de ter criado o vírus para em seguida lucrar com a solução, que seria a vacina. João Dória, empresário que é, estaria apenas buscando lucros políticos e econômicos com os negócios envolvendo a vacina vinda da China. Foi chamado até mesmo de “ditadória”, em um jogo de palavras que alude à sua postura em relação à pandemia, como a proposta de obrigatoriedade do imunizante. Outros se colocaram a seu favor, dizendo simplesmente que estar contra Bolsonaro é estar certo.

Na Folha, uma reportagem chega a mencionar três fatores que poderiam dar vantagem política para Doria sobre Bolsonaro e que poderiam ser exploradas pelo então governador no futuro, em uma possível disputa. Dentre elas, a vacina.³⁴

Em uma sessão de opinião do jornal O Estado de São Paulo foi publicado um texto que se referia à postura do presidente da República como “desumana e indigna”, afirmando ser inaceitável a politização da pandemia, que julgaram ser a tônica de sua atuação desde o início da crise. Como não há a identificação do autor deste texto, conclui-se que esta é a posição do jornal como um todo.³⁵

O Ministério da Saúde chegou a anunciar a compra de 46 milhões de doses da Coronavac após visita de João Dória à Brasília. Eduardo Pazuello³⁶, então ocupante do cargo de ministro da Saúde, afirmou: “Esta será a vacina do Brasil”³⁷. Este marcador do gentílico da

³³HONORATO, Ludimila. Doria afirma que vacina será obrigatória em SP; Bolsonaro diz que ministério não vai impor nada. O Estado de São Paulo, 16 de outubro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,vacinacao-contr-a-covid-19-sera-obrigatoria-no-estado-de-sao-paulo-afirma-doria,70003478444>. Acesso em: 16/02/2022.

³⁴ GIELOW, Igor. Por disputa ao Planalto, Doria aposta na guerra da vacina e na economia contra Bolsonaro. Folha de São Paulo. 16 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/10/por-disputa-ao-planalto-doria-aposta-em-guerra-da-vacina-e-na-economia-contr-a-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 04/11/22.

³⁵ NOTAS & INFORMAÇÕES. A politização da vacina. O Estado de São Paulo, 19 de outubro. Disponível em: <https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-politizacao-da-vacina,70003480029>. Acesso em: 16/02/2022.

³⁶ Eduardo Pazuello GCMA (Rio de Janeiro, 19 de julho de 1963) é um general de divisão do Exército Brasileiro. Foi ministro da Saúde do Brasil durante a pandemia de COVID-19 no país, entre 2020 e 2021. Em 1 de junho de 2021, foi designado por Bolsonaro como secretário de Estudos Estratégicos da Secretaria de Assuntos Estratégicos. Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Pazuello.

³⁷ VENCESLAU, Pedro e CAMBRICOLI, Fabiana. Ministério da Saúde anuncia que vai comprar 46 milhões de doses da vacina chinesa. O Estado de São Paulo, 21 de outubro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,ministerio-da-saude-vai-comprar-46-milhoes-de-doses-da-vacina-chinesa,70003482216>. Acesso em: 16/02/2022.

vacina precisa ser destacado. Podemos afirmar que ele serve como oposição ao termo “vacina chinesa”, que vinha sendo utilizado como forma de desacreditar o imunizante, atribuindo “chinesa” a “ruim”, de forma implícita.

O presidente “desautorizou” esta compra, afirmando: “minha decisão é a de não comprar essa vacina chinesa”³⁸. A jornalista Vera Rosa (2020), autora de uma das matérias que trouxe esta informação, afirmou que com esta postura Bolsonaro se reaproximaria da “ala ideológica” do governo³⁹.

Doria, em visita a Brasília para encontrar o ministro, afirmou que: “a vacina é que vai nos salvar, não é a ideologia, política ou processo eleitoral”.⁴⁰ O Ministério da Saúde soltou uma nota de esclarecimento afirmando que houve um erro de interpretação, dizendo que apenas fez um memorando de entendimento não vinculante, e não se obrigava a adquirir a vacina.⁴¹

Governadores e parlamentares pressionaram para que Bolsonaro não interferisse politicamente na aquisição de vacinas. O presidente, por sua vez, afirmou que qualquer vacina estaria descartada até que fosse aprovada pela Anvisa.⁴² O Instituto Butantan demonstrou perplexidade com a fala do presidente sobre a aquisição dos imunizantes, dizendo que não havia margem para má interpretação do que fora dito pelo ministro.⁴³

³⁸O Estado de São Paulo. Disponível em: https://busca.estadao.com.br/?tipo_conteudo=Todos&quando=21%2F10%2F2020-21%2F10%2F2020&q=coronavirus. Acesso em: 16/02/2022.

³⁹ ROSA, Vera. Bolsonaro aproveita disputa com Doria sobre vacina para se reaproximar da ala ideológica. O Estado de São Paulo, 21 de outubro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-se-irrita-com-doria-e-recua-de-acordo-para-vacina-chinesa-apos-pressao-de-ala-ideologica,70003483983>. Acesso em: 16/02/2022.

⁴⁰ URIBE, Gustavo. ‘A vacina é que vai nos salvar, não é a ideologia, política ou processo eleitoral’, diz Doria. Folha de São Paulo. 21 de outubro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/a-vacina-e-que-vai-nos-salvar-nao-e-a-ideologia-politica-ou-processo-eleitoral-diz-doria.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

⁴¹ CANCIAN, Natália; CARVALHO, Daniel. Pressionada por Bolsonaro, Saúde nega acordo com Doria para compra de vacinas. Folha de São Paulo. 21 de outubro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/pressionada-por-bolsonaro-saude-nega-acordo-com-doria-para-compra-de-vacinas-chinesas.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

⁴² LEMOS, Iara. Parlamentares pedem que Bolsonaro deixe diferenças políticas fora de discussão sobre a vacina. Folha de São Paulo. 21 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/parlamentares-pedem-que-bolsonaro-deixe-diferencas-politicas-fora-de-discussao-sobre-vacina.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

MONTESANTI, Beatriz. ‘Toda e qualquer vacina está descartada’, diz Bolsonaro após polêmica com Doria. Folha de São Paulo. 21 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/toda-e-qualquer-vacina-esta-descartada-diz-bolsonaro-apos-polemica-com-doria.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

⁴³ BOTTALLO, Ana. Instituto Butantan diz se espantar com fala de Bolsonaro sobre não comprar vacina. Folha de São Paulo. 21 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/instituto-butantan-diz-se-espantar-com-fala-de-bolsonaro-sobre-nao-comprar-vacina-chinesa.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

Nas caixas de comentários d'O Estado de São Paulo, os leitores mostraram-se indignados com a “politização da vacina” por parte do governo federal, demonstrando perplexidade com sua recusa em adquirir o imunizante. Outros leitores, favoráveis à decisão do presidente, mostraram-se desconfiados com relação à “vacina chinesa”. Questionavam-se sobre sua segurança, origem e coisas do tipo. A desconfiança se dá, ainda, com relação aos reais motivos do esforço de João Dória para que se realizasse a compra da vacina. Acreditavam que a politização partia dele, e não do presidente.

Na Folha, a opinião dos leitores tomou um rumo um pouco diferente. Primeiro, a opinião dominante é a que atribui incapacidade ao governo federal e, além disso, má fé e politicagem por parte de Bolsonaro. Neste ponto divergem da opinião dos leitores do Estadão. Segundo, eram da opinião de que o ministro Eduardo Pazuello fora humilhado e que, assim, humilhara também as Forças Armadas. Estas duas visões permearam a maioria dos comentários. Nos que a China fora mencionada, neste contexto, foi referida majoritariamente como importante parceiro comercial, com lamentações quanto a postura do presidente ao se relacionar com este país. Os desfavoráveis diziam que a China seria responsável pela criação do vírus. No entanto, apareceram com menor frequência.

O confronto Anvisa vs Butantan

Na sequência desses conflitos, uma outra polêmica deu início aos embates entre ANVISA e Butantan. Trata-se da liberação, por parte da ANVISA, para a compra de 6 milhões de doses prontas da Coronavac pelo Instituto Butantan, que fizera pressão por essa aprovação. Os comentários repetiam o mesmo padrão: os que acusavam a China de ter criado o vírus e os que questionavam os procedimentos da ANVISA sob a ótica da “politização”. Outros acusavam os defensores do presidente de “defensores de milicianos” e sugeriam que estes conflitos seriam apenas “cortinas de fumaça” para outras ações do governo federal⁴⁴.

⁴⁴ CAMBRICOLI, Fabiana. Após pressão do Butantã, Anvisa libera importação de 6 milhões de doses da Coronavac. O Estado de São Paulo, 23 de outubro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,apos-pressao-do-butanta-anvisa-libera-importacao-de-6-milhoes-de-doses-da-coronavac,70003486767>. Acesso em: 16/02/2022.

Esta disputa fez com que a Associação dos Servidores da ANVISA soltasse uma nota afirmando que não aceitaria pressões e que os servidores estavam realizando seu trabalho de forma técnica e imparcial⁴⁵.

O caso chegou ao Supremo Tribunal Federal (STF), com pedidos de partidos da oposição para que Jair Bolsonaro colaborasse na aquisição de vacinas. O pedido foi assinado por: PC do B, PSOL, PT, PSB e Cidadania.⁴⁶

Doria chegou a se aproximar do presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM), para exigir imparcialidade na aprovação de imunizantes.⁴⁷ Cogitou-se a criação de um consórcio entre governos estaduais para facilitar a distribuição de vacinas. Bolsonaro foi colocado na posição de entrave político à compra de imunizantes. Governadores chegaram a planejar um encontro com os líderes das casas legislativas, Câmara e Senado, para conversarem sobre a pandemia⁴⁸. Mesmo com todas estas disputas, a ANVISA concedeu a autorização para que o Instituto Butantan importasse insumos para a produção da vacina. A autorização foi concedida no dia 28 de outubro⁴⁹.

Antônio Barra Torres⁵⁰ concedeu uma entrevista ao jornal Folha de São Paulo para esclarecer as suspeitas de atuação política do órgão. Disse que a postergação de análises de forma política e intencional é criminosa e que ele atuaria imediatamente contra isso, se comprovada alguma ação neste sentido. Recuou de outras perguntas relacionadas à política,

⁴⁵ COELHO, Marcela. Após polêmica de vacina, entidade de servidores da Anvisa diz que não vai tolerar pressões. O Estado de São Paulo, 23 de outubro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,apos-polemica-de-vacina-entidade-de-servidores-da-anvisa-diz-que-nao-vai-tolerar-pressoes,70003486676>. Acesso em: 16/02/2022.

⁴⁶ TURTELLI, Camila e PIRES, Breno. Partidos vão ao STF para obrigar Bolsonaro a colaborar com vacinas; Fux prevê judicialização. O Estado de São Paulo, 23 de outubro. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,partidos-vao-ao-stf-para-obrigar-governo-bolsonaro-a-colaborar-com-vacinas,70003486571>. Acesso em: 16/02/2022.

⁴⁷ TURTELLI, Camila e CARAMURU, Pedro. Maia prega diálogo com governo federal para avançar no desenvolvimento de todas vacinas contra covid. O Estado de São Paulo, 23 de outubro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,maia-prega-dialogo-com-governo-federal-para-avancar-no-desenvolvimento-de-todas-vacinas-contracovid,70003486565>. Acesso em: 16/02/2022.

⁴⁸ HONORATO, Ludimila. Consórcio para comprar vacina é promissor, mas esbarra em problema político, dizem especialistas. O Estado de São Paulo, 23 de outubro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,consorcio-para-comprar-vacina-e-promissor-mas-esbarra-em-problema-politico-dizem-especialistas,70003485681>. Acesso em: 16/02/2022.

⁴⁹ CAMBRICOLI, Fabiana e MENGUE, Priscila. Anvisa autoriza Butantã a importar insumo para produção de 40 milhões de doses da Coronavac. O Estado de São Paulo, 28 de outubro. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,anvisa-autoriza-butanta-a-importar-insumo-para-producao-de-40-milhoes-de-doses-da-coronavac,70003492700>. Acesso em: 16/02/2022.

⁵⁰ Antônio Barra Torres (Rio de Janeiro, 8 de Abril de 1964) é um Contra-almirante da Marinha do Brasil, médico e atual diretor-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Fonte: Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Barra_Torres.

mas negou que a origem do imunizante tivesse alguma importância para a elaboração dos pareceres técnicos.⁵¹

A entrevista foi publicada em um contexto em que a ANVISA continuava sob suspeitas de atuação política devido às declarações de Bolsonaro sobre a vacina. Na mesma semana, o presidente havia dito: “Não acredito que a vacina chinesa transmita segurança pela sua origem”.⁵²

O Instituto Butantan continuava fazendo pressão. Para a diretoria do instituto a atuação da ANVISA estava atrasando a importação de insumos e a fabricação de imunizantes no Brasil. Desta vez os chineses também entram na disputa. Alguns veículos midiáticos chineses afirmaram que a vacina havia sido bem recebida em outros lugares, demonstrando perplexidade com a demora para a aceitação no Brasil.⁵³

O tom predominante nos comentários era crítico ao governo federal, com demonstrações de indignação. Os militares também sofreram críticas, tachados de “paus mandados” do governo e de aproveitadores. Já a China apareceu como importante parceiro comercial do Brasil, novamente. Muitos comentaram, em resposta aos críticos, que a maioria de seus produtos já tinham origem chinesa. Poucos seguiam a linha do presidente. Havia ainda muitos críticos ao alinhamento automático com os Estados Unidos. Outros poucos se referiam ao Brasil com muito pessimismo, como parte do “terceiro mundo”. Um leitor chama o país de “banania”.

Nota-se, a partir destes comentários, uma postura diferente entre os leitores da Folha e do Estadão. Enquanto na Folha era mais comum encontrar críticos ao governo federal e pessoas que encaravam as relações com a China de forma mais pragmática, no Estadão se encontravam

⁵¹ CANCIAN, Natália. ‘Não se pode cogitar postergar análise de vacina por questões políticas’, diz presidente da ANVISA. Folha de São Paulo. 22 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2020/10/nao-se-pode-cogitar-postergar-analise-de-vacina-por-questoes-politicas-diz-presidente-da-anvisa.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

⁵² COLLETTA, Ricardo Della. ‘Não acredito que vacina chinesa transmita segurança pela sua origem’, afirma Bolsonaro. Folha de São Paulo. 22 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/10/nao-acredito-que-vacina-chinesa-transmita-seguranca-pela-sua-origem-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

⁵³ BERGAMO, Mônica. Butantan diz que ANVISA retarda importação de matéria-prima e impede fabricação da vacina chinesa no Brasil. Folha de São Paulo. 22 de outubro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/10/butantan-diz-que-anvisa-retarda-importacao-de-materia-prima-e-impede-fabricacao-da-vacina-chinesa-no-brasil.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

SÁ, Nelson de. Outros falaram muito bem da vacina, responde a China. Folha de São Paulo. 22 de outubro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nelsondesa/2020/10/outros-paises-falaram-muito-bem-da-vacina-responde-a-china.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

mais comentários em apoio, bem como uma postura crítica à China e também acusatória, em alguns comentários.

A morte do voluntário

Em novembro esse embate envolvendo a ANVISA ganhou contornos mais dramáticos e notou-se uma intensificação nas discussões. No mesmo dia em que se anunciou a chegada dos primeiros lotes da Coronavac ao estado de São Paulo⁵⁴, a ANVISA determinou a interrupção dos testes clínicos em decorrência da morte de um dos pacientes voluntários da pesquisa. Esta determinação causou muita discussão⁵⁵.

Entre os leitores do Estadão que deixavam seus comentários na plataforma do jornal a “ciência” se mostrava um aspecto central em seus argumentos, que seguiam a dualidade “contra- a favor”, no que diz respeito à interrupção dos testes. A ciência aparecia como um campo neutro, livre de qualquer influência política, religiosa, regida por nada além da objetividade técnica. As crenças não poderiam ter espaço. Tendo isso em vista, eram favoráveis à decisão da ANVISA, citando protocolos de testes em que um “evento adverso” precisaria ser verificado, ou contrários, afirmando que as interferências políticas estariam comprometendo o trabalho de uma agência reguladora essencial para o país.

Sob esta perspectiva, a ANVISA teria tomado a decisão certa, e o governo federal também, ao se recusar comprar uma vacina ainda sem comprovação de eficácia e, além disso, fabricada na China, o “criador” do vírus. Ou, ao contrário, estaria aparelhada por fanáticos, militares que nada sabiam acerca da atuação da agência e buscariam apenas favorecer o governo federal frente a seus adversários políticos.

Já os da Folha demonstraram suspeita, e viam a possibilidade de interferência política na ANVISA, partindo do presidente Bolsonaro. Lembraram da interrupção com testes da

⁵⁴ RESK, Felipe. Primeiras 120 mil doses da Coronavac chegam em 20 de novembro, diz Doria. O Estado de São Paulo, 09 de novembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,primeiras-120-mil-doses-da-coronavac-chegam-em-20-de-novembro-diz-doria,70003507447>. Acesso em: 16/02/2022.

MAZZO, Aline. Lote com primeiras doses da Coronavac chegam em 20 de novembro a SP, diz Doria. Folha de São Paulo, 09 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2020/11/lote-com-primeiras-doses-da-coronavac-chega-em-20-de-novembro-a-sp-afirma-doria.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

⁵⁵CARVALHO, Marco Antônio. Anvisa suspende teste da Coronavac após morte; governo de SP e Sinovac se dizem surpreendidos. O Estado de São Paulo, 10 de novembro. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,anvisa-interrompe-estudos-da-coronavac-apos-registro-de-evento-adverso-grave,70003508097>. Acesso em: 16/02/2022.

Astrazeneca, quando os motivos foram logo esclarecidos. Um leitor suspeitou de negócios de Doria na China. O Instituto Butantan assegurou que a morte não tinha relação alguma com a vacina.⁵⁶

Comentando em sua conta no Facebook, o presidente Jair Messias Bolsonaro fez um comentário acerca do ocorrido que causou indignação entre boa parte dos leitores que interagiram no site do jornal O Estado de São Paulo. Disse o presidente: “Morte, invalidez, anomalia. Esta é a vacina que o Dória queria obrigar a todos os paulistanos tomá-la. O presidente disse que jamais a vacina poderia ser obrigatória. Mais uma que Jair Bolsonaro ganha.”⁵⁷

Representantes do Instituto Butantan demonstraram perplexidade, afirmando que o evento adverso, a morte de um voluntário, não possuía relação com a vacina, e que a decisão não deveria ser anunciada à mídia antes de uma reunião formal entre agência reguladora (ANVISA) e centro de pesquisa (Instituto Butantan)⁵⁸. A ANVISA reafirmou que a decisão teve caráter técnico e que os procedimentos que culminaram na interrupção dos testes seguiram protocolos internacionais⁵⁹.

⁵⁶ VERSOLATO, Mariana; GIELOW, Igor; WATANABE, Phillippe; CANCIAN, Natália. Anvisa suspende teste de Coronavac após morte; governo de SP diz não haver relação. Folha de São Paulo. 09 de novembro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2020/11/anvisa-interrompe-os-testes-da-vacina-coronavac.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

⁵⁷ RIBEIRO, Luci e CARAMURU, Pedro. Sem provas, Bolsonaro atribui 'morte, invalidez' à vacina chinesa e diz que 'ganhou' de Doria. O Estado de São Paulo, 10 de novembro. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,sem-provas-bolsonaro-acusa-vacina-chinesa-de-causar-morte-e-invalidez-e-critica-doria,70003508555>. Acesso em: 16/02/2022.

COLLETTA, Ricardo Della. Ao responder sobre Coronavac, Bolsonaro afirma que ganhou de Doria. Folha de São Paulo. 10 de novembro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2020/11/mais-uma-que-jair-bolsonaro-ganha-diz-presidente-sobre-suspensao-de-testes-da-coronavac.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

⁵⁸ CAMBRICOLI, Fabiana e KER, João. Butantã diz que é 'impossível' evento grave em voluntário da Coronavac ter ligação com a vacina. O Estado de São Paulo, 10 de novembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,butantan-afirma-que-evento-adverso-grave-em-voluntario-da-coronavac-nao-e-relacionado-com-vacina,70003508716>. Acesso em: 16/02/2022.

MAZZO, Aline; GIELOW, Igor; BOTTALLO, Ana. Diretor do Butantan diz que suspensão do teste da Coronavac causa medo e descrédito gratuito. Folha de São Paulo. 10 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2020/11/diretor-do-butantan-diz-que-suspensao-do-teste-da-coronavac-causa-descredito-gratuito.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

⁵⁹ VARGAS, Mateus e WETERMAN, Daniel. Presidente da Anvisa diz que decisão de suspender vacina foi 'técnica'. O Estado de São Paulo, 10 de novembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,presidente-da-anvisa-diz-que-decisao-de-suspender-vacina-foi-tecnica,70003508959>. Acesso em: 16/02/2022.

CANCIAN, Natália. Anvisa diz que decisão de suspender os testes foi técnica e ocorreu por informações incompletas. Folha de São Paulo. 10 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2020/11/anvisa-diz-que-decisao-de-suspender-testes-foi-tecnica-e-ocorreu-por-informacoes-incompletas.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

Os leitores, por um lado, classificaram Bolsonaro com adjetivos que remetiam ora à insanidade, ora à perversidade. De outro lado, outros leitores questionaram a demora do Butantan em comunicar o evento adverso à ANVISA. Há a acusação de politização entre as duas partes envolvidas na discussão, mas com maior foco na atitude do presidente.

Nestas discussões a “nação” está sempre subjacente. O gentílico “chinesa” aparecia sempre acompanhando a empresa Sinovac, e por vezes a vacina Coronavac, o que não acontecia com a mesma frequência quando se falava de outras vacinas, uma questão a ser levada em conta. Foi também neste momento que o presidente proferiu a sua célebre frase de que o Brasil deveria deixar de ser um país de “maricas”, para indignação de muitos leitores do jornal.

Já os leitores da Folha foram quase unânimes ao acusar o governo federal, seja de corrupção, maldade, incompetência ou acomodação. Em alguns comentários apareceu o sentimento de vergonha de ser brasileiro. Os comentários que questionavam o Butantan eram pouquíssimos. A relação com Trump e os Estados Unidos também é mencionada em alguns comentários, de forma crítica.

No mesmo dia em que se deu a notícia comentada acima, o contexto geopolítico apareceu em outras duas matérias do Estadão. Uma repassou a repercussão da interrupção da vacina na mídia internacional, sugerindo uma preocupação com a imagem do Brasil no cenário mundial⁶⁰. Em outra, repercutiu-se uma outra fala do presidente em que afirmou a importância de fortalecer a segurança da Amazônia, na qual citou um relatório em que a China aparecia como interessada em recursos hídricos da região e, assim, como uma ameaça à segurança nacional⁶¹. Tratava-se de um relatório do Conselho Nacional da Amazônia Legal em sua 3ª reunião, presidida pelo vice-presidente Hamilton Mourão. As discussões abordaram possíveis ameaças à soberania brasileira, não considerando apenas a China⁶².

Neste mesmo dia, foi publicada a matéria de um jornalista chinês feita para o jornal norte-americano *The New York Times*, traduzida para o português e publicada no Estadão. Nela,

⁶⁰MENEZES, Carla. Mídia internacional repercute suspensão de testes da Coronavac no Brasil. O Estado de São Paulo, 10 de novembro de 2020. Disponível de: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,midia-internacional-repercute-suspensao-de-testes-da-coronavac-no-brasil,70003508569>. Acesso em: 16/02/2022.

⁶¹ REDAÇÃO. Bolsonaro defende Forças Armadas 'preparadas' para proteger Amazônia. O Estado de São Paulo, 10 de novembro. Disponível em: <https://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-defende-forcas-armadas-preparadas-para-protetor-amazonia,70003508737>. Acesso em: 16/02/2022.

⁶² No site do Conselho consta apenas o Registro-síntese dos temas da 3ª reunião, mas não a transcrição do conteúdo das discussões. A informação é retirada da matéria do jornal.

o jornalista questionou a interrupção dos testes, relacionando-a ao contexto geopolítico. As questões técnicas alegadas para a interrupção aqui no Brasil seriam apenas um subterfúgio.⁶³

Nestas discussões, as Forças Armadas brasileiras foram sempre lembradas e mencionadas como uma instituição que estaria manchando a sua imagem ao se associar com um governo que “politiza” uma questão sanitária.

As polêmicas continuaram e foram ganhando novos elementos que serviram para mantê-las vivas e ativas. Desta vez o jornal O Estado de São Paulo destacou o perfil de Jorge Luiz Kormann⁶⁴, nome cotado para ocupar a secretaria da ANVISA, e militar, o que também foi mencionado. Repercutiu as suas interações no Twitter, as quais deixaram clara a sua defesa de medicamentos como hidroxicloroquina para o tratamento da Covid-19, fato destacado pelo Estadão. Destacou-se também uma “curtida” de Flávio em uma postagem que se referia a João Dória como *China boy*.⁶⁵

Publicou-se, no mesmo dia (12/11/2020), a notícia de que servidores da ANVISA viajariam à China para visitar as fábricas de insumos que seriam utilizados na fabricação das vacinas no Brasil, tanto a Coronavac, quanto a Oxford/Astrazeneca⁶⁶.

Nos comentários dos leitores, desta vez o jornal foi acusado de sensacionalismo na cobertura do evento adverso ocorrido nos testes. Alusões à China demonstraram mais desconfiança, havendo até mesmo um comentário que afirmava existir um contrato secreto entre o governo paulista e a China. O país foi considerado autoritário e pouco transparente, por isso a desconfiança por parte dos assinantes. Já quando se referiram ao próprio país, utilizaram

⁶³ WEE, Sui-Li . Brasil interrompe teste de vacina chinesa. Mas a culpa foi da ciência ou da política? O Estado de São Paulo (The New York Times), 11 de novembro. Tradução por Renato Prelorentzou. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-interrompe-teste-de-vacina-chinesa-mas-a-culpa-foi-da-ciencia-ou-da-politica,70003509649>. Acesso em: 16/02/2022.

⁶⁴ “Jorge Luiz Kormann é coronel reformado do Exército Brasileiro, professor universitário e administrador de empresas com registro no CRF/CRA-DF nº 20-31319. Bacharel e Mestre em Ciências Militares, pós-graduado em Estudos de Política, Estratégia e Gestão, especialista em gestão e planejamento estratégico. [...]Foi Secretário Executivo Adjunto do Ministério da Saúde, atualmente é Diretor do Departamento de Articulação e Estratégia de Comunicação da Secretaria de Comunicação Institucional do Ministério das Comunicações.”. Texto da página da Secretaria Especial de Comunicação Social. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/composicao/subsecretaria-de-articulacao/subsecretario-de-articulacao>.

⁶⁵ VARGAS, Mateus. Militar indicado à Anvisa apoia mensagens contra Coronavac e OMS nas redes sociais. O Estado de São Paulo, 12 de novembro. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,militar-indicado-a-anvisa-apoia-mensagens-contr-coronavac-e-oms-nas-redes-sociais,70003512211>. Acesso em: 16/02/2022.

⁶⁶ REDAÇÃO. Anvisa fará inspeção em fábricas chinesas que atuam nas vacinas contra a covid-19. O Estado de São Paulo, 12 de novembro de 2022. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,anvisa-fara-inspecao-em-fabricas-chinesas-que-atuam-nas-vacinas-contr-a-covid-19,70003512544>. Acesso em: 16/02/2022.

o termo “brasileiro de bem” para falar de uma população honesta que seria vítima de políticos despreparados e corruptos.

Em reação ao comentário de Bolsonaro em que disse que o Brasil deveria deixar de ser um país de “maricas”, sobretudo no Fórum de Leitores, onde o jornal publica cartas enviadas pelos assinantes nas quais fazem comentários sobre as notícias da semana, defenderam a coragem dos brasileiros em face de um presidente sem “moral” e “decência”, para citar ao menos duas palavras que usaram para qualificá-lo. Ainda ridicularizaram a sua “declaração de guerra” a Joe Biden, novo presidente norte-americano e adversário de Donald Trump, aliado de Bolsonaro na política internacional. Tratava-se da reação a um pronunciamento no qual o presidente afirmou que era necessário mostrar que o Brasil, esgotado o diálogo, também possuía “pólvora”, ou seja, força militar. Referia-se à proteção da Amazônia⁶⁷.

Bolsonaro, enfim, admitiu que iria comprar a vacina, mas “não ao preço que um caboclo aí quer”, referindo-se claramente a João Doria, que o enfrentava nesta disputa pela aquisição de imunizantes. Negou ter comemorado a morte do voluntário quando havia dito que “ganhara mais uma”, mas ainda assim não descartou a vacina como causa. Indagou ainda se a vacina estaria sendo aplicada na China.⁶⁸

No dia (13/11/20), na coluna “A ANVISA acertou ao suspender os testes da Coronavac?”⁶⁹, o biólogo Fernando Reinach, colunista habitual do jornal O Estado de São Paulo, defendeu a ANVISA das acusações que vinha sofrendo no decorrer da semana, afirmando que o procedimento foi correto e que é comum testes serem interrompidos por eventos adversos. Já outro colunista habitual, José Nêumanne, acusou o presidente Bolsonaro

⁶⁷ FÓRUM DE LEITORES. O Estado de São Paulo, 12 de novembro de 2020. Disponível em: <https://opinio.estado.com.br/noticias/artigos-dos-leitores,forum-dos-leitores,70003510617>. Acesso em: 16/02/2022.

SOARES, Jussara; TOMAZELLI, Idiana e BEHNKE, Emily. ‘Quando acaba a saliva tem que ter pólvora’, diz Bolsonaro ao reagir a declarações de Biden. O Estado de São Paulo, 11 de novembro de 2020. Disponível em: <https://politica.estado.com.br/noticias/geral,bolsonaro-abandona-estilo-paz-e-amor-e-chama-de-marica-quem-se-protege-de-coronavirus,70003509441>. Acesso em: 16/02/2022.

ALVES, Gustavo Lopes. Ameaça aos EUA, vacina e “maricas”: quem para Bolsonaro? Ouça no ‘Estado Notícias’. O Estado de São Paulo, 12 de novembro de 2020. Disponível em: <https://brasil.estado.com.br/blogs/estado-podcasts/ameaca-aos-eua-vacina-e-maricas-quem-para-bolsonaro-ouca-no-estado-noticias/>. Acesso em: 16/02/2022.

⁶⁸ MACHADO, Renato. Bolsonaro recua e diz que pode comprar Coronavac, mas preço não será o que ‘um caboclo aí quer’. Folha de São Paulo, 12 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2020/11/bolsonaro-recua-diz-que-pode-comprar-coronavac-mas-preco-nao-sera-o-que-um-caboclo-ai-quer.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

⁶⁹ REINACH, Fernando. A Anvisa acertou ao suspender os testes da Coronavac? O Estado de São Paulo, 13 de novembro. Disponível em: <https://saude.estado.com.br/noticias/geral,a-anvisa-acertou,70003513124>. Acesso em: 16/02/2022.

de cometer crime de responsabilidade e improbidade administrativa, e a ANVISA de estar sob influência política, pedindo a destituição do presidente e a dissolução da secretaria da entidade.⁷⁰

A controvérsia continuou entre os leitores. Muitos denunciaram o Estadão por parcialidade nas matérias, acusando o veículo de propagar desinformação e de ser o criador, ou ao menos de ter aumentado as proporções, desta polêmica envolvendo a suspensão dos testes.

O Projeto Comprova desmentiu uma falsa notícia de que o Butantan não havia alertado a ANVISA sobre a morte do voluntário.⁷¹ Outras declarações polêmicas do presidente foram noticiadas, como a que se referia à “conversinha” de segunda onda, minimizando a importância da nova onda de infecções e ridicularizando os que alertavam para isso.⁷²

Foi atacado pelos leitores da Folha de São Paulo, que questionaram sua capacidade e inteligência. Uma outra matéria publicada no jornal repercutiu o embate entre ANVISA e Butantan em torno do evento adverso.⁷³ Os leitores que comentaram nesta publicação criam que a ANVISA havia sido de fato aparelhada pelo governo, citando como evidência o grande número de militares na agência.

Passados poucos dias, o Fórum de Leitores do jornal O Estado de São Paulo refletia o tom de críticas ao governo federal já evidenciado a partir dos comentários. As críticas seguiam o viés da insanidade e da burrice, que atribuíam ao presidente. A Vergonha também é um sentimento recorrente. Consideravam que, pela falta de “bons modos” do presidente nas suas

⁷⁰NÊUMANNE, José. Rua já para Bolsonaro e Anvisa. O Estado de São Paulo, 13 de novembro de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/neumanne/rua-ja-para-bolsonaro-e-anvisa/>. Acesso em: 16/02/2022.

⁷¹ PROJETO COMPROVA. Butantã alertou Anvisa sobre morte de voluntário, ao contrário do que sugere postagem. O Estado de São Paulo, 13 de novembro de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/butanta-alertou-anvisa-sobre-morte-de-voluntario-ao-contrario-do-que-sugere-postagem/>. Acesso em: 16/02/2022.

⁷² GAYER, Eduardo; GALVÃO, Daniel e SHORES, Nicholas. Bolsonaro diz que governo vai comprar vacina, mas 'não ao preço que um caboclo aí quer'. O Estado de São Paulo, 13 de novembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-governo-vai-comprar-vacina-mas-nao-ao-preco-que-um-caboclo-ai-quer,70003512653>. Acesso em: 16/02/2022.

MACHADO, Renato. Bolsonaro diz que possibilidade de segunda onda de Covid é ‘conversinha’. Folha de São Paulo, 13 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/11/bolsonaro-diz-que-possibilidade-de-segunda-onda-da-covid-e-conversinha.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

BEHNKE, Emily. Bolsonaro diz que agora tem a 'conversinha' de segunda onda do coronavírus. O Estado de São Paulo, 13 de novembro de 2020. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-agora-tem-a-conversinha-de-segunda-onda-do-coronavirus,70003513241>. Acesso em: 16/02/2022.

⁷³ BRANT, Danielle. Anvisa e Butantan trocam críticas sobre suspensão de estudo da Coronavac. Folha de São Paulo, 13 de novembro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/11/anvisa-e-butantan-trocam-criticas-sobre-suspensao-de-estudo-da-coronavac.shtml>. Acesso em: 04/11/2022.

atitudes, como menosprezar as medidas de segurança contra a pandemia e, um fato que causou muito incômodo e foi recorrente nas cartas publicadas no Fórum, não ter cumprimentado e reconhecido o novo presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, pela sua vitória nas eleições daquele país (o novo presidente assumiu em 2021), passaria uma imagem constrangedora do Brasil como “nação”. Alguns chegaram a enviar, simbolicamente, claro, o seu reconhecimento ao novo mandatário estadunidense. Fez-se, constantemente, referências ao Exército que, ao se associar com o presidente atual, estaria manchando a sua boa imagem⁷⁴.

Em meio às incertezas envolvendo a Coronavac, outra notícia divulgou uma pesquisa feita pelo Datafolha que apontou que a porcentagem de pessoas que não pretendiam se vacinar alcançara 22% da população, e 47% se o imunizante fosse a Coronavac⁷⁵. A controvérsia seguiu durante o mês de dezembro de 2020, sempre colocando frente a frente Anvisa e Butantan, governos estaduais contra governo federal. O que fora descrito acima serve de amostra.

Depois de tantos acontecimentos, Bolsonaro voltou à cena. Reiterou que a vacina não seria obrigatória e disse ainda que ele próprio não se vacinaria. Contudo, o governo federal sinalizou que, assim que aprovada, a vacina seria distribuída para todo o território nacional em até 5 dias e que anunciaria o plano oficial de vacinação em um evento no Palácio do Planalto com a presença de governadores, prefeitos e secretários de saúde⁷⁶. A postura de Bolsonaro causou indignação. O presidente foi chamado de “burro”, “criminoso”, “genocida”.

Em matéria publicada pelo *The New York Times*, traduzida e republicada pelo Estadão, falou-se em caos no plano de vacinação brasileiro. Estaríamos brincando com a vida.⁷⁷ A reportagem causou desconforto entre os assinantes, que viam o Brasil como vergonha mundial,

⁷⁴ Fórum dos Leitores. O Estado de São Paulo, 16 de novembro de 2020. Disponível em: <https://opiniao.estadao.com.br/noticias/artigos-dos-leitores,forum-dos-leitores,70003515485>. Acesso em: 16/02/2022.

⁷⁵ REDAÇÃO. Sobe para 22% índice de brasileiros que não querem se vacinar contra covid, aponta Datafolha. O Estado de São Paulo, 12 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,cresce-para-22-indice-de-brasileiros-que-nao-quer-se-vacinar-contracovid-aponta-datafolha,70003549707>. Acesso em: 16/02/2022.

⁷⁶ REDAÇÃO. Bolsonaro afirma que não tomará vacina contra a covid-19. O Estado de São Paulo, 15 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-nao-vai-tomar-vacina-contracovid,70003552928>. Acesso em: 16/02/2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. ‘Eu não vou tomar vacina e ponto final, problema meu’ diz Bolsonaro. Folha de São Paulo, 15 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/12/eu-nao-vou-tomar-vacina-e-ponto-final-problema-meu-diz-bolsonaro.shtml>.

⁷⁷ THE NEW YORK TIMES. ‘Brincando com vidas’: o plano brasileiro de vacinação contra a covid-19 está mergulhado no caos. O Estado de São Paulo, 15 de dezembro de 2020. Tradução por Augusto Calil. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brincando-com-vidas-o-plano-brasileiro-de-vacinacao-contracovid-19-esta-mergulhado-no-caos,70003553139>. Acesso em: 16/02/2022.

e sentiam-se constrangidos diante do resto do mundo. Ao contrário, outros fizeram uma exaltação da pátria nos comentários, afirmando que o Brasil possuiria autonomia e soberania para agir de forma independente, e criticaram os outros brasileiros que não sentiam orgulho de seu país. Afirmaram-se como um povo “forte”, que não se curvaria diante da opinião mundial.

Em comunicado sobre vacinas emergenciais, a ANVISA afirmou que os critérios para a liberação de uso emergencial da Coronavac na China não seriam transparentes e que faltariam informações sobre eles. Ainda fez menção a fatores geopolíticos que poderiam ter influência na aprovação e distribuição de vacinas ao redor do mundo⁷⁸. Para os leitores que tinham desconfianças essa notícia corroborou o que vinham pensando. Não se poderia confiar na China. Para outros, o que chamou a atenção foi a palavra “geopolítica”, que sugeriria, como já suspeitavam, a atuação ideológica do órgão, que estaria dificultando a aprovação devido à origem do imunizante.

Após tantas discussões, o governo federal incluiu a Coronavac em seu plano de imunização, divulgado em um evento com governadores no Palácio do Planalto, sem a presença de João Dória⁷⁹. Questionou-se em que outros países estaria sendo utilizada a Coronavac. Afirmou-se que nem a China, seu país de origem, a teria adotado para iniciar as imunizações. Esse fato seria suficiente para os que faziam esse questionamento recusarem-se a se vacinar com este produto. Outros seguiam o discurso de que não importaria qual fosse a vacina, nem de onde viesse, o importante seria começar o processo de vacinação em massa para frear a pandemia. As falsas notícias seguiam a todo vapor. O Projeto Comprova checkou e desmentiu uma notícia que afirmava que a Agência Sanitária da Europa havia reprovado a “vacina chinesa”⁸⁰.

O Plano Nacional de Imunização incluiu 9 milhões de doses da Coronavac e previa o início da vacinação para fevereiro de 2021. Já o governo estadual de São Paulo previa 15 de

⁷⁸ REDAÇÃO. Critérios para uso emergencial da Coronavac na China não são transparentes, diz Anvisa. O Estado de São Paulo, 15 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,criterios-para-uso-emergencial-da-coronavac-na-china-nao-sao-transparentes-diz-anvisa,70003552172>. Acesso em: 16/02/2022.

⁷⁹ VARGAS, Mateus. Governo inclui Coronavac em novo plano nacional de imunização contra covid. O Estado de São Paulo, 16 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,ministerio-da-saude-lanca-plano-de-vacinacao-contr-a-covid-19,70003553810>. Acesso em: 16/02/2022.

BEHNKE, Emilly e VARGAS, Mateus. Bolsonaro adota tom conciliador ao lançar plano ao lado de governadores da oposição, mas sem Dória. O Estado de São Paulo, 16 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-adota-tom-conciliador-ao-lancar-plano-ao-lado-de-governadores-da-oposicao-mas-sem-doria,70003554119>. Acesso em: 16/02/2022.

⁸⁰ PRATA, Pedro. É falso que Europa tenha ‘interditado’ vacinas chinesas. O Estado de São Paulo, 16 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/e-falso-que-europa-tenha-interditado-vacinas-chinesas/>. Acesso em: 16/02/2022.

janeiro como data inicial. A disputa entre ambos ainda mantinha sua força⁸¹. A Medida Provisória 1015/2020 especialmente para a compra de imunizantes, foi promulgada, liberando 20 bilhões de reais para a aquisição de vacinas⁸².

Os questionamentos seguiam, agora norteados pela pergunta: “Quantas pessoas tomaram esta vacina na China?” Os leitores não queriam ser “cobaias” dos chineses e questionavam se a vacina estaria sendo utilizada no próprio país asiático. Afirmavam que não, e que se não era utilizada nem em seu país de origem, não seria no Brasil que deveríamos fazer proveito dela. A desconfiança era corroborada por notícias consideradas falsas. O Projeto Comprova desmentiu uma informação de que a “vacina chinesa” causaria alterações no DNA⁸³. Em meio à desconfiança, a Coronavac chegou a São Paulo. 2 milhões de doses do imunizante chegaram ao Brasil armazenadas em um contêiner que dizia: “vacina do Brasil”⁸⁴.

As imagens abaixo registram este acontecimento, e demonstram, ainda, algo que foi praxe nas ações do governador paulista durante as polêmicas em que se envolveu com o governo federal. Atrás dele, na foto, o contêiner em que chegaram as doses da vacina está estampado com a bandeira do Brasil. A presença do governador a frente do contêiner demonstra que ele teve a intenção de obter ganhos simbólicos para uma possível corrida presidencial nas eleições que viriam a ocorrer em 2022, como especulavam os jornais, posicionando-se como o viabilizador da campanha de imunização nacional. Além disso, a associação do imunizante com o Instituto Butantan demonstraria a capacidade de liderança do estado de São Paulo nos assuntos nacionais e a confiabilidade da vacina produzida pela instituição, associando-a à capacidade de produção nacional de qualidade, ao invés da desconfiança que circundava os produtos de origem chinesa. A segunda imagem mostra bem a associação do governo de São

⁸¹ VARGAS, Mateus. Governo prevê 24,5 milhões de doses de vacinas contra covid em janeiro. O Estado de São Paulo, 17 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,governo-preve-receber-24-milhoes-de-doses-de-vacinas-em-janeiro,70003555612>. Acesso em: 16/02/2022.

⁸² WETERMAN, Daniel. Bolsonaro assina MP que libera R\$ 20 bilhões para comprar vacina. O Estado de São Paulo, 17 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-assina-mp-que-libera-r-20-bilhoes-para-comprar-vacina,70003555476>. Acesso em: 16/02/2022.

COLETTA, Ricardo Della. Bolsonaro assina Medida Provisória com R\$ 20 bilhões para compra de vacinas. Folha de São Paulo, 17 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/12/bolsonaro-assina-medida-provisoria-com-r-20-bilhoes-para-compra-de-vacinas.shtml>. Acesso: 07/11/2022.

⁸³ BIANCHINI, Guilherme. Não, China não coleta DNA dos voluntários de testes de vacinas contra covid-19. O Estado de São Paulo, 17 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/nao-china-nao-coleta-dna-dos-voluntarios-de-testes-de-vacinas-contra-covid-19/>. Acesso em: 16/02/2022.

⁸⁴ REDAÇÃO. Lote com mais 2 milhões de doses da Coronavac chega a São Paulo. O Estado de São Paulo, 18 de dezembro. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,lote-com-mais-2-milhoes-de-doses-da-coronavac-chega-a-sao-paulo,70003556508>. Acesso em: 16/02/2022.

Paulo com a imunização nacional, buscada por este, ao estampar a bandeira paulista juntamente à bandeira nacional e mostrar, também, uma dose da vacina com o governador do estado.

Figura 5- Governo de São Paulo



Figura 6- Governo do Estado de São Paulo



Na medida em que novos carregamentos com doses da Coronavac iam chegando ao Brasil, a ANVISA concedeu o selo de boas práticas à fábrica da Sinovac em Pequim, produtora da vacina. Curiosamente esta informação não despertou tanto o interesse dos leitores e pouco se comentou sobre ela, ao menos neste dia em que foi divulgada⁸⁵.

Um áudio curto, reproduzido no programa Direto da Fonte, transmitido em uma rádio que pertence ao mesmo grupo que é dono do jornal O Estado de São Paulo, antecipou a informação, a esta altura ainda incerta, de que a Coronavac teria ultrapassado os 50% de eficácia. Outra notícia veiculada no dia, disse que o Ministério da Saúde esperava receber cerca de 258 milhões de doses de imunizantes, de diferentes fabricantes, nos próximos meses⁸⁶.

Chegada a nova data esperada para a divulgação da eficácia da Coronavac, mais uma vez o Instituto Butantan adiou a revelação ao público. Alegando questões contratuais com a Sinovac, o Instituto se limitou a dizer que a vacina ultrapassara os limites exigidos para a aprovação, mas não divulgou nenhum número⁸⁷. Naturalmente tal atitude aumentou as suspeitas de muitos dos leitores, que já estavam desconfiados, como temos mostrado ao narrar esta controvérsia. Muitos mudaram de posição, passando a renegar o seu anterior apoio à atuação do Butantan e do governo paulista, acreditando agora que a vacina era um fracasso e que seus idealizadores estariam escondendo este fato. Os que já desconfiavam endureceram seu discurso em relação ao governo estadual e também com relação à China. O governador não passaria de um “propagandista”, “comprado pelos chineses”, que estaria jogando com a vida das pessoas para se promover. Um comentário chegou a ligar a China a outras pandemias na

⁸⁵ REDAÇÃO. SP receberá mais 5,5 milhões de doses da Coronavac na véspera de Natal. O Estado de São Paulo, 21 de dezembro. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,sp-recebera-5-milhoes-de-doses-da-coronavac-na-vespera-de-natal,70003559491>. Acesso em: 16/02/2022.

CAMBRICOLI, Fabiana. Anvisa concede certificado de boas práticas à fábrica da vacina Coronavac na China. O Estado de São Paulo, 21 de dezembro. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,anvisa-concede-certificado-de-boas-praticas-a-fabrica-da-sinovac-na-china,70003559941>. Acesso em: 16/02/2022.

LOPES, Raquel. Anvisa dá aval à fábrica de insumos da Coronavac na China. Folha de São Paulo 2020. Disponível em: <https://eldorado.estadao.com.br/podcasts/colunistas-eldorado-estadao/direto-da-fonte-eficacia-da-vacina-coronavac,fdc240c0-f06b-4549-912f-ac9900d1f015>. Acesso em: 16/02/2022.

BORGES, André. Ministério da Saúde prevê total de 258,4 milhões de vacinas nos próximos meses. O Estado de São Paulo, 22 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,ministerio-da-saude-preve-total-de-258-4-milhoes-de-vacinas-nos-proximos-meses,70003560812>. Acesso em: 16/02/2022.

⁸⁷ CAMBRICOLI, Fabiana. Butantã e governo de SP dizem que Coronavac é eficaz, mas não apresentam dados. O Estado de São Paulo, 25 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,governo-planeja-divulgar-dados-sobre-eficacia-da-coronavac-nesta-quarta-feira,70003561010>. Acesso em: 16/02/2022.

GIELOW, Igor. Governo Doria adia divulgação de dados da Coronavac, mas diz que ela é eficaz. Folha de São Paulo. 23 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2020/12/coronavac-e-eficaz-contr-a-covid-mas-governo-doria-adia-divulgacao-de-dados.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

história, buscando criar um fator de naturalidade entre chineses e doença. Havia ainda afirmações de que o que viesse da China não poderia ser confiável.

O presidente Jair Bolsonaro desmereceu a eficácia da vacina em uma de suas *lives*, nas quais interagiu com seus apoiadores com certa frequência, virando notícia nos jornais novamente: “Parece que a eficácia está lá embaixo”.⁸⁸ Ele também não foi poupado das críticas, e voltou a ser xingado de “burro”, “psicopata” e outras variadas ofensas. Enquanto isso, a Folha de São Paulo repercutiu o avanço da vacinação em países da América Latina, dando ênfase ao atraso do Brasil no início de sua campanha.⁸⁹

Bolsonaro voltou a causar polêmica. Afirmou que seria acusado de irresponsabilidade se exigisse a vacinação sem o imunizante ter sido aprovado pela ANVISA, enfatizando ainda que a agência é uma instituição de estado, buscando afastar as suspeitas de aparelhamento de que vinha sendo acusado⁹⁰.

No mesmo dia, o presidente Bolsonaro causou alvoroço entre os leitores ao afirmar que quem precisaria procurar o país para vender as vacinas seriam os fabricantes, e não o contrário. Foi chamado pelos adjetivos de costume, como “burro”, “psicopata” e etc. A lei de oferta/demanda foi lembrada por muitos nos comentários, baseando as discussões⁹¹.

⁸⁸ WETERMAN, Daniel e BEHNKE, Emilly. 'A eficácia daquela vacina em São Paulo parece que está lá embaixo, né?', diz Bolsonaro. O Estado de São Paulo, 24 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,a-eficacia-daquela-vacina-em-sao-paulo-parece-que-esta-la-embaixo-ne-diz-bolsonaro,70003562529>. Acesso em: 16/02/2022.

MACHADO, Renato; CARVALHO, Daniel. Bolsonaro, em live de Natal, ironiza adiamento de divulgação da eficácia da Coronavac. Folha de São Paulo, 24 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2020/12/bolsonaro-em-live-de-natal-ironiza-adiamento-de-divulgacao-da-eficacia-da-coronavac.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

⁸⁹ CAMPOS, Mello Patrícia. Chile, México e Costa Rica começam a vacinar contra a Covid-19, e Brasil fica para trás. Folha de São Paulo, 24 de dezembro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/12/chile-mexico-e-costa-rica-comecam-a-vacinar-contr-covid-19-e-brasil-fica-para-tras.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

⁹⁰ RODRIGUES, Eduardo. Bolsonaro diz que seria acusado de irresponsabilidade se fizesse pressão pela vacina. O Estado de São Paulo, 27 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-seria-acusado-de-irresponsabilidade-se-fizesse-pressao-pela-vacina,70003563818>. Acesso em: 16/02/2022.

COLETTA, Ricardo Della. Bolsonaro nega interferência na Anvisa e diz ter pressa para vacina. Folha de São Paulo, 27 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2020/12/bolsonaro-nega-interferencia-na-anvisa-e-diz-ter-pressa-para-vacina.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

⁹¹ SHORES, Nicholas e PORTO, Gustavo. 'Quem quer vender' vacina é que tem de ir atrás de registro da Anvisa, diz Bolsonaro. O Estado de São Paulo, 28 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,quem-quer-vender-vacina-e-que-tem-de-ir-atras-de-registro-da-anvisa-diz-bolsonaro,70003564491>. Acesso em: 16/02/2022.

O mês de janeiro: a “guerra das vacinas”:

Em janeiro de 2021, com a divulgação dos resultados dos testes clínicos da Coronavac, os confrontos entre governos federal e paulista tiveram uma nova escalada. Em entrevista coletiva, o governador João Dória, o presidente do Instituto Butantan, Dimas Covas, o secretário de saúde de São Paulo, Jean Gorinchteyn, acompanhados de mais três médicos, anunciaram a eficácia da Coronavac: 78%. Na coletiva todos seguravam a caixa da vacina em frente a um painel com as logomarcas do Instituto Butantan e do governo estadual de São Paulo. Em sua fala, João Dória enfatizou a importância daquele momento, afirmando que aquele era o “dia da vida”. É preciso notar que por mais que mencione a iniciativa de São Paulo constantemente, o governador também se referiu à vacina como a “vacina dos brasileiros”. Em outro momento ataca Bolsonaro de forma indireta, referindo-se “aos que falaram em gripezinha” e contrasta-os com “a maioria dos brasileiros” que teriam “amor no coração e empatia”⁹².

⁹² CAMBRICOLI, Fabiana; RIBEIRO, Bruno e MENGUE, Priscila. Coronavac tem 78% de eficácia em testes no Brasil, diz governo de São Paulo. O Estado de São Paulo, 08 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,apos-quatro-adiamentos-butanta-promete-divulgar-hoje-resultados-de-eficacia-da-coronavac,70003572944> . Acesso em: 17/02/2022.

GIELOW, Igor. Coronavac tem eficácia de 78% contra a Covid-19 em estudo no Brasil. Folha de São Paulo. 07 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/coronavac-tem-eficacia-de-78-contra-a-covid-19-em-estudo-no-brasil.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

Figura 7- Roberto Casimiro/Fotoarena/Estadão Conteúdo



Já Dimas Covas fez uma apresentação dos resultados dos testes, explicando-os. Afirmou que a “vacina do Butantan”, como vinham chamando-a, era a mais segura por ser testada em um ambiente de forte incidência da doença. Seria a melhor que teríamos disponível. Informa que na mesma tarde teria uma nova reunião com a ANVISA para dar novos esclarecimentos. Segundo a pergunta de uma jornalista, a ANVISA dissera esperar informações, mas não mencionara nenhuma reunião, o que causou surpresa em Covas. Doria fez um apelo para que a agência agisse com autonomia e não aceitasse interferências.

Como demonstra a imagem acima, agora as atenções estão voltadas ao Butantan, e menos ao Brasil. Trata-se de uma exposição científica, portanto, o foco recai sobre a credibilidade do instituto. Algo que difere das outras imagens reproduzidas quando comentamos a chegada dos imunizantes ao aeroporto e sua recepção pelo governador.

Os leitores reagiram de duas maneiras: alguns elogiaram a iniciativa do estado de São Paulo e comemoraram, com esperança, a divulgação dos resultados; outros ainda desconfiavam, reticentes quanto à forma de cálculo utilizada para chegar a esta porcentagem, e diziam que o estudo fora divulgado de forma adaptada, continuando a dizer que esperariam

outras vacinas. A “ciência” apareceu como argumento tanto na fala dos entrevistados, quanto nas de alguns leitores, figurando como um campo em disputa.

No mesmo dia, o ministro Pazuello anunciou a compra de 100 milhões de doses, em outra coletiva, mencionando também negociações com outras fabricantes. A indefinição de datas irritou os leitores, que voltaram a chamá-lo de incompetente e também de mentiroso, rebatendo a sua explicação de que o Ministério da Saúde já estava trabalhando há 5 meses por uma vacina.⁹³

O Butantan enviou um pedido de uso emergencial à Anvisa. O Estadão falou em “gol” de Dória em cima de Bolsonaro. A Folha também manifestou sua opinião no editorial “Vacina para ontem”, elogiando a postura do governo paulista e fazendo duras críticas ao federal. No mesmo dia a Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) também pediu autorização, fato noticiado em apenas uma matéria do Estadão⁹⁴.

As disputas quanto ao início da campanha de imunização continuavam. O Secretário de Saúde de São Paulo, Jean Gorinchteyn, afirmou que se o governo federal não iniciasse a vacinação em janeiro, seguiriam o plano estadual, que previa o início da campanha para o dia 25 de janeiro de 2021⁹⁵.

⁹³ VARGAS, Mateus; BEHNKE, Emily e MANFRINI, Sandra. Ministério fecha compra de 100 milhões de doses da Coronavac, diz Pazuello. O Estado de São Paulo, 08 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,ministerio-da-saude-explica-mp-para-compra-de-insumos-e-vacinas-contra-a-covid-19-acompanhe,70003573843>. Acesso em: 17/02/2022.

COLETTA, Ricardo Della; CARVALHO, Daniel e CANSIAN, Natália. Pazuello anuncia contrato para 100 milhões de doses da Coronavac. Folha de São Paulo, 07 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2021/01/pazuello-anuncia-contrato-com-butantan-para-100-milhoes-de-doses-da-coronavac.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

⁹⁴ COLUNA DO ESTADÃO. O gol de Doria no jogo contra o negacionismo. O Estado de São Paulo, 08 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/o-gol-de-doria-no-jogo-contra-o-negacionismo/>. Acesso em: 17/02/2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Vacina para ontem. Folha de São Paulo, 08 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opinia0/2021/01/vacina-para-ontem.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

VARGAS, Mateus. Fiocruz pede à Anvisa o uso emergencial de 2 milhões de doses da vacina de Oxford. O Estado de São Paulo, 08 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,fiocruz-pede-a-anvisa-o-uso-emergencial-de-2-milhoes-de-doses-da-vacina-de-oxford,70003574966>. Acesso em: 17/02/2022.

VARGAS, Mateus. Anvisa recebe pedido de uso emergencial do Butantã para liberar Coronavac. O Estado de São Paulo, 08 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,anvisa-recebe-pedido-de-uso-emergencial-do-butanta-para-liberar-coronavac,70003574679>. Acesso em: 17/02/2022.

CANSIAN, Natália. Butantan entra com pedido na Anvisa de aval para uso emergencial da vacina Coronavac. Folha de São Paulo, 08 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2021/01/butantan-entra-com-pedido-na-anvisa-de-aval-para-uso-emergencial-da-vacina-coronavac.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

⁹⁵ REDAÇÃO. Vacinação contra covid em SP começa no dia 25 ou antes, diz secretário de Saúde. O Estado de São Paulo, 08 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,vacinacao-comeca-dia-25-em-sp-mesmo-se-governo-federal-escolher-outra-data-diz-secretario,70003575094>. Acesso em: 17/02/2022.

Os leitores de O Estado de São Paulo mantiveram a desconfiança quanto a forma de divulgação dos dados, dizendo que faltaria transparência, pois ainda faltava o anúncio da eficácia geral, e foram respondidos por outros que os diziam para não tomarem e deixarem para quem quisesse, proferindo xingamentos como “gado”. Para alguns, a falta de transparência neste processo remetia também à política chinesa, que estaria ocultando dados desde o início da pandemia.

As outras notícias importantes do dia reavivaram a polêmica entre Butantan e ANVISA. A agência solicitara ao Butantan documentos faltantes para a análise da submissão do pedido de liberação da Coronavac para uso emergencial, e foi atendida sem maiores conflitos. No entanto, ganhou novo fôlego o debate entre os leitores.⁹⁶ A “politização” foi atribuída tanto a um quanto ao outro. Para uns era uma lástima o Butantan macular a sua história envolvendo-se na politicagem de Doria, e outros lamentavam o “aparelhamento” feito na ANVISA pelo governo federal. Restam os que pedem isenção das partes em um momento tão importante como a pandemia.

Na sequência desta polêmica revivida, Doria fez um tuíte cobrando senso de urgência da ANVISA na aprovação da vacina. Foi contestado por alguns comentadores que acreditavam ser o Butantan o culpado por não seguir corretamente os protocolos de submissão, enquanto a ANVISA só estaria cumprindo seu papel. Jean Gorinchteyn, o secretário da Saúde paulista, afirmou que o instituto já havia enviado um documento de cerca de 10 mil páginas com esclarecimentos sobre a vacina⁹⁷. Em meio a essa disputa, governadores buscavam definir,

MAZZO, Aline. Vacinação em SP começa dia 25 de janeiro ou antes, diz secretário. Folha de São Paulo. 08 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/vacinacao-em-sp-comecara-no-dia-25-mesmo-se-o-governo-federal-nao-acompanhar-diz-secretario.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

⁹⁶ RESK, Felipe. Anvisa diz faltar documentos para uso emergencial da Coronavac. O Estado de São Paulo, 09 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral/anvisa-diz-faltar-documentos-para-uso-emergencial-da-coronavac,70003576092>. Acesso em: 17/02/2022.

LOPES, Raquel. Anvisa diz que Fiocruz enviou todos os documentos e cobra mais dados do Butantan. Folha de São Paulo. 09 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/anvisa-diz-que-fiocruz-enviou-todos-documentos-de-vacina-contracovid-e-cobra-mais-dados-do-butantan.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

⁹⁷ REDAÇÃO. Doria cobra 'senso de urgência' da Anvisa para aprovar Coronavac. O Estado de São Paulo, 10 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,doria-cobra-senso-de-urgencia-da-anvisa-para-aprovar-coronavac,70003576595>. Acesso em: 17/02/2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Doria cobra “senso de urgência” da Anvisa para liberação da Coronavac. Folha de São Paulo. 10 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/doria-cobra-senso-de-urgencia-da-anvisa-para-liberacao-da-coronavac.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

junto a Pazuello, uma data entre os dias 22 e 27 de janeiro para começar a campanha de imunização.⁹⁸

O governador paulista afirmou achar “estranho” que apenas a vacina do Butantan tivesse sua análise condicionada a novos documentos. Pazuello afirmou que estava sim disposto a adquirir a Coronavac e interessado em sua aprovação, garantindo que assim que aprovada, as vacinas seriam disponibilizadas aos demais estados em até 4 dias. A vacinação se iniciaria “no dia D e na hora H”, afirmou o general⁹⁹.

No dia seguinte (12/01/21) o Butantan divulgou a eficácia geral de 50,4% para a Coronavac, para revolta dos leitores. Dória e o próprio Instituto Butantan saíram como mentirosos e aproveitadores, politiqueiros que estariam envolvidos em negócios obscuros com a China, de onde não se poderia esperar transparência. Certos estariam Bolsonaro e a ANVISA por agirem com cautela.¹⁰⁰ Em contrapartida, outros leitores reconheceram que 50,4% é melhor que nada e buscaram afirmar que se deveria tomar, baseando-se em dados da pesquisa que haviam sido divulgados na reportagem. Na Folha de São Paulo estes leitores eram maioria.

Os dados ganharam diferentes interpretações de acordo com cada grupo de leitores. Para alguns a vacina seria o mesmo que um “cara ou coroa”, enquanto para outros ela ao menos evitaria casos graves e mortes. Contudo, o tom de decepção era predominante. Em alguns comentários o Brasil aparecia com uma imagem vinculada à incompetência e à falta de transparência, enquanto a narrativa do “vírus chinês” ganhava força, atrelando o vírus à China e ao seu partido comunista. Os jornais publicaram outras matérias com explicações sobre a eficácia da vacina, acompanhadas da opinião de cientistas esclarecendo porquê ela seria uma boa vacina. O Estadão foi acusado por seus leitores de partidarismo¹⁰¹.

⁹⁸ WETERMAN, Daniel. Governadores querem fechar com Pazuello a data entre 22 e 27 de janeiro para vacinação. O Estado de São Paulo, 10 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,governadores-querem-fechar-com-pazuello-a-data-entre-22-27-de-janeiro-para-vacinacao,70003577021>. Acesso em: 17/02/2022.

⁹⁹ MAZIERO, Guilherme; REGULA, Fábio e CARVALHO, Rosiene. Vacinação começa no dia D e na hora H, diz Pazuello, sem dar data e hora. Folha de São Paulo. 11 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/vacinas-chegaram-aos-estados-tres-ou-quatro-dias-apos-aval-da-anvisa-diz-pazuello.shtml>. Acesso em: 07/11/2021.

¹⁰⁰ CAMBRICOLI, Fabiana; KER, João e FERNANDES, Daniel. Instituto Butantã diz que Coronavac tem 50,4% de eficácia geral; taxa é suficiente para aprovação. O estado de São Paulo, 28 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,instituto-butanta-anuncia-eficacia-geral-da-coronavac,70003578643>. Acesso em: 17/02/2022.

GIELOW, Igor; BATISTA, Everton Lopes e BOTTALLO, Ana. Coronavac tem eficácia geral de 50,38% no estudo feito pelo Butantan. Folha de São Paulo. 12 de janeiro de 2021. Disponível em:

¹⁰¹ CAMBRICOLI, Fabiana; KER, João e GIRARDI, Giovana. Coronavac: eficácia menor exige ritmo de vacinação mais veloz para frear pandemia, diz especialista. O estado de São Paulo, 12 de janeiro de 2021.

Uma das publicações mais importantes do dia 12/01/21 foi uma entrevista concedida pelo embaixador chinês, Yang Wanming, à Folha de São Paulo, que deixou claras as disputas geopolíticas em torno da vacina. Ele enfatizou a importância da parceria estratégica com o Brasil, falou sobre o aumento das trocas comerciais entre os países e defendeu seu país de críticas, demonstrando o clima de ameaça que vinha sendo desenhado em volta da China. Ele tocou em temas que se tornaram polêmicos no Brasil, como o do 5G. Reafirmou a segurança da Huawei para a instalação das redes e culpou políticos norte-americanos por espalhar boatos sobre a China para prejudicar sua relação com outros países e seu crescimento. Deixou de responder perguntas que envolviam temas sensíveis do âmbito diplomático, como as que envolviam falas do então ministro Ernesto Araújo¹⁰². Tais polêmicas serão abordadas detalhadamente no capítulo seguinte.

O presidente Jair Bolsonaro ironizou a eficácia da Coronavac em encontro com apoiadores, falando em um tom de quem fora injustiçado pelas acusações sofridas anteriormente. Ele estaria certo ao desconfiar da vacina. Disse, no entanto, que caso aprovada pela ANVISA, a vacina seria comprada¹⁰³. Os assinantes reagiram com indignação à postura do presidente, afirmando novamente que ele seria maldoso e despreocupado com a população, além de incompetente.

Em reportagem que explicava o cálculo de eficácia da Coronavac os leitores também se mostraram indignados, desta vez com a falta de transparência na divulgação dos resultados da vacina¹⁰⁴. Alguns continuavam a afirmar que a vacina seria útil e ajudaria no controle da

Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,coronavac-nao-e-a-melhor-vacina-do-mundo-mas-e-uma-bom-vacina-afirma-pesquisadora,70003578938>. Acesso em: 17/02/2022.

GIRARDI, Giovana e CAMBRICOLI, Fabiana. Eficácia da Coronavac: veja perguntas e respostas sobre a vacina do Butantã. O Estado de São Paulo, 12 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,eficacia-da-coronavac-veja-perguntas-e-respostas-sobre-a-vacina-do-butanta,70003579158>. Acesso em: 17/02/2022.

BOTTALLO, Ana; BATISTA, Everton Lopes. Entenda os diferentes números de eficácia da Coronavac. Folha de São Paulo, 12 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2021/01/entenda-os-diferentes-numeros-de-eficacia-da-coronavac.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

¹⁰² MELLO, Patrícia Campos. EUA estão coagindo O Brasil a sacrificar seus interesses, afirma embaixador chinês. Folha de São Paulo, 12 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/01/eua-estao-coagindo-brasil-a-sacrificar-seus-interesses-afirma-embaixador-chines.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

¹⁰³ REDAÇÃO. Bolsonaro ironiza eficácia da Coronavac, mas diz que vai comprar vacina se Anvisa aprovar. O Estado de São Paulo, 13 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-ironiza-eficacia-da-coronavac-mas-diz-que-vai-comprar-vacina-se-anvisa-aprovar,70003579840>. Acesso em: 17/02/2022.

CARVALHO, Daniel. ‘Essa de 50% é boa?’, pergunta Bolsonaro ao ironizar a eficácia da Coronavac. Folha de São Paulo, 12 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2021/01/essa-de-50-e-uma-bom-pergunta-bolsonaro-ao-ironizar-eficacia-da-coronavac.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

¹⁰⁴ CAMBRICOLI, Fabiana. Cálculo que mostra eficácia de 49,69% para Coronavac está errado, diz diretor do Butantã. O Estado de São Paulo, 13 de janeiro de 2021. Disponível em:

pandemia, além de ser a única disponível, porque se dependêssemos do governo federal não teríamos nenhuma. Mas muitos outros desconfiavam desses dados e afirmavam que a pesquisa fora adaptada para atingir a porcentagem mínima para aprovação e, mesmo assim, dentro da margem de erro, ela estaria abaixo, diziam alguns.

Neste contexto das dúvidas em torno da aprovação, o Comprova desmentiu uma notícia falsa que dizia que âncoras de um jornal estadunidense mostrados em um vídeo rindo, estariam debochando da Coronavac e sua eficácia. No entanto, originalmente eles estavam rindo de um vídeo de gatinhos¹⁰⁵.

Eduardo Pazuello informou que um avião já estaria preparado para ir até a Índia buscar 2 milhões de doses da vacina de Oxford/Astrazeneca, prevendo o início da vacinação para o dia 20 de janeiro, na semana seguinte, se o processo de análise da ANVISA fosse concluído a tempo.¹⁰⁶

O Brasil não conseguiu a liberação imediata das doses da Astrazeneca. A Índia alegou “problemas logísticos” para a não liberação das doses naquele momento. A não liberação estaria relacionada a pressões políticas para o início da vacinação em âmbito local.¹⁰⁷ O governo federal já havia providenciado um avião, da empresa de linhas aéreas Azul, que partiria do Recife para Mumbai e traria as vacinas, que teve que aguardar. Devido ao atraso na entrega destas doses, o governo federal solicitou as 6 milhões de doses prontas do Butantan para dar início ao Programa Nacional de Imunizações com a Coronavac.¹⁰⁸

<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,calculo-que-mostra-eficacia-menor-de-50-para-coronavac-esta-errado-diz-diretor-do-butanta,70003580473>. Acesso em: 17/02/2022.

¹⁰⁵ MONNERAT, Alessandra. Vídeo mostra âncoras rindo de clipe de gatinho, e não de taxa de eficácia da Coronavac. O Estado de São Paulo, 13 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/video-mostra-ancoras-rindo-de-clipe-de-gatinho-e-nao-de-taxa-de-eficacia-da-coronavac/>. Acesso em: 17/02/2022.

¹⁰⁶ REDAÇÃO. Brasil vai buscar 2 milhões de doses da vacina de Oxford na Índia. O Estado de São Paulo, 14 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-vai-buscar-2-milhoes-de-doses-de-vacina-na-india,70003580611>. Acesso em: 17/02/2022.

VARGAS, Mateus. Pazuello diz a prefeitos que 'dia D e hora H' da vacinação é quarta-feira, 20, às 10h. O Estado de São Paulo, 14 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,pazuello-diz-a-prefeitos-que-vacinacao-contr-a-covid-em-todo-o-pais-deve-comecar-20-de-janeiro,70003581072>. Acesso em: 17/02/2022.

¹⁰⁷ VARGAS, Mateus. Índia mostra 'boa vontade' para liberar vacina ao Brasil, mas tem problema logístico, diz Itamaraty. O Estado de São Paulo, 15 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,india-mostra-boa-vontade-para-liberar-vacina-ao-brasil-mas-tem-problema-logistico-diz-itamaraty,70003582466>. Acesso em: 17/02/2022.

¹⁰⁸ VARGAS, Mateus; FRAZÃO, Felipe e BEHNKE, Emilly. Índia frustra planos, Bolsonaro admite atraso e governo pede entrega 'imediata' da Coronavac. O Estado de São Paulo, 15 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-voo-para-buscar-vacinas-de-oxford-na-india-deve-atrasar-2-ou-3-dias,70003582841>. Acesso em: 17/02/2022.

Comentários depreciativos dirigiam-se à Índia e à China. A Índia foi associada aos termos “Terceiro Mundo”, “pobreza” e “exploração”. Outros rebateram lembrando que o país asiático é uma potência nuclear. Os direcionados à China apareceram em uma reportagem traduzida do *The New York Times* publicada no Estadão que explicava o funcionamento da Coronavac, e novamente remetiam ao obscurantismo e à desconfiança¹⁰⁹.

Em resposta à solicitação do envio das doses da Coronavac ao Ministério da Saúde, o Instituto Butantan respondeu perguntando quantas doses seriam destinadas ao estado de São Paulo por meio do Programa Nacional, para enviá-las diretamente à Secretaria Estadual de Saúde e facilitar a logística de distribuição.¹¹⁰ Esta interação simples e objetiva foi vista pelos leitores de forma diferente e com uma proporção muito maior. Alguns ironizaram, dizendo que o governo federal agora era dependente da vacina que tanto desdenhara. Muitos assumiram um tom conspiratório, indignados com o “confisco” da vacina por parte da União, uma vacina que São Paulo se esforçara tanto para ter, segundo suas visões. São Paulo foi retratado novamente como exemplo ao restante do Brasil. O estado estaria sendo boicotado pelo governo federal, em uma disputa em que o governador e o presidente buscavam ser os primeiros a imunizar um cidadão brasileiro. Pazuello já havia, de fato, anunciado um evento marcando simbolicamente o início da imunização a acontecer no Palácio do Planalto. Essa suposta disputa marca o noticiário e os comentários dos dias seguintes.

A ANVISA enfim aprovou o uso emergencial das duas vacinas em estudos no Brasil que haviam enviado solicitações, a Coronavac e a Astrazeneca, com ressalvas quanto a alguns dados específicos para uma e outra, que deveriam ser enviados posteriormente. As doses liberadas foram as 8 milhões, somando as da Coronavac e as da Astrazeneca a serem trazidas da Índia.¹¹¹ No caso da Coronavac a aprovação ficou condicionada à apresentação de um termo

COLLETTA, Ricardo Della; URIBE, Gustavo e CANCIAN, Natália. Índia nega envio imediato de vacinas; governo admite fracasso na operação e requisita Coronavac. Folha de São Paulo, 15 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/india-nega-envio-imediato-de-vacinas-governo-admite-fracasso-na-operacao-e-requisita-coronavac.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

¹⁰⁹ CORUM, Jonathan e ZIMMER, Carl. Como funciona a Coronavac? The New York Times (O Estado de São Paulo), 15 de janeiro de 2021. Tradução por Romina Cácia. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,como-funciona-a-vacina-da-sinovac,70003582376>. Acesso em: 17/02/2022.

¹¹⁰ WARTH, Anne. Butantã diz que vai entregar Coronavac ao governo federal assim que receber aval da Anvisa. O Estado de São Paulo, 15 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,butanta-diz-que-vai-entregar-coronavac-ao-governo-federal-assim-que-receber-aval-da-anvisa,70003583140>. Acesso em: 17/02/2022.

¹¹¹ VARGAS, Mateus e CAMBRICOLI, Fabiana. Anvisa aprova, por unanimidade, uso emergencial das vacinas Coronavac e Oxford. O Estado de São Paulo, 28 de janeiro de 2021. Disponível em:

de compromisso pelo qual o Butantan se comprometeria a enviar dados complementares até o dia 28 de janeiro, na semana seguinte.

No mesmo dia o estado de São Paulo começou a vacinar, começando com uma enfermeira que havia participado dos testes, mas recebera a dose placebo. O fato de ela ser mulher e negra foi destacado, gerando discussões entre os leitores, que acharam desnecessário enfatizar sua cor e gênero. Para muitos deles ela era “enfermeira” e ponto, sem diferença alguma de uma enfermeira branca. Este fato remete a discussões raciais que ocorrem no país desde os tempos coloniais¹¹².

Figura 8-Amanda Perobelli/ Reuters



O governador João Dória garantiu que entregara prontamente as doses ao Ministério da Saúde e fez um discurso em tom triunfante. O governador afirmou que aquele era o “dia V”: “Hoje é o dia V. É o dia da vacina, é o dia da verdade, é o dia da vitória, é o dia da vida”, disse ele. Afirmou ainda que a vacina era “uma lição para vocês autoritários, que desprezam a vida”,

<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,anvisa-decide-sobre-uso-emergencial-da-coronavac-e-vacina-de-oxford,70003584051>. Acesso em: 17/02/2022.

CANCIAN, Natália; MACHADO, Renato. Área técnica da Anvisa recomenda aprovação da Coronavac e vacina de Oxford. Folha de São Paulo. 17 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2021/01/area-tecnica-da-anvisa-recomenda-aprovacao-da-coronavac.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

¹¹² REDAÇÃO. Mulher, negra e enfermeira é a primeira a receber dose da Coronavac contra covid-19. O Estado de São Paulo, 28 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,mulher-negra-e-enfermeira-sera-a-primeira-a-receber-dose-da-coronavac,70003584499>. Acesso em: 17/02/2022.

referindo-se claramente ao governo federal¹¹³. Notemos o painel atrás da enfermeira se vacinando. Apenas as logos do governo paulista e do Instituto Butantan aparecem, sem qualquer referência a símbolos nacionais.

O ministro Pazuello anunciou a distribuição de doses da vacina para todos os estados a partir da manhã seguinte e anunciou o início da imunização para a quarta-feira, dia 20 de janeiro de 2021. Rebateu as provocações de Doria, dizendo que não faria “jogadas de marketing”. Convidou os governadores para um ato simbólico com a Coronavac no dia seguinte, recebendo as doses no galpão do Ministério da Saúde no aeroporto de Guarulhos-SP¹¹⁴. As manchetes da Folha de São Paulo neste dia 17/01/2021 são críticas a Bolsonaro, e falam em humilhação e ganho de Doria nesta disputa que narramos até aqui.¹¹⁵

¹¹³ KER, João. Doria diz que Butantã entregará doses da Coronavac ao Ministério ‘imediatamente’ após aval da Anvisa. O Estado de São Paulo, 17 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,doria-diz-que-butanta-entregara-doses-da-coronavac-ao-ministerio-imediatamente-apos-aval-da-anvisa,70003584552>. Acesso em: 17/02/2022.

AMENDOLA, Gilberto e GIRARDI, Giovana. 'A vacina é uma lição para vocês, autoritários que desprezam a vida', diz Doria após aprovação. O Estado de São Paulo, 17 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,acompanhe-ao-vivo-coletiva-de-doria-sobre-aprovacao-da-coronavac,70003584614>. Acesso em: 17/02/2022.

AMÂNCIO, Thiago. Minutos após aval da Anvisa, enfermeira de SP recebe a primeira vacina contra Covid no Brasil. Folha de São Paulo, 17 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/apos-aval-da-anvisa-enfermeira-do-emilio-ribas-e-a-primeira-a-ser-vacinada-contra-a-covid-19-no-brasil.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

¹¹⁴ REDAÇÃO. Em recado a Doria, Pazuello diz que não começa a vacinar com 'jogada de marketing'. O Estado de São Paulo, 17 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,em-recado-a-doria-pazuello-diz-que-nao-comeca-a-vacinar-com-jogada-de-marketing,70003584632>. Acesso em: 17/02/2022.

HOLANDA, Marianna. Pazuello convida governadores para ‘ato simbólico’ com Coronavac na segunda-feira. O Estado de São Paulo, 17 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/columa-do-estadao/pazuello-convida-governadores-para-ato-simbolico-com-coronavac-na-segunda-feira/>. Acesso em: 17/02/2022.

JANSEN, Roberta. Ministro promete começar campanha nacional de vacinação contra covid-19 na quarta. O Estado de São Paulo, 17 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,ministro-promete-comecar-campanha-nacional-de-vacinacao-contra-covid-19-na-quarta,70003584745>. Acesso em: 17/02/2022.

ZANINI, Fábio. Após acusar Doria de fazer marketing, Pazuello convida governadores para ato de entrega da vacina. Folha de São Paulo, 17 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/columas/painel/2021/01/apos-acusar-doria-de-fazer-marketing-pazuello-convida-governadores-para-ato-de-entrega-da-vacina.shtml>. Acesso em: 07/11/2022.

¹¹⁵ FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: https://search.folha.uol.com.br/search?q=Coronavac&site=todos&sd=17%2F01%2F2021&ed=17%2F01%2F2021&periodo=personalizado&sr=1&results_count=62&search_time=0%2C281&url=https%3A%2F%2Fsearch.folha.uol.com.br%2Fsearch%3Fq%3DCoronavac%26site%3Dtodos%26sd%3D17%252F01%252F2021%26ed%3D17%252F01%252F2021%26periodo%3Dpersonalizado%26sr%3D26. Acesso em: 07/11/2022.

O início da vacinação e as supostas represálias da China

A vacinação finalmente se iniciou no Brasil, depois do ato simbólico protagonizado por Doria e o recebimento dos imunizantes por Pazuello e alguns governadores. No recebimento das doses, após conversas com governadores presentes, o ministro decidiu antecipar o início da campanha já para a tarde daquele mesmo dia, uma segunda-feira, 18/01/21. Problemas logísticos de distribuição foram verificados, aumentando a pressão sob o governo federal, que agora mudara o tom do discurso e tentava assumir a responsabilidade pelas vacinas, o que foi rechaçado pelos leitores¹¹⁶.

A imagem abaixo mostra o avião que havia sido preparado para buscar as vacinas Astrazeneca na Índia. A controvérsia fica nítida na referência a “uma só nação”, trazendo a responsabilidade pela imunização para o governo federal, que se coloca acima de governos estaduais. “Uma só nação” é uma frase que pode se referir à unidade de um “povo” idealizado e, neste contexto, pode ser lida como uma resposta às ações do governo do estado de São Paulo.

¹¹⁶ JUNIOR, Gonçalo e MENEZES, Carla. Pazuello autoriza vacinação nesta segunda-feira; saiba quantas doses cada Estado irá receber. O Estado de São Paulo, 18 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,ministerio-da-saude-comeca-distribuiacao-das-vacinas-saiba-quantas-doses-cada-estado-ira-receber,70003585223>. Acesso em: 17/02/2022.

VARGAS, Mateus. Distribuição de vacinas pelo governo Bolsonaro começa com atraso. O Estado de São Paulo, 18 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,distribuiacao-de-vacinas-pelo-governo-bolsonaro-comeca-com-atraso,70003585750>. Acesso em: 17/02/2022.

VARGAS, Mateus; DOLZAN, Márcio; RIVAS, Lucas e BISPO, Fábio. Estados começam a vacinar após atraso na distribuição das doses pelo governo federal. O Estado de São Paulo, 18 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,apos-atraso-na-distribuiacao-das-doses-estados-comecam-vacinacao-contra-a-covid-19,70003586003>. Acesso em: 17/02/2022.

Figura 9- Divulgação/ Ministério da Saúde



Especularam-se represálias da China como provável explicação para a dificuldade na importação dos insumos. O presidente da Câmara dos Deputados à época, Rodrigo Maia (DEM), chegou a marcar uma reunião com o embaixador chinês no Brasil, Yang Wanming, para esclarecer os motivos da demora¹¹⁷. Os leitores atribuíram a culpa a Bolsonaro e seus aliados próximos pelo acontecimento, aceitando como explicação uma represália chinesa aos seus constantes ataques e desrespeito àquele país.

Jair Bolsonaro volta a colocar a qualidade da vacina em dúvida. O presidente diz: “Apesar da vacina, apesar não, né? Já foi aprovada.” O presidente diz ainda que a vacina é do Brasil e não de governador, em referência a Doria.¹¹⁸

¹¹⁷ JANSEN, Roberta e RIBEIRO, Bruno. Falta de matéria-prima para Coronavac e vacina de Oxford ameaça atrasar imunização no Brasil. O Estado de São Paulo, 19 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,falta-de-materia-prima-para-vacinas-ameaca-atrasar-imunizacao-no-brasil,70003586147>. Acesso em: 17/02/2022.

TURTELLI, Camila. Maia se reunirá com embaixador chinês para discutir impasse sobre importação de insumos para vacinas. O Estado de São Paulo, 19 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,maia-se-reunira-com-embaixador-chines-para-discutir-impasse-sobre-importacao-de-insumos-para-vacinas,70003586660>. Acesso em: 17/02/2022.

GIELOW, Igor. Falta de insumo da China ameaça vacinas do Butantan e da Fiocruz. Folha de São Paulo. 18 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2021/01/falta-de-insumo-da-china-ameaca-vacinas-do-butantan-e-da-fiocruz.shtml>. Acesso em: 08/11/2022.

¹¹⁸ CARVALHO, Daniel. Após silêncio sobre aprovação da Coronavac, Bolsonaro alfineta Doria e diz que vacina é do Brasil. Folha de São Paulo. 18 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2021/01/apos-silencio-sobre-aprovacao-da-coronavac-bolsonaro-alfineta-doria-e-diz-que-vacina-e-do-brasil.shtml>. Acesso em: 08/11/2022.

Neste mesmo dia, o Projeto Comprova desmentiu uma fala do assessor para assuntos internacionais da presidência da República, Filipe Martins, em que afirmava que quem tomasse a Coronavac estaria apenas 50% imunizado. Tratava-se de uma informação errônea sobre o funcionamento do imunizante. Desmentiu ainda um outro comentário, feito por um deputado estadual pelo Partido Social Liberal (PSL) de São Paulo, Gil Diniz, que afirmou que a primeira imunizada do país, Mônica Calazans, já estaria imunizada antes.¹¹⁹

Um diplomata e professor universitário entrevistado pelo jornal O Estado de São Paulo, Fausto Martha Godoy, afirmou que o governo brasileiro ferira a honra dos chineses com suas declarações depreciativas e descortesias sobre o país, e que isso poderia sim ter consequências nas relações bilaterais entre os países. O estado de São Paulo poderia agir como mediador para trazer estes insumos, até mesmo negociando de forma direta com a China, já que manteria relações melhores que o governo central¹²⁰.

A reunião entre Rodrigo Maia e o embaixador chinês aconteceu. O diplomata negou qualquer represália política ao Brasil, esclarecendo que a demora se deu por conta de fatores técnicos¹²¹. Após a repercussão do assunto, o Ministério das Relações Exteriores também veio a público esclarecer que não havia nenhum conflito diplomático com a China e que as negociações estariam em andamento, normalmente¹²². O embaixador chinês também se reuniu

CARVALHO, Daniel. Bolsonaro insiste em tratamento precoce e volta a lançar desconfiança sobre Coronavac. 18 de janeiro. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/bolsonaro-insiste-em-tratamento-precoce-e-volta-a-lancar-desconfianca-sobre-coronavac.shtml>. Acesso em: 08/11/2022.

¹¹⁹ PROJETO COMPROVA. Eficácia de 50,38% não quer dizer que vacinados pela Coronavac estarão protegidos ‘pela metade’. O Estado de São Paulo, 19 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/eficacia-de-5038-nao-quer-dizer-que-vacinados-pela-coronavac-estao-protegidos-pela-metade/>. Acesso em: 17/02/2022.

PROJETO COMPROVA. É falso que enfermeira que recebeu a primeira dose da Coronavac já estivesse imunizada. O Estado de São Paulo, 19 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/e-falso-que-enfermeira-que-recebeu-a-primeira-dose-da-coronavac-ja-estivesse-imunizada/>. Acesso em: 17/02/2022.

¹²⁰ PRATA, João. Governo mexeu com honra da China e isso não sai de graça, diz professor sobre insumo de vacinas (Entrevista com Fausto Martha Godoy). O Estado de São Paulo, 20 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,governo-mexeu-com-a-honra-da-china-e-isso-nao-sai-de-graca-diz-professor,70003587358>. Acesso em: 17/02/2022.

¹²¹ TURTELLI, Camila; WARTH, Anne e CARAMURU, Pedro. Após reunião, Maia diz que embaixador chinês vai acelerar tramitação de insumos de vacina da covid. O Estado de São Paulo, 20 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,apos-reuniao-maia-diz-que-embaixador-chines-vai-acelerar-tramitacao-de-insumos-de-vacina-da-covid,70003587779>. Acesso em: 17/02/2022.

CHAIB, Julia; MACHADO, Renato. Maia encontra embaixador da China e diz que razões técnicas atrasam importação de insumo para vacina. 20 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/maia-encontra-embaixador-da-china-e-diz-que-razoes-tecnicas-atrasam-importacao-de-insumo-para-vacina.shtml>. Acesso em: 08/11/2022.

¹²² VARGAS, Mateus e BEHNKE, Emilly. Ministro nega problema político com China e culpa alta demanda por falta de insumos de vacina. O Estado de São Paulo, 22 de janeiro de 2021. Disponível em:

com alguns ministros, e o governo federal, através de sua Secretaria de Comunicação, afirmou ser o único interlocutor oficial nas negociações com a China¹²³.

Os comentários demonstravam indignação com o que seria mais uma trapalhada do governo federal, que teria feito ofensas gratuitas ao nosso principal parceiro comercial, acusando-os ainda de incompetência diplomática. Falou-se em reciprocidade de tratamento. Pelo raciocínio dos leitores seria assim que a diplomacia funcionaria. Se o Brasil procedesse mal em suas relações com a China, a China o trataria com reciprocidade, criando dificuldades para o Brasil. Outros culpavam a China, acusando-a de agir de forma autoritária e até imperialista. Além de propagar o vírus, ainda fazia chantagens usando as vacinas. Ressentidos, ardilosos e falsos, seriam eles. O regime político era sempre lembrado e associado a autoritarismo e falta de transparência.

As tratativas continuaram, mas agora com Ernesto Araújo, então ministro das Relações Exteriores, afastado das negociações. Mesmo após explicar que não haveria conflito diplomático algum entre os países, o ministro das Relações Exteriores ficou em segundo plano nas negociações, em detrimento do ministro das Comunicações, Fábio Faria, que passou a ser protagonista, o que sugeriu, para o jornal e para os leitores, algum acordo pela concessão do 5G, que também fora objeto de muita disputa durante o governo Bolsonaro, também envolvendo a China. A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, também participou das negociações.¹²⁴ Enquanto isso, tanto Doria quanto Bolsonaro tentavam contato direto com a China.¹²⁵

<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,ministro-nega-problema-politico-com-china-e-culpa-alta-demanda-por-falta-de-insumos-de-vacina,70003588181>. Acesso em: 17/02/2022.

¹²³ REDAÇÃO. Governo diz ser 'único interlocutor' ao tratar de importação de insumos de vacina com a China. O Estado de São Paulo, 20 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,governo-diz-ser-unico-interlocutor-ao-tratar-de-importacao-de-insumos-de-vacina-com-a-china,70003588318>. Acesso em: 17/02/2022.

BERGAMO, Mônica. Pazuello faz reunião com embaixador da China para discutir crise das vacinas. Folha de São Paulo, 20 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/01/pazuello-faz-reuniao-com-embaixador-da-china-para-discutir-crise-das-vacinas.shtml>. Acesso em: 08/11/2022.

¹²⁴ TURTELLI, Camila; WETERMAN, Daniel e VARGAS, Mateus. Governo Bolsonaro isola Ernesto Araújo em negociação com chineses por insumos de vacina. O Estado de São Paulo, 20 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,governo-isola-araujo-em-negociacao-com-pequim-por-insumos,70003588584>. Acesso em: 17/02/2022.

¹²⁵ RICHMOND, Klaus. Doria propõe ir a China buscar insumos da Coronavac. Folha de São Paulo, 20 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/01/doria-propoe-ir-a-china-buscar-insumos-para-a-coronavac.shtml>. Acesso em: 08/11/2022.

COLETTA, Ricardo Della. Bolsonaro tenta falar com Xi Jinping para liberar insumos chineses da vacina. Folha de São Paulo, 20 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2021/01/bolsonaro-tenta-falar-com-xi-jinping-para-liberar-insumos-chineses-de-vacinas.shtml>. Acesso em: 08/11/2022.

O governador Doria solicitou a ajuda do ex-presidente Michel Temer, para que este fizesse contato com o ex-embaixador da China no Brasil, com o qual manteria boas relações da época em que ocupou o cargo de presidente. Temer tentaria agilizar a chegada dos insumos através deste contato pessoal. O pedido se deu em um contexto no qual Bolsonaro teria exigido aos ministros que não atendessem Doria, cortando importantes canais de acesso do governador ao governo federal, conforme diz o Estadão.¹²⁶

O clima entre os leitores ainda era de incerteza e insegurança. Um deles chegou a afirmar que a China estaria comprando São Paulo inteiro e que o que se fala do país não é confiável, não saberíamos nem 10% do que lá se passa, devido à repressão a toda divergência e cerceamento de liberdades que lá ocorreria.

O que mais chamou a atenção neste dia, no entanto, foi uma entrevista concedida pelo ex-ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, que ocupou o cargo no início da pandemia, ao colunista do Estadão José Nêumanne, transmitida no canal do YouTube deste último e divulgada no jornal¹²⁷. Além de tecer fortes críticas à atuação do governo federal e do atual ministro frente à pandemia, Mandetta lembrou que fora proibido de iniciar diálogo com o embaixador chinês para cooperação no enfrentamento da pandemia.

O ministro conta que fora em um encontro com o presidente que fizera essa menção ao contato direto com a China. Junto do presidente estariam seus filhos e apoiadores a quem ele se refere como “o pessoal da internet”, provavelmente criadores de conteúdo para as redes, a favor do presidente, claro, que negaram instantaneamente a ideia. O ministro afirma ainda que tal postura ganhara força após um encontro do presidente e seus filhos com o ex-presidente norte-americano Donald Trump em sua casa de Mar-a-Lago, na Flórida, estado do sul dos Estados Unidos. Teria sido a partir deste encontro que os ataques contra a China se iniciaram.

A disputa continuou quanto à vinda dos insumos da Coronavac da China. Após a liberação o governo federal mudou de tom, com o presidente Bolsonaro fazendo

¹²⁶ COLUNA DO ESTADÃO. Temer tenta convencer China a liberar insumos para Coronavac. O Estado de São Paulo, 21 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/temer-tenta-convencer-china-a-liberar-insumos/>. Acesso em: 17/02/2022.

ROSA, Vera. Bolsonaro proíbe ministros de atender Doria. O Estado de São Paulo, 21 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-proibe-ministros-de-atender-doria,70003589572>. Acesso em: 17/02/2022.

¹²⁷ NÊUMANNE, José. Mandetta prevê vacinação aos soluços. O Estado de São Paulo, 22 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/neumanne/mandetta-preve-vacinacao-aos-solucos/>. Acesso em: 17/02/2022.

agradecimentos ao embaixador chinês pelos seus esforços para agilizar a entrega desses insumos através de sua conta no Twitter. Doria rebateu, afirmando que o governo federal não fizera esforço algum pela liberação dos insumos e agora agia como “engenheiro de obra pronta”, e é também desmentido, agora pelo ministro das Comunicações, Fábio Faria, que divulgou trecho de uma carta do embaixador chinês ao ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, em que anunciava a liberação dos insumos para o Brasil¹²⁸.

Alguns leitores criticaram a postura de Doria e outros a de Bolsonaro. Um por tentar se promover politicamente com uma pandemia e o outro por menosprezar a vacina e depois mudar repentinamente e agir como quem a viabilizara. Além disso, as ofensas de Bolsonaro e apoiadores dirigidas à China eram sempre lembradas, e a possível retaliação da China era tratada como algo inerente ao meio diplomático. Desta vez a China foi vista como pragmática pelos leitores. Especulou-se, entretanto, que Temer teria sido o primeiro a ser comunicado sobre a liberação dos insumos.

Os chineses apareceram novamente, mas agora relacionados ao sucesso do setor agropecuário do Brasil. As compras dos chineses estariam entre as principais causas para o êxito do setor. A China seria, portanto, uma parceira estratégica do Brasil, e a diplomacia atual estaria tomando decisões equivocadas ao confrontá-la. Esta leitura do cenário atual apareceu em um editorial do jornal O Estado de São Paulo¹²⁹.

Na Folha de São Paulo, uma matéria publicada no mesmo dia sugeria uma imagem um pouco mais nuançada. Falava sobre a participação de Xi Jinping no Fórum de Davos. O

¹²⁸ CAMBRICOLI, Fabiana. Insumos para 5 milhões de doses da Coronavac chegam nos próximos dias, diz Bolsonaro. O Estado de São Paulo, 25 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,insumos-para-5-milhoes-de-doses-da-coronavac-chegam-nos-proximos-dias-diz-bolsonaro,70003593222>. Acesso em: 17/02/2022.

CAMBRICOLI, Fabiana. Gestão Doria diz que governo federal não participou de liberação de insumos para Coronavac. O Estado de São Paulo, 28 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,gestao-doria-diz-que-governo-federal-nao-participou-de-liberacao-de-insumos-para-coronavac,70003593461>. Acesso em: 17/02/2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Bolsonaro afaga a China e agradece liberação de insumos para a Coronavac. Folha de São Paulo, 25 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/bolsonaro-afaga-china-e-agradece-liberacao-de-insumo-para-coronavac.shtml>. Acesso em 08/11/2022.

¹²⁹ NOTAS & INFORMAÇÕES. Boas previsões para o agro. O Estado de São Paulo, 26 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://opiniao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,boas-previsoes-para-o-agro,70003594077>. Acesso em: 17/02/2022.

BORGES, André. Criticada por Bolsonaro, China comprou um terço das exportações do agro nacional. O Estado de São Paulo, 26 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,criticada-por-bolsonaro-china-foi-responsavel-por-um-terco-das-importacoes-do-agro-nacional,70003594798>. Acesso em: 17/02/2022.

presidente chinês falou, neste encontro, em defesa da cooperação e do multilateralismo, um papel que costumava ser desempenhado pelos Estados Unidos, que agora estava adotando uma política nacionalista. O texto ressalta que a China é uma ditadura comunista, mesmo adotando a economia de mercado. Cita as repressões a manifestantes em Hong Kong, que naquele momento tinha movimentos protestando contra a incorporação da região à China, e também Xinjiang, uma região onde há suspeitas de que haja abusos de direitos humanos por parte do governo chinês.¹³⁰

Alguns leitores concordavam que seja um país autoritário. Outros contrapunham a afirmação dizendo que o principal concorrente da China, os Estados Unidos, são autoritários na mesma medida.

Doria anunciou a chegada de mais 40 milhões de doses da Coronavac, logo após uma nova reunião com o embaixador chinês, Yang Wanming.¹³¹ O Instituto Butantan, através de Dimas Covas, seu diretor, pressionou o Ministério da Saúde para a sinalização de compra de mais 54 milhões de doses da Coronavac a serem adquiridas, dizendo que se a compra não fosse confirmada, seria obrigado a vender para outros países da região que teriam interesse¹³².

Já se encaminhando para o fim do mês de janeiro, no dia 30, deu-se a notícia de que o governo federal iniciara tratativas para adquirir a vacina Sputnik V, fabricada pelo Instituto Gamaleya, da Rússia¹³³. Encarou-se este fato como uma tentativa de associar Bolsonaro a um imunizante, para melhorar sua imagem. Os leitores ironizaram: Bolsonaro queria agora uma

¹³⁰ GIELOW, Igor. Xi Jinping ataca Guerra Fria 2.0 e defende multilateralismo em Davos. Folha de São Paulo, 25 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/01/xi-jinping-ataca-guerra-fria-20-e-defende-multilateralismo-em-davos.shtml>. Acesso em: 08/11/2022.

¹³¹ KER, João. Doria promete entrega de 40 milhões de doses da Coronavac até abril e rebate Bolsonaro. O Estado de São Paulo, 26 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,doria-garante-entrega-de-40-milhoes-de-doses-da-coronavac-ate-abril-e-rebate-bolsonaro,70003594552>. Acesso em: 17/02/2022.

¹³² RIBEIRO, Bruno. Butantan diz que terá de exportar 54 milhões de doses de vacina se Saúde não indicar compra. O Estado de São Paulo, 28 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,butantan-diz-que-tera-de-exportar-54-milhoes-de-doses-de-vacina-se-saude-nao-indicar-compra,70003596083>. Acesso em: 17/02/2022.

RODRIGUES, Artur. Butantan diz que vai exportar doses extras de Coronavac se Ministério da Saúde não se manifestar. Folha de São Paulo, 27/01/2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2021/01/butantan-diz-que-vai-exportar-doses-extras-de-coronavac-se-ministerio-da-saude-nao-se-manifestar.shtml>. Acesso em: 08/11/2022.

¹³³ VARGAS, Mateus. Governo tenta destravar autorização para a Sputnik, tratada como possível 'vacina de Bolsonaro'. O Estado de São Paulo, 02 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,governo-corre-para-destravar-a-sputnik-v,70003599239>. Acesso em: 17/02/2022.

vacina “comunista” após menosprezar a Coronavac? Apontaram ainda para a falta de dados sobre a vacina, não aprovada pela ANVISA, o que faria o presidente contradizer o discurso que vinha adotando até então.

A Sinovac se envolveu em nova polêmica. Uma agência de comunicação de Brasília divulgou uma nota supostamente feita pela Sinovac, na qual se fazia críticas contundentes aos Estados Unidos e sua atuação na pandemia. Tanto a Sinovac quanto a embaixada chinesa negaram a autoria desta nota, e a agência esclareceu que havia caído em um golpe¹³⁴.

O mês de fevereiro, no qual findam as observações, iniciou com a notícia de que a Sputnik V, tratada agora como alternativa de Bolsonaro à Coronavac, alcançara 91% de eficácia, segundo dados de estudo publicado na revista *The Lancet*¹³⁵. Alguns leitores indagaram: por que a diferença de tratamento entre a “ditadura russa” e a “ditadura chinesa”? Não seriam ambas ditaduras? Ao que um leitor respondeu que a diferença é que uma não deseja se apossar de tudo o que é nosso por bem ou por mal, fazendo referência à China, que estaria se movimentando para tomar posse dos bens naturais e industriais brasileiros, como já vimos em outros comentários.

A polêmica agora envolvia uma nova Medida Provisória, a MP 1026, que retirou a obrigatoriedade de realizar testes no Brasil para a aprovação de imunizantes, abrindo o caminho para a aprovação da Sputnik V e da Covaxin, uma vacina desenvolvida na Índia. Além disso, retirava-se um item que atribuía responsabilidade ao estado quanto aos efeitos colaterais, dificultando o acordo com a farmacêutica Pfizer¹³⁶. Os leitores se dividiram quanto a este

¹³⁴ REDAÇÃO. Fabricante chinesa da Coronavac nega ter divulgado nota com críticas aos EUA. O Estado de São Paulo, 07 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,fabricante-chinesa-da-coronavac-critica-interesses-protetionistas-de-outros-paises,70003599983>. Acesso em: 17/02/2022. GIELOW, Igor. Crítica da Sinovac aos EUA foi farsa, afirma responsável por nota. Folha de São Paulo. 30 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2021/01/criadora-da-coronavac-ataca-vacinas-rivais-americanas-e-governo-dos-eua.shtml>. Acesso em: 08/11/2022.

¹³⁵ REDAÇÃO. Vacina russa Sputnik V tem 91,6% de eficácia contra a covid-19, diz estudo publicado na 'The Lancet'. O Estado de São Paulo, 02 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,vacina-russa-sputnik-v-tem-91-6-de-eficacia-contr-a-covid-19-diz-estudo-publicado-na-the-lancet,70003602553>. Acesso em: 17/02/2022. GIELOW, Igor. Vacina Sputnik V tem 91,6% de eficácia contra Covid-19, aponta estudo. Folha de São Paulo. 02 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2021/01/criadora-da-coronavac-ataca-vacinas-rivais-americanas-e-governo-dos-eua.shtml>. Acesso em: 08/11/2022.

¹³⁶ REDAÇÃO. Após Anvisa simplificar regra, governo diz negociar 30 milhões de doses da Sputnik e da Covaxin. O Estado de São Paulo, 04 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,apos-anvisa-facilitar-regra-ministerio-diz-negociar-30-milhoes-de-doses-da-sputnik-e-da-covaxin,70003604459>. Acesso em: 17/02/2022. VARGAS, Mateus. Governo exclui de MP da Vacina item que facilitava negociação com a Pfizer. O Estado de São Paulo, 03 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,governo-exclui-de-mp-da-vacina-item-que-facilitava-negociacao-com-a-pfizer,70003603415>. Acesso em: 17/02/2022.

último fato, que dominou os comentários. Alguns se indignaram, afirmando que as negociações por medicamentos sempre tiveram cláusulas parecidas e que o estado brasileiro fazia de tudo para dificultar o acesso da população a vacinas. Outros afirmavam que se fizera o certo, e que o estado não poderia ficar refém de uma empresa dessa forma. O clima durante todo este tempo, entre os leitores, foi de dúvida quanto à vacina, à segurança e à honestidade dos atores. A imagem abaixo o ilustra bem:

Figura 10- Blog do AFTM- Gazo



A controvérsia envolvendo as vacinas se desenrolou ainda por longos meses durante o ano de 2021, sempre com novas preocupações e polêmicas, mas paramos por aqui e agora tentaremos responder uma pergunta diferente: De onde vinha toda esta relutância do presidente Bolsonaro em adquirir o imunizante produzido pela Sinovac? O contexto geopolítico nos dá uma boa hipótese. Bolsonaro se alinhou à política externa de Donald Trump, e estava agindo, também neste contexto, como um aliado do governo norte-americano, que iniciara uma

campanha de enfrentamento direto à China. No capítulo que se segue, faremos uma descrição de alguns aspectos da Política Externa *America First*. Assim foi denominada a abordagem trumpista das relações internacionais. A partir de então mostraremos as suas relações com a política externa do governo Bolsonaro, sob responsabilidade do ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo.

CAPÍTULO 3: A CHINA COMO AMEAÇA (2): NARRATIVAS GLOBAIS

Toda a hostilidade direcionada à China se insere em uma disputa geopolítica que marca a atual conjuntura internacional. Ela se desenrola há anos, com a ascensão chinesa ao segundo posto como potência econômica. A Nova China emerge como um desafio à hegemonia dos EUA. Desde então, a política chinesa tem sido a de se legitimar como uma grande potência, buscando seu espaço no sistema internacional, em defesa de seus interesses, enquanto a dos Estados Unidos consiste em frear o avanço chinês em defesa de sua hegemonia como principal potência mundial.

Donald Trump¹³⁷ emerge na política norte-americana buscando reafirmar os valores nacionalistas do país, fazendo referências diretas ao declínio dos Estados Unidos, que não estaria mais “ganhando” (TRUMP, 2015). Os culpados seriam os governantes anteriores que não teriam feito nada para conter os “inimigos” dos Estados Unidos, a China entre eles. Tendo estabelecido a China como inimiga, a abordagem em relação àquele país dá-se de forma hostil e acusatória.

A indicação de Mike Pompeo¹³⁸ ao cargo de secretário de Estado da administração Trump inflama ainda mais tais acusações. Ela se pauta em alguns eixos acusatórios que nos cabe analisar mais detidamente, seja em fontes oficiais ou jornalísticas, bem como em comunicações diretas entre estas autoridades e o seu público, como discursos oficiais e interações em redes sociais.

¹³⁷ Donald John Trump (Nova Iorque, 14 de junho de 1946) é um empresário, personalidade televisiva e político americano que serviu como o 45.º presidente dos Estados Unidos. Fonte: Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Donald_Trump.

¹³⁸ Michael Richard Pompeo (Orange, 30 de dezembro de 1963) é um empresário e político estadunidense, filiado ao Partido Republicano. Pompeo foi o Diretor da Agência Central de Inteligência (CIA) de 23 de janeiro de 2017 a 12 de março de 2018, quando assumiu a liderança do Departamento de Estado após nomeação de Donald Trump. Anteriormente, entre 2011 e 2016, Pompeo havia sido Membro da Câmara dos Representantes pelo estado do Kansas. É membro também do Movimento Tea Party e integrou o Comitê Ítalo-americano do Congresso dos Estados Unidos. É nomeado Secretário de Estado em 2018 e segue no cargo até 2021. Fonte: Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mike_Pompeo.

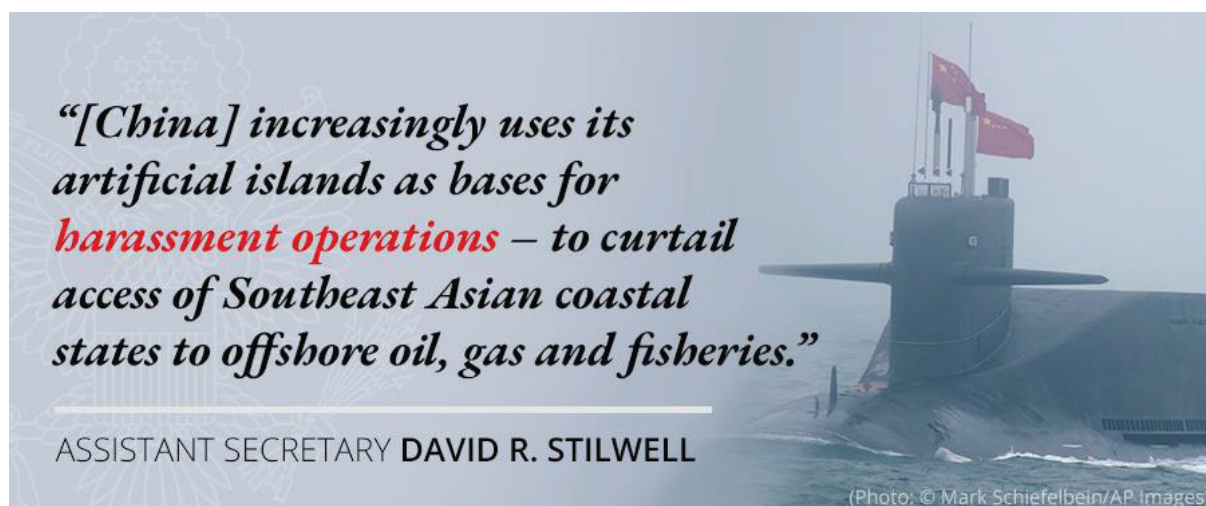
Sinofobia na era Trump

Alguns pontos de disputa envolveram a tecnologia 5G, o descrédito à vacina chinesa, guerras comerciais, acusações de violações de direitos humanos e de degradação ambiental, dentre outros temas. As acusações à China foram levadas em conta como verdadeiras políticas de estado. Algumas delas reverberaram no Brasil governado por Bolsonaro, um aliado próximo de Trump, mas isso será abordado mais adiante.

No período trumpista, sob Mike Pompeo, que assumiu em 2018, substituindo Rex Tillerson, o site do Departamento de Estado manteve uma página em seu endereço eletrônico exclusivamente voltada à China, com diversos tipos de acusação contra o país. Dividia-se em janelas com seis acusações principais, com detalhes para cada uma quando eram acessadas. As acusações dividiam-se em temas, que eram: agressões militares, enfraquecimento de normas e valores globais, táticas coercivas, desrespeito aos direitos humanos e abusos contra o meio-ambiente.¹³⁹ As páginas utilizaram imagens acompanhadas de inscrições com frases de algumas autoridades vinculadas ao governo Trump, como a mostrada abaixo. Na foto, podemos ver uma demonstração do poderio chinês manifestado na forma de um moderno submarino, que estaria ameaçando os seus vizinhos. Na outra, adiante, Pompeo declara seu compromisso em tentar frustrar os objetivos que a China teria na região. Sua frase aparece em frente a um barco da Guarda Costeira da China. O uso de imagens relacionadas às forças militares da China foi uma constante nas páginas do Departamento de Estado dos EUA durante o período trumpista.

¹³⁹ <https://2017-2021.state.gov/the-chinese-communist-party-threatening-global-peace-and-security/index.html#EconomicPractices>.

Figura 11-Mark Schiefelbein/AP Images



140

Figura 12-Bullit Marquez/AP Images



141

No quesito economia, acusam a China, mais especificamente o Partido Comunista Chinês, de violar acordos da Organização Mundial do Comércio, subsidiando e financiando companhias chinesas, de roubo de propriedade intelectual e transferência forçada de tecnologias, além de práticas corruptas nos negócios e investimentos. Afirmam ainda que os investimentos feitos através da iniciativa *One Belt, One Road*¹⁴² desrespeitariam o primado da

¹⁴⁰ O texto em inglês diz: "(China) usa de maneira crescente suas ilhas artificiais como bases para operações de intimidação- para cercar o acesso de países costeiros do Sudeste Asiático ao petróleo, gás e pescados em alto mar." Tradução nossa.

¹⁴¹ O texto em inglês diz: "O mundo jamais permitirá Pequim tratar o Mar do Sul da China como seu império marítimo". Tradução nossa.

¹⁴² Iniciativa geopolítica da China, baseada na construção de infraestrutura ao redor do mundo, sobretudo na Ásia Central, África e Europa.

lei, violando soberanias, beneficiando injustamente trabalhadores e companhias chineses em detrimento da mão-de-obra local e financiando *bully governments* em projetos políticos não relacionados à economia. Ainda acusam a China de realizar todas estas práticas em desrespeito ao meio-ambiente e às normas de sustentabilidade e aos padrões globais de trabalho.

No quesito militar as acusações são ainda mais numerosas. Acusam a República Popular da China de agredir e coagir os seus vizinhos do Indo-Pacífico, de quem os Estados Unidos estariam ao lado em defesa de uma região aberta e livre. A página traz diversos tópicos de interesse na questão, inclusive com vídeos acompanhando os textos.

O primeiro vídeo é um resumo acusatório no qual se reproduz um texto elencando as más práticas da China, que estaria aumentando os riscos de conflito ao militarizar o Mar do Sul da China, impedindo a atividade pesqueira dos vizinhos, ameaçando a soberania destes, incluindo o *freedom-loving people of Taiwan*. A maneira de se referir assim à população de Taiwan evidencia um capítulo da disputa. A ilha é um território reivindicado pela China e por separatistas que reivindicam a sua independência, o que ocorre na prática. Os Estados Unidos apoiam Taiwan, mesmo sem reconhecê-los formalmente como país independente. Cita-se também os conflitos fronteiriços com a Índia, o que colocaria a China como um país violador de soberanias e agressivo para com os vizinhos.

O vídeo traz imagens que mostram armamentos e veículos militares chineses intimidadores, em contraste com um sorridente e amável Mike Pompeo, que aparece em imagens feitas durante visitas dele à região, dando as mãos a aliados políticos locais, em nome de um Indo-Pacífico livre, como busca argumentar. Afirma-se que os interesses de segurança chineses com a iniciativa *One Belt, One Road* passam a ser revisados e que há uma expansão militar que acompanha estes projetos para defendê-los e expandir o poderio chinês. As instalações logísticas feitas através desta iniciativa seriam apenas um engodo, escondendo os verdadeiros objetivos chineses. Chega-se a citar a presença de navios militares chineses em Djibuti, um acordo militar com o Camboja e a quebra de promessas por parte de Xi Jinping, que teria afirmado que não instalaria bases militares no exterior, mas as instalara no Mar do Sul da China. A retórica direta explicita os pontos de descontentamento. A China estaria intimidando os vizinhos cerceando-os no exercício de seus direitos e de sua soberania. Abaixo algumas capturas de tela que fizemos de um vídeo promocional em que os EUA buscam se inserir como um “amigo” dos países asiáticos, em defesa da liberdade na região, que estaria sendo ameaçada pela China, mostram o que descrevemos acima.

Figura 13-Pompeo com líderes asiáticos (captura de tela de vídeo do Departamento de Estado)



Figura 14-Trump em encontro da ASEAN (Captura de tela de vídeo do Departamento de Estado)



Ainda com relação ao Mar do Sul da China, os EUA consideram que a China não deve tratar a região como seu império, deixando explícito que entendem que o país asiático assim o faz. E agiria assim roubando recursos e comportando-se de forma intimidadora, com demandas contrárias às regras do Direito Internacional Público. Em um vídeo disponível na página, Mike Pompeo reitera os pontos do texto e acrescenta que o que a China, ou melhor, o Partido Comunista Chinês tem feito aos chineses, não poderia ser feito a outros povos. Pompeo reitera que se nada for feito, a China continuaria avançando para cumprir com seus objetivos imperialistas, como a história recente evidenciaria, em provável referência ao governo Obama.

As preocupações se estendem à região do Mar do Leste da China, especialmente quanto às Ilhas Senkaku/Diaoyu¹⁴³, sob a administração do Japão, onde a China fizera avanços no intuito de contestar tal soberania.

Quanto a Taiwan, reitera que os Estados Unidos continuariam apoiando a resolução pacífica das diferenças entre os dois lados do estreito de Formosa em consistência com os Comunicados Conjuntos Estados Unidos-República Popular da China, o Ato de Relações com Taiwan e às Seis Garantias, que são tratados e regulamentos legislativos que regem as relações dos EUA com Taiwan e seu posicionamento em relação ao status da ilha. Garante ainda que continuariam apoiando Taiwan em seus investimentos em defesa. As responsabilidades pelos embates fronteiriços com a Índia também são atribuídas à China, que teria tomado territórios em disputa, escalando o conflito fronteiriço existente entre os países.

Segundo o posicionamento oficial da administração Trump, que consideramos a partir desta página consultada, o Partido Comunista Chinês estaria quebrando compromissos pela paz e desafiando interesses vitais dos EUA e seus aliados. Um vídeo promocional em que os EUA afirma defender a soberania e a prosperidade de todos os parceiros e todos os países da região, em geral, mostra grandes e iluminadas metrópoles modernas, localizadas na Ásia, líderes políticos sorridentes dando-se as mãos, e empresas norte-americanas, como Amazon e Intel, que teriam levado prosperidade econômica para a região. O desenvolvimento, portanto, seria um legado dos valores defendidos pelos EUA, como o livre-mercado.

Figura 15- Presença da Amazon na Ásia (captura de tela de vídeo do Departamento de Estado)



¹⁴³ O Departamento de Estado refere-se à Ilha como Senkaku, em posicionamento favorável ao Japão. Na China, chama-se ilha de Diaoyu.

A China também estaria desvirtuando as relações internacionais, as normas e valores globais, introduzindo uma linguagem que a ajude no avanço de sua “ideologia autoritária” e de seus projetos políticos. A iniciativa *One Belt, One Road* é mais uma vez citada, desta vez como um instrumento deste processo de enfraquecimento dos valores considerados globais pelos Estados Unidos. A iniciativa geraria dívidas aos países que recebem investimentos vinculados a ela, além de espalhar a corrupção e rebaixar o “bom desenvolvimento”.

A propaganda seria mais uma das táticas coercitivas utilizadas pela China. Em dois vídeos disponíveis nas páginas, Pompeo afirma que a China estaria se utilizando da liberdade garantida pela sociedade estadunidense para propagar narrativas próprias. Um deles, datado de 27 de julho de 2020, fez referência às cadeias de suprimentos que a China teria “roubado” dos Estados Unidos através da utilização de trabalho escravo e pirataria. Esta situação seria o resultado da indiferença quanto a ascensão do Partido Comunista Chinês, com quem os governos anteriores haviam feito negócios livremente, sem pensar nas consequências. Assim como Trump faz no decorrer de seu livro *Crippled America: how to make America great again*, Pompeo cita os empregos perdidos nos EUA com a saída de companhias nacionais para manufaturar seus produtos na China.

Em outro vídeo, o secretário fala sobre os Institutos Confúcio funcionando nos EUA. Os Institutos Confúcio são uma ferramenta do governo chinês para ensinar o idioma e propagar a cultura chinesa ao redor do mundo em parceria com universidades nestes países, que os sediam. São um instrumento de *soft power*¹⁴⁴, na linguagem da análise de política externa. Pompeo diz que estes institutos seriam apenas propaganda do Partido Comunista Chinês e seriam uma ameaça à liberdade acadêmica nos EUA. O governo Trump chegou a considerar os Institutos Confúcio missões estrangeiras, sendo assim, suas ações em solo estadunidense passariam a ser regidas pelo *Foreign Missions Act* (Lei de Missões Estrangeiras). Menciona-se no texto do site a “missão” marxista-leninista de “dominar mentes para dominar o povo.”¹⁴⁵ As acusações são reforçadas pelo diretor do FBI na época, Christopher Wray. Acusa ainda o UFDW (United Front Work Department¹⁴⁶), órgão responsável pelas relações públicas do partido dentro e fora da China, de cooptar empresários e estudantes para cumprir com interesses

¹⁴⁴ “Poder brando”. É um conceito cunhado pelo cientista político Joseph Nye para caracterizar as formas de exercer poder através da simpatia, do convencimento. Isso poderia ser feito através da indústria cultural, dentre outras formas de gerar apoio através da admiração e desejo gerados no alvo.

¹⁴⁵ Tradução direta feita por mim.

¹⁴⁶ Departamento de Trabalho da Frente Unida.

chineses, além de coagir estudantes chineses nos EUA através dos CSSAs (Chinese Students and Scholars Associations¹⁴⁷).

Outras medidas concretas também foram tomadas contra os institutos e são mencionadas no texto no site do Departamento de Estado. A Lei de Autorização de Defesa Nacional de 2019 proibiu as universidades que abrigam Institutos Confúcio de receber financiamentos do Departamento de Defesa para estudos de língua chinesa.

Tanto Pompeo, quanto o diretor Wray, acusam companhias chinesas de tecnologia, como Huawei, ZTE e Tencent, de compartilharem dados sensíveis de cidadãos americanos com o Partido Comunista da China e de se recusarem a colaborar com companhias e autoridades norte-americanas. É neste contexto que lançam a iniciativa Rede Limpa. Já mostramos, no capítulo 2, a relutância do governo brasileiro em assinar um acordo de instalação de redes com a Huawei.

Outra acusação no âmbito cultural, é a de que a China estaria manipulando a indústria de entretenimento, banindo filmes de Hollywood que retratassem o país e seu regime negativamente e coagindo diretores e produtoras a se adaptarem para não perderem acesso ao mercado chinês.

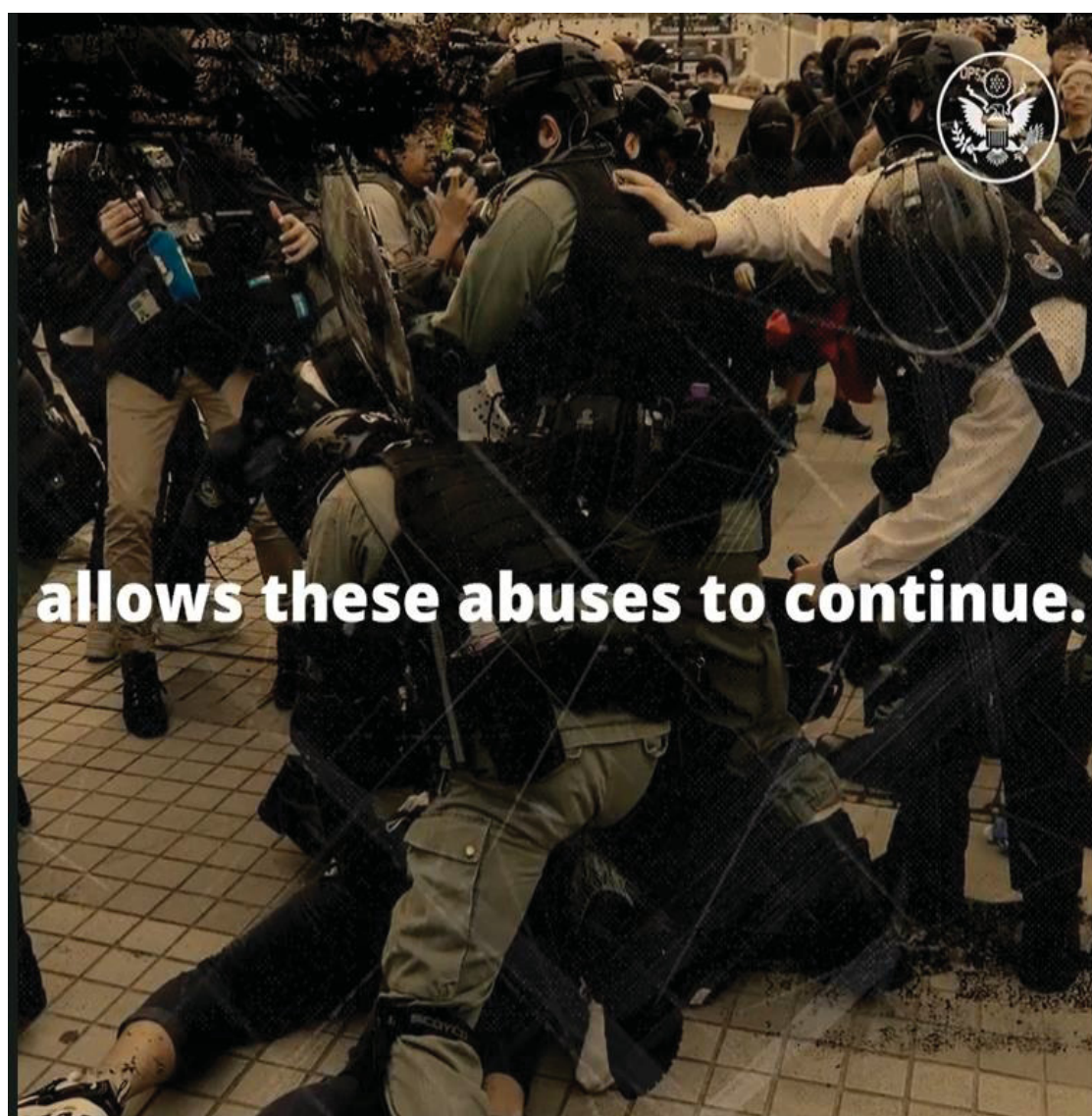
Um outro ponto que aparece nos textos do site do departamento, e que é abordado em uma série de vídeos produzidos também pelo departamento, são os direitos humanos, historicamente um dos pilares da narrativa de política externa dos EUA. Citam perseguições religiosas, perseguições jurídicas e outras violações aos direitos humanos. Acusam a China de encarcerar, doutrinar, coagir pessoas a abandonarem suas fés, realizar abortos forçados, casamentos forçados, dentre outras violações. Os abusos seriam cometidos contra várias minorias étnicas do país, sobretudo os uighurs, habitantes da região de Xinjiang. Diversos vídeos com imagens da região são veiculados no site. Especula-se mais de um milhão de pessoas presas em campos de concentração na região. Une-se a essa acusação uma outra, que denuncia um esquema de vigilância baseado no reconhecimento facial. Há relatos em vídeo de supostos parentes de prisioneiros e de pessoas que teriam sido presas em Xinjiang. Uma entrevista com uma mulher que seria uma destas pessoas é transmitida em vídeo que em alguns momentos mostram desenhos reproduzindo cenas de tortura que ela teria sofrido enquanto esteve presa, aparentemente sem motivo a não ser sua origem étnica e religião. Ela teria sido

¹⁴⁷ Associação de estudantes e professores chineses.

presa ao retornar do Egito para viver em Xinjiang, mas não se dá detalhes por que fora viver no Egito. Relata que fora separada dos três filhos e impedida de vê-los. Um veio a falecer. Depois seu marido é que teria sido encarcerado, enquanto ela conseguira fugir para os Estados Unidos, onde recebeu um visto de permanência.

As imagens abaixo, retiradas do vídeo, mostram o que descrevemos no parágrafo anterior. É preciso mencionar o fato de, mais uma vez, os aparatos de vigilância do estado chinês estarem em evidência, como forma de provar que a China é um país autoritário e violento.¹⁴⁸

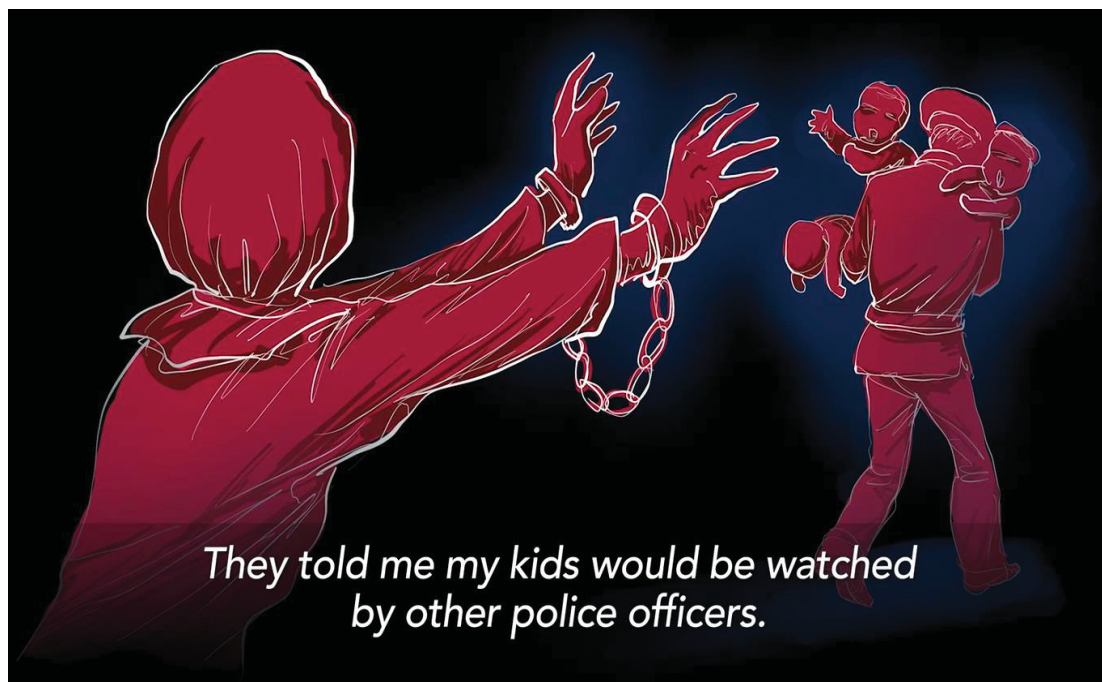
Figura 16-Repressão Policial (Captura de tela de vídeo do Departamento de Estado dos EUA)



¹⁴⁸ As inscrições que aparecem em algumas imagens são de textos que acompanhavam o vídeo do qual elas foram retiradas.

Acima, aparecem forças policiais chinesas reprimindo manifestações. Não se sabe o contexto no qual a foto foi tirada, mas ela serve para demonstrar a repressão a que os cidadãos chineses estariam submetidos. Abaixo, reproduzimos alguns desenhos que buscam representar a prisão da mulher entrevistada no vídeo que descrevemos anteriormente.

Figura 17- Imagem retirada de vídeo do Departamento de Estado dos EUA



149

¹⁴⁹ “Disseram-me que meus filhos seriam vigiados por outros policiais”. Tradução nossa.

Figura 18-Imagem retirada de vídeo do Departamento de Estado dos EUA



150

Figura 19-Imagem retirada de vídeo produzido pelo Departamento de Estado dos EUA



151

¹⁵⁰ “Eu só era permitida a olhar de longe. Eu não sabia se ele estava respirando ou não”. Tradução nossa.

¹⁵¹ “Eles põem um aparelho com arames em sua cabeça, e você pensa que irão te matar”. Tradução nossa.

A pressão sobre as Nações Unidas também vêm à tona nestes vídeos promocionais. Na imagem abaixo, podemos ver um muro com pichações e cercas que parece ser uma prisão, com as inscrições que dizem ao Conselho de Direitos Humanos da ONU para “fazer seu trabalho”, “Do Your Job”.¹⁵²



153

Figura 20- #DoYourJob (Captura de tela de vídeo do Departamento de Estado dos EUA)

Completando o conjunto de acusações contra a China, há ainda a questão das agressões ao meio-ambiente. Cita-se sua produção de plástico, que é a maior do mundo, também de

¹⁵² Alguns anos depois as Nações Unidas divulgaram um relatório sobre a situação de Xinjiang, demonstrando preocupação quanto às violações de direitos na região. O relatório, bem como a réplica do governo chinês, podem ser consultados através do seguinte link: <https://www.ohchr.org/en/documents/country-reports/ohchr-assessment-human-rights-concerns-xinjiang-uyghur-autonomous-region>

¹⁵³ “Nós pedimos ao Conselho de Direitos Humanos que #FaçaSeuTrabalho”. Tradução nossa.

mercúrio e, ainda, as suas taxas de emissão de gases provocadores do efeito estufa na atmosfera. Além disso, acusam o país asiático de praticar pesca predatória, prejudicando seus vizinhos. As obras da iniciativa OBOR são mencionadas como fontes de poluição ambiental. Ainda a manipulação do curso do Rio Mekong seria outra prática de impacto ambiental que causaria prejuízo aos vizinhos. Junto a esta última denúncia há um vídeo sobre o acordo EUA-Mekong, que reúne alguns países do sudeste asiático banhados pelo rio e os EUA em cooperação para a utilização dos seus recursos.

Segundo o Departamento de Estado, qualquer traço de crença religiosa seria considerado subversivo pelo Partido Comunista Chinês. Além dos uighures, também dizem haver repressão no Tibet, com tentativas de interferência em sua autonomia e até mesmo religião.

Quanto à questão de Hong Kong, a China é acusada de descumprir o Acordo Sino-Britânico de 1997, que garante o funcionamento político e econômico corrente na região por mais 50 anos, após esta ex-colônia inglesa voltar ao domínio chinês. Juntamente a todas estas acusações, está a de que o sistema judiciário chinês seria arbitrário, naturalmente.

Se os textos acusatórios disponíveis no site do Departamento de Estado são explícitos quanto a tratar a China como o grande inimigo dos Estados Unidos em sua política externa, os discursos proferidos por Mike Pompeo e por Trump o são ainda mais. O mesmo site reúne uma série de discursos de Pompeo, gravados em vídeo.

Em um discurso proferido no dia 30 de outubro de 2019, nomeado *The China Challenge* (o nome já sugere o seu tom), a China é retratada pelo secretário como um desafio não só aos Estados Unidos, mas a toda a ordem global, a qual estaria tentando desvirtuar com o fim de criar uma nova ordem mundial. Acusa os governos anteriores de agirem com passividade, apontando para a incongruência entre os dois sistemas, assumindo um tom de combate no estilo Guerra Fria. A China seria uma grande ameaça aos Estados Unidos e a seus valores. Ele faz um esforço para se desvincular de acusações ao povo chinês, discernindo “povo” e “Partido”, fazendo também um aceno aos sino-americanos, a quem se refere como um povo amigo, assim como todos os chineses. Todos eles amariam a “liberdade”. Liberdade é um conceito lembrado e citado a todo momento. Ele aparece como um valor estadunidense, do qual muito se orgulham. Neste discurso, Pompeo chega a falar em excepcionalismo, lembrando-nos da ideologia do Destino Manifesto, mesmo que não faça referência direta e explícita a ela.

Em todos os outros discursos, o secretário repete que a China representa uma ameaça, jogando com o medo e as incertezas quanto ao país asiático. Segundo ele a China estaria buscando suplantar a posição dos Estados Unidos como a principal potência mundial. Reafirma a superioridade do “mundo livre”, com liberdade econômica e política. A China estaria ameaçando tais valores não só a nível internacional, mas até mesmo dentro do território dos Estados Unidos, cooptando empresários para negócios em solo chinês, fazendo espionagem, ameaçando a liberdade de pensamento em universidades americanas através dos institutos Confúcio e etc.

Estes discursos são proferidos em universidades e assembleias estaduais. O que o secretário pede aos seus ouvintes é a colaboração para conter o avanço chinês. Insta estes entes subnacionais a boicotarem o Partido Comunista Chinês. Pede aos empresários que se atentem às origens dos financiamentos que recebem, recusem-se a aceitar negócios com empresas que possuam qualquer ligação com o Partido e que pressionem por transparência por parte delas. Chega mesmo a falar em pressão para o fechamento de instituições chinesas, como os institutos Confúcio. Faz sempre a ressalva de que não existe qualquer tipo de sinofobia, buscando separar povo chinês e estado chinês, ou melhor, o Partido Comunista Chinês. O povo chinês aparece como vítima também.

O presidente Donald Trump também é muito direto em seus discursos, nos quais resume seus objetivos de governo e seu pensamento em relação à posição dos Estados Unidos no mundo. Seu discurso de posse é um grande exemplo disto. A política *America First* é reafirmada e dá o título ao discurso.¹⁵⁴

Nele, Trump busca estabelecer uma ruptura com os governos anteriores e com a política conduzida antes de sua posse. Não só com o governo de Barack Obama, mas com os das décadas anteriores. A todo momento ele faz referência ao “povo”, a quem ele diz estar devolvendo a política norte-americana, em detrimento do *establishment*, que teria sido o único setor da sociedade a se beneficiar dela. Já em seu livro, mencionado anteriormente, ele fazia críticas à classe política, à qual buscava se contrapor, colocando-se na posição de *outsider*, de alguém que não promete, mas faz. Fala as verdades que os outros não tem coragem de falar. Usa sempre o seu sucesso financeiro para se legitimar na posição de uma pessoa acostumada a enfrentar dificuldades e resolver problemas, sem se preocupar com pesquisas eleitorais,

¹⁵⁴ Discurso disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IgRyZvIPFw8>.

opiniões de economistas e de outros especialistas, mas simplesmente resolver os problemas da maneira como sempre resolveu, baseado na experiência. Em um de seus livros, *Crippled America* (TRUMP, 2015), chega a falar que a política necessitava de um pouco mais de senso comum.

Continuando com o discurso, o ponto crucial em que ele toca, e que servirá como uma possível causa de adesão de um grupo numeroso aos seus ataques contra a China, é a questão dos empregos. Neste discurso de posse ele fala na volta dos empregos ao território norte-americano, na reabertura de fábricas em seu próprio país, e não em outros, que os teriam “roubado”. Ele se dirige, portanto, aos afetados pela divisão internacional do trabalho.

Afirma o seu compromisso com o povo americano, proferindo a frase: “*Buy American, hire American.*”¹⁵⁵ O bordão *America First* é o norte de sua política, culpando os políticos e os estrangeiros pelos problemas dos Estados Unidos.

No tocante à política externa, ele fala em guerra entre a “civilização” e o “terrorismo islâmico”, dizendo que colocaria um fim neste último. Em contraste, critica o intervencionismo que atribui aos governos anteriores, dizendo que não cabe aos Estados Unidos imporem o *American way*, sendo legítimo cada povo se colocar em primeiro lugar, assim como ele buscaria fazer com seu país. Este seria uma luz a inspirar o resto do mundo pelo exemplo, e não pela força. Faz citações da Bíblia, demonstrando compartilhar dos valores culturais do “povo”. O faz também em seu livro.

A grande maioria da plateia ouvindo seu discurso é composta por pessoas brancas. No entanto, sempre em que o presidente fala na diversidade do povo dos Estados Unidos, a câmera mostra pessoas negras e descendentes de asiáticos, como chineses e indianos, buscando incluir todos os cidadãos americanos.

O mesmo tom foi repetido por Trump em discurso feito na Assembleia Geral das Nações Unidas em 2019.¹⁵⁶ Neste discurso, ele inicia afirmando que os Estados Unidos são o país mais poderoso do mundo, e que espera que este poderio nunca precise ser utilizado, o que pode ser lido como uma forma de intimidação. Faz um discurso exaltando o nacionalismo, a política de se colocar em primeiro lugar, não só para os EUA, mas para todos os países do mundo. Confronta diretamente os seus adversários na política externa, como a China, o Irã e a

¹⁵⁵ Tradução minha: “Comprem de americanos, contratem americanos”

¹⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eICiLRykTFg&t=1s>

Venezuela. No que diz respeito à China, repete as acusações de práticas comerciais desleais, já elencados no endereço eletrônico do Departamento de Estado, como descrito acima, anunciando as retaliações através de aumento de barreiras tarifárias contra o país. Cita ainda Hong Kong, para o qual os Estados Unidos estariam atentos, esperando que a China cumprisse com os acordos de 1997 feitos com o Reino Unido.

Trump diz, em seu discurso, que o futuro é dos patriotas, e não dos globalistas. É interessante notar a aceitação do discurso nos comentários do vídeo publicado no Youtube, transmitido por uma canal da Fox News, rede conhecidamente conservadora. Os espectadores o consideram, em sua maioria, alguém sem medo de falar a verdade e de confrontar os inimigos. Veem-no como um líder capaz. Ele não teria medo do “politicamente correto”, e falaria a verdade. Ele estaria lutando contra o globalismo como um verdadeiro patriota. Algumas palavras-chave podem ser elencadas a partir dos comentários para que tenhamos uma noção geral de sua imagem entre estes espectadores. Seriam: coragem, verdade, globalismo, patriotismo. Todas estas palavras se relacionam em uma rede semântica, remetendo sempre ao mesmo contexto simbólico.

Todas estas acusações deram sustentação a uma política de enfrentamento que foi de fato implementada. Trump deu início a uma guerra comercial com a China, aumentando impostos sobre produtos chineses como forma de enfrentar as práticas comerciais injustas, das quais vinha acusando a China. As negociações entre os países foi dura, e a China respondeu impondo tarifas sobre produtos estadunidenses, em retaliação.¹⁵⁷ O episódio, que ficou conhecido como Guerra Comercial, foi levado a cabo em diferentes rodadas de novas tarifas, com respostas do outro lado, causando muita preocupação a nível global, por envolver as duas maiores economias do mundo.

O caso mais importante para o que temos discutido neste trabalho, foi a guerra de narrativas entre os dois países acerca das origens do coronavírus, que originou a pandemia de Covid-19. Donald Trump começou a se referir ao coronavírus como “vírus chinês” para imputar a responsabilidade da pandemia à China e se defender de acusações feitas pelos chineses de que o vírus teria sido introduzido no país por militares norte-americanos. Uma

¹⁵⁷ BBC. A quick guide to the US-China Trade War. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/business-45899310>. Acesso: 05 de setembro de 2022.

TREVIZAN, Karina. Guerra Comercial: entenda as tensões entre China e EUA e as incertezas para a economia mundial. G1. 16 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/08/16/guerra-comercial-entenda-a-piora-das-tensoes-entre-china-e-eua-e-as-incertezas-para-a-economia-mundial.ghtml>. Acesso em: 15 de setembro de 2022.

postagem no Twitter em que o então presidente dos EUA usa o termo pela primeira vez, desencadeou uma massa de comentários anti-asiáticos no país, medidos através do uso de hashtags.¹⁵⁸

O presidente, em uma coletiva de imprensa, defendeu-se, afirmando que não havia nada de racista em sua fala. Referiu-se assim ao vírus, porque a China é o lugar onde ele haveria se originado e porque não poderia deixar que militares americanos fossem culpados pela disseminação do vírus.¹⁵⁹

De acordo com o estudo que fez o levantamento das hashtags, mais da metade das vezes em que era utilizada a #chinesevirus em algum tuíte, tratava-se de discurso de ódio. Após o tuíte de Trump, houve um aumento de 8351% no uso desta hashtag, bem como de 379% no uso da hashtag #covid-19 (HSWEN *et al*, 2021).

A política direcionada à China, partindo do estado e do chefe de estado teve, portanto, influência na discussão pública e na mobilização de partes da população para expressarem opiniões desfavoráveis com relação à China e também aos chineses, que já possuem um histórico de discriminação dentro dos EUA.

É importante olharmos para as reações a estes discursos para entendermos o que as desencadearam neste contexto específico. Em um vídeo desta coletiva de Trump citada acima¹⁶⁰ nota-se algo interessante acerca da sua relação com os apoiadores. A grande maioria dos comentários é de pessoas que acham engraçada a maneira como ele fala “China” ao responder a repórter. Falam do presidente com carinho, como alguém engraçado, carismático. Somado a isto, percebem-no como alguém que fala as coisas como elas são, a verdade. Outros, em menor número nesta ocasião, o admiram por defender o país a qualquer custo. O padrão apontado anteriormente quando olhamos os comentários nas transmissões de seu discurso se repetem. Trump é alguém verdadeiro, que possui identificação com o povo e que fala o que todos gostariam, mas não podem ou não tem a oportunidade de falar. O presidente não seria

¹⁵⁸ MARTINS, André. Primeiro tuíte de Trump sobre “vírus chinês” causou levante anti-asiático. Revista Exame, 22 de março de 2021. Disponível em: <https://exame.com/mundo/primeiro-tuite-de-trump-sobre-virus-chines-causou-levante-anti-asiatico/>. Acesso em: 12/09/2022.

¹⁵⁹ A coletiva foi transmitida pela rede de notícias ABC News, e tem um trecho publicado juntamente à reportagem da Revista Exame, que é a fonte utilizada aqui.

¹⁶⁰ CNBC. President Donald Trump: Calling it the 'Chinese virus' is not racist at all, it comes from China. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dl78PQGJpiI>.

racista de maneira alguma, só estaria apontando fatos de maneira objetiva, deixando claro o culpado pela pandemia, a China. E o que isto revela em relação à visão que se tem da China?

Nos comentários de vídeos que noticiam que Trump utilizou os termos *chinese virus* e *kung flu*, as pessoas lhe dão razão, acham graça. O tom é de uma verdadeira confraternização, como se em um encontro de amigos, algum tivesse feito uma piada engraçada. Os termos logo se tornaram populares no Twitter. Fazendo uma rápida observação no conteúdo de tuítes utilizando as *hashtags* *#chinesevirus* e *#kungflu* é possível notar um padrão. A imagem que se forma é a de que a China seria a grande culpada pelo vírus e deveria ser responsabilizada internacionalmente por isso. Alguns dizem que o vírus fora criado em laboratório intencionalmente, como arma biológica. Uma série de imagens podem ser encontradas no site. Outras menções à China envolvem os hábitos alimentares deles. Alguns sempre mencionam a “sopa de morcegos” que os chineses teriam comido para que o vírus se espalhasse pelo mundo. A alimentação que envolveria alimentos de má procedência seria um hábito nojento dos chineses, o que explicaria o surgimento de epidemias no país.

Contudo, a imagem predominante é a de ameaça global. Seja em âmbito militar, sanitário, econômico, a China seria a grande ameaça global à ordem estabelecida. A pandemia, na visão de alguns, seria um passo pensado deliberadamente para que a posição de potência global fosse alcançada pelo país asiático.

No Twitter, dos muitos comentários que aparecem utilizando os termos mencionados acima no campo de buscas, uma boa parte provém da Índia, país que possui conflitos fronteiriços com a China.

Outros alvos destes comentários são a mídia tradicional, que é criticada em muitos deles, e o Partido Democrata dos Estados Unidos, que ao invés de culparem a China, o causador da doença, culpavam Donald Trump. Em alguns outros, menos numerosos, também aparece o liberal ou *leftist*, que pode ser traduzido para “esquerdista”. Junto de alguns comentários estão links para vídeos, muitos deles independentes, outros de mídias alternativas. Outros, vêm acompanhados de imagens caricaturais sobre a China.

O site Politico, especializado em notícias sobre a política dos Estados Unidos, fez uma matéria em que revela que o Partido Republicano divulgara um relatório entre seus candidatos instruindo-os a atacar a China em suas campanhas para as eleições de 2020¹⁶¹.

O documento instrui republicanos a acusar a China e os adversários, os democratas, pela pandemia. Os candidatos deveriam argumentar que: a China teria omitido informações comprometendo a adoção de medidas de contenção de maneira mais rápida; reprimira quem tentara alertar sobre a gravidade do vírus e consumira insumos, causando desabastecimento no resto do mundo, além de ter provido materiais de má qualidade, quando o fizera (O'DONNEL & ASSOCIATES, 2020).

Quanto aos democratas, por sua vez, seriam condescendentes e permissivos com a China. Cita-se Joe Biden¹⁶², que veio a vencer as eleições para a presidência em 2020, e Nancy Pelosi¹⁶³, uma importante senadora pelo Partido Democrata. Os candidatos do Partido Republicano, ao contrário, deveriam afirmar que fariam frente à China para prevenir novas catástrofes como a pandemia, responsabilizando seus inimigos. Deveriam culpar, além da China, a Organização Mundial da Saúde, cujo secretário seria o candidato apoiado pela China e que estaria propagando a narrativa chinesa sem críticas, no que diz respeito às origens e riscos do vírus.

Caso fossem acusados de racismo, deveriam responder que a China seria a responsável pela pandemia, e não os asiático-americanos. Se perguntados sobre a atuação de Trump no enfrentamento da crise e o fato de ele utilizar o termo *Chinese virus* para falar do vírus, no primeiro caso, não deveriam defendê-lo, mas continuar atacando a China com os mesmos argumentos sugeridos. Já quanto ao segundo caso, sobre usar o gentílico chinês para falar sobre

¹⁶¹ ISENSTADT, Alex. GOP memo urges anti-China assault over coronavirus. Politico, abril de 2020.

Disponível em: <https://www.politico.com/news/2020/04/24/gop-memo-anti-china-coronavirus-207244>. Acesso em: 28/09/2022.

¹⁶² Joseph Robinette "Joe" Biden Jr. (Scranton, 20 de novembro de 1942) é um advogado e político norte-americano que serve atualmente como o 46.º presidente dos Estados Unidos. Filiado ao Partido Democrata, serviu também como o 47.º vice-presidente de 2009 a 2017 no governo Obama. Entre 1973 e 2009, exerceu seis mandatos consecutivos como senador pelo Delaware, período em que presidiu importantes comitês do Senado. Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Joe_Biden.

¹⁶³ Nancy Patricia D'Alesandro Pelosi (Baltimore, 26 de março de 1940) é uma política norte-americana. Filiada ao Partido Democrata, é desde janeiro de 2019 a presidente da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, já tendo ocupado este posto de 2007 a 2011. Representante pela Califórnia desde 1987, Pelosi foi durante parte de sua carreira política a mulher que ocupou o mais alto cargo da história do país. Como presidente da Câmara, é a segunda na linha de sucessão à presidência, atrás apenas do vice-presidente. Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nancy_Pelosi.

o vírus, o correto seria argumentar que é normal associar os vírus aos locais onde foram descobertos, utilizando exemplos históricos, como o da gripe espanhola.

Quanto às políticas implementadas por políticos democratas, a sugestão é acusa-los de estarem mais preocupados em serem “politicamente corretos” do que em combater o vírus efetivamente. É interessante um exemplo citado, que foi justamente o Ano Novo Chinês na Chinatown de Nova York, cidade e estado com governantes democratas. Outros exemplos citados no documento são as políticas do prefeito da cidade de Nova York, Bill DeBlasio¹⁶⁴, que teria negligenciado políticas de distanciamento, como sua relutância no fechamento de escolas.

Figura 21- Fonte Desconhecida



Esta imagem mostra resumidamente muito do conteúdo que se pode encontrar. O vírus teria sido criado em laboratórios da China, país apoiado pelos Democratas, adversários. O termo “globalista” também precisa ser destacado, pois é utilizado com frequência para se referir aos adversários de Trump, que por sua vez seria proclamado como “nacionalista e patriota”. Um tópico será dedicado somente a este tema adiante.

O ato de atribuir a culpa à atores individuais, como Xi Jinping ou o Partido Comunista Chinês, pode ser visto em outras imagens, como as reproduzidas abaixo:

¹⁶⁴Bill de Blasio, nascido Warren Wilhelm, Jr. (Nova York, 8 de maio de 1961) é um político norte-americano que serviu como prefeito de Nova Iorque de 2014 a 2022. Antes disso, ocupou o cargo de defensor público, de 2010 a 2013, da cidade de Nova Iorque, atuando como mediador entre o eleitorado e o governo da cidade, sendo o primeiro na linha de sucessão ao prefeito.

Figura 22- Rebel Pepper, 2020



Figura 23- Rebel Pepper, 2020



Figura 24- Rebel Pepper, 2020



Rebel Pepper é o pseudônimo de Wang Liming, um dissidente político radicado nos Estados Unidos.¹⁶⁵ O cartunista é o criador das últimas três imagens expostas acima. Exilou-se da China por medo de perseguição política, por fazer sátiras e críticas ao Partido Comunista Chinês em seus desenhos. Após exílio em Tóquio, radicou-se em Washington D.C., onde

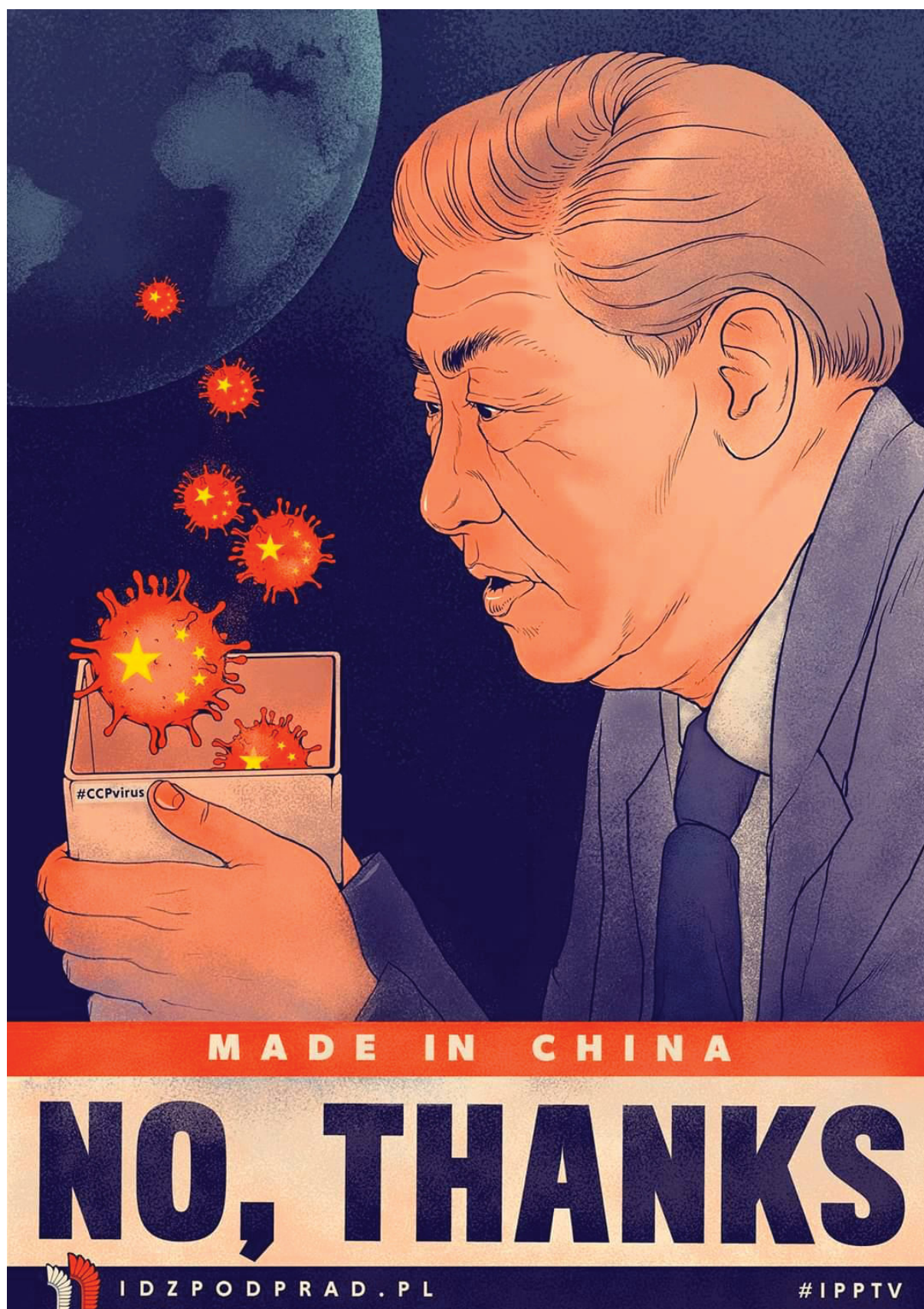
¹⁶⁵ WIKIPEDIA. Rebel Pepper. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Rebel_Pepper. Acesso em: 19/09/2022.

começou a trabalhar para a Radio Free Asia.¹⁶⁶ Seu local de trabalho é muito importante para a nossa pesquisa, já que ela envolve disputas geopolíticas.

A Radio Free Asia é uma rádio que transmite notícias em diversos idiomas asiáticos para países onde não haveria liberdade de imprensa. É financiada pelo governo dos Estados Unidos através da Agência dos Estados Unidos para Mídia Global. Este veículo, portanto, está alinhado aos valores vislumbrados pelos Estados Unidos para a política internacional, e difunde esta narrativa. Uma série de desenhos de Rebel Pepper circularam pela Internet, e muitos deles foram publicados nos veículos da Radio Free Asia. Em sua conta pessoal no Twitter, o cartunista divulgava vários de seus trabalhos. A conta não contém publicações desde 2020, coincidindo com a derrota de Donald Trump. Não é possível, entretanto, relacioná-los de forma segura, para além desta coincidência.

¹⁶⁶ FISH, Isaac Stone. Rebel Pepper finds artistic freedom. Disponível em: <https://u.osu.edu/mclc/2018/07/09/rebel-pepper-finds-artistic-freedom/>. Acesso em: 19/09/2022.

Figura 25- Idz Pod Prad



Esta imagem de Xi Jinping abrindo uma caixa e liberando o vírus, com a frase em inglês relacionando sua origem à China, é de um site de notícias polonês. Os vídeos de seu canal no YouTube não têm legenda e suas publicações são exclusivamente em polonês, o que dificultou o acesso ao conteúdo, por conta da barreira linguística. No entanto, presume-se que seja um conteúdo que apresente uma visão crítica da China, pelo que esta imagem em específico transmite. O que podemos afirmar, entretanto, é o caráter transnacional desta teoria de que o vírus seria criado em laboratório pela China e depois disseminado pelo mundo em seu benefício.

Sinofobia como racismo

As estatísticas aplicadas aos Estados Unidos, em particular, mostram um aumento em casos de racismo contra asiáticos no país, durante o período de pandemia. Estudos divulgados pelo Pew Research Center, principal instituição de pesquisas de opinião do país, mostram em números este aumento. Vejamos os dados de alguns estudos conduzidos no ano de 2020, ano em que a pandemia se intensificou e se espalhou pelo mundo.

Em estudo publicado em 1 de Julho de 2020,¹⁶⁷ 39% dos entrevistados afirmaram que ficou mais comum ouvirem opiniões racistas sobre a comunidade asiático-americana desde o início da pandemia. Além disso, focando apenas na percepção da população de origem asiática, 39% dos consultados reconheceram que pessoas agiram como se estivessem desconfortáveis em sua presença, 31% disseram ter sofrido com ofensas ou piadas e 26% disseram temer agressões. As diferenças de opinião variam de forma significativa no recorte entre posições partidárias. Enquanto 52% dos democratas afirmaram ser comum o preconceito contra asiáticos durante o período pandêmico, apenas 25% dos republicanos afirmaram o mesmo.

Outra sondagem, do dia 21 de abril de 2020,¹⁶⁸ mostra que 66% dos norte-americanos tinham uma percepção ruim da China. No recorte partidário, 72% dos republicanos viam o país asiático negativamente, enquanto 62% dos democratas tinham esta mesma opinião. A desconfiança é ainda maior quando se trata do presidente chinês, Xi Jinping, atingindo 71% de desconfiados entre os ouvidos na pesquisa. Esses são os dados gerais, mas a amostra considerou

¹⁶⁷ Pew Research Center. “Many Black and Asian Americans Say They Have Experienced Discrimination Amid the COVID-19 Outbreak, julho de 2020. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/social-trends/2020/07/01/many-black-and-asian-americans-say-they-have-experienced-discrimination-amid-the-covid-19-outbreak/>. Acesso em: 19/09/2022.

¹⁶⁸ Pew Research Center, “U.S. Views of China Increasingly Negative Amid Coronavirus Outbreak, abril de 2020. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2020/04/21/u-s-views-of-china-increasingly-negative-amid-coronavirus-outbreak/>. Acesso em: 19/09/2022.

também temas específicos, dentre os quais estavam economia, transferência de empregos para a China, capacidade militar, liderança global, dentre outros. Havia ainda um recorte de idade, em que se mostra que a desconfiança para com a China é maior em pessoas acima dos 50 anos de idade. Esta pesquisa mostra um aumento de 20 pontos percentuais desde o início da administração de Donald Trump, em 2017.

Outro texto publicado no site do Pew Research Center, mostra que 84% dos norte-americanos desconfiavam de informações vindas da China sobre a Covid-19 entre o fim de março e o começo de maio de 2020,¹⁶⁹ como esperado, tendo em vista os dados da pesquisa citada anteriormente, que revelou que 66% não tinham confiança na China.

A desconfiança e o medo não foram as únicas consequências. As mais graves foram sentidas diretamente pela comunidade chinesa espalhada pelo mundo. Os ataques racistas aumentaram vertiginosamente durante a pandemia.

Uma pesquisa realizada na Universidade de Massachussets Lowell comparou a frequência de crimes de ódio contra asiáticos nos EUA durante o período da pandemia com um período anterior, utilizando dados de 1990 em diante. Estes dados mostraram um aumento notável de ocorrências durante o período de pandemia. Se antes de 2020, quando a pandemia teve início, a média de casos de asiáticos assassinados ou feridos em ataques de ódio era de 8 ao ano, entre 2020 e 2021, anos levados em conta nesta pesquisa, esta média subiu para 49. A pesquisa também descobriu que a maioria destes ataques ocorreram na região de Nova York e no estado da Califórnia, sobretudo em zonas urbanas. A maioria dos ataques são espontâneos, não envolvendo nenhuma forma de planejamento anterior.¹⁷⁰

A organização *Human Rights Watch* divulgou uma reportagem que elenca vários casos de xenofobia relacionados com a pandemia, direcionados à população chinesa e asiática de maneira geral.¹⁷¹ O levantamento mostrou casos ao redor de todo o mundo, em países como Estados Unidos, Reino Unido, Austrália, Itália, França, Índia, Malásia, Rússia, dentre muitos outros.

¹⁶⁹ SILVER, Laura. Americans are critical of China's handling of COVID-19, distrust information about it from Beijing. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2020/05/26/americans-are-critical-of-chinas-handling-of-covid-19-distrust-information-about-it-from-beijing/>. Acesso em: 19/09/2022.

¹⁷⁰ PERLIGER, Ariel. Anti-Asian violence spiked in the US during the pandemic, especially in blue-state cities. The Conversation, 17 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://theconversation.com/anti-asian-violence-spiked-in-the-us-during-the-pandemic-especially-in-blue-state-cities-176501>. Acesso em: 28/09/2022.

¹⁷¹ HUMAN RIGHTS WATCH. Covid-19 Fueling Anti-Asian Racism and Xenophobia Worldwide. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2020/05/12/covid-19-fueling-anti-asian-racism-and-xenophobia-worldwide>. Acesso em: 21/09/2022.

No caso específico dos Estados Unidos, uma organização chamada Asian-American & Pacific Islanders Equity Alliance lançou uma campanha chamada Stop AAPI Hate, juntamente com a organização Chinese for Affirmative Action e a San Francisco State University, abrindo um canal de denúncias através do qual pessoas que sofreram assédio relacionado à etnia neste período de aumento de crimes de ódio pudesse denunciar o ataque. A partir destes dados, a organização liberou uma série de relatórios sobre a situação no país. Na página stopaapihate.org, é possível encontrar todos estes relatórios, e através deles podemos ter um vislumbre geral da xenofobia durante o contexto pandêmico nos Estados Unidos.

Os relatórios preparados pelo projeto Stop AAPI Hate, formulados a partir dos relatos recebidos através deste canal de denúncias que abriram em março de 2020, mostra uma situação preocupante no que diz respeito às agressões contra asiático-americanos e pessoas de origem das ilhas do Pacífico. Da leitura de vários relatos reproduzidos nos relatórios, podemos notar padrões nos tipos de ataques. Os mais comuns foram as agressões verbais, que em via de regra, utilizavam termos depreciativos para se referir aos chineses e eram acompanhados de ofensas baseadas em percepções orientalistas e em certo nacionalismo. Chineses foram acusados de levar o vírus para os Estados Unidos, chamados de sujos e nojentos, e “expulsos” do país, ou seja, pessoas disseram para que voltassem para o seu país, mesmo que a grande maioria deles seja norte-americana.

Outra violência comum foi o afastamento e o ato de evitar os asiáticos em locais públicos, como se representassem alguma ameaça de contaminação, ou como se fossem simplesmente nojentos. Olhares de reprovação em transportes públicos, afastamento em filas de mercado, comentários depreciativos, recusa de atendimento em negócios, tratamento diferente e hostil sem justificativa aparente, todos estes exemplos apareceram nos relatos recolhidos.

Vandalismo e violência física também ocorreram, e ocorrem, em grande medida. Objetos atirados contra chineses, empurrões, socos e, em casos mais extremos, facadas e tentativas de atropelamento foram registrados. Com menos frequência, mas ainda assim, com uma frequência preocupante. Pichações em casas, carros e negócios de chineses ou asiático-americanos, de forma geral, também vinham sendo comuns durante o período considerado. Vidros quebrados, ofensas gravadas nas paredes, depredação, dentre outros crimes.

Outros tipos de agressões que ocorreram com frequência, foram as agressões online e o *bullying* em escolas e no ambiente de trabalho. Xingamentos, piadas maldosas e agressões

foram alguns dos atos listados. Juntamente de todas as formas de agressões mencionadas, cusparadas e o ato de tossir em direção a asiáticos foram algo muito comum.

Os números listados nos relatórios podem nos dar uma boa dimensão do problema. Peguemos o mais recente¹⁷². Publicado em 2022, considerou os dados coletados no período de 19 de março de 2020 a 31 de março de 2022. Nestes dois anos considerados, o projeto recebeu 11.467 denúncias em seu canal. O relatório mostra que estas agressões, em sua maioria, não são tipificadas como crime, o que urge a necessidade de outras formas de enfrentamento, como medidas educacionais e serviços comunitários. Cerca de 67% dos incidentes são agressões verbais, como as descritas acima, o que representa 2 de cada 3 atos de hostilidade. As agressões físicas são uma em cada seis das denúncias, o que representa o alarmante número de 17%, juntamente com o ato de evitar, que corresponde a 16%. 12% dos incidentes envolveram algum tipo de violação dos direitos civis, como discriminação no local de trabalho, por exemplo.

De todos estes incidentes, 40% ocorreram em locais públicos, como nas ruas, calçadas, no trânsito, em parques e etc., e 27% ocorreram em algum negócio, como mercados e farmácias, o que poderia causar medo e insegurança para os descendentes de asiáticos realizarem as tarefas mais básicas, como se locomover para suprir qualquer necessidade. Além disso, 9% deles ocorreram no transporte público. Um em cada 10 ocorreu online, gerando insegurança até mesmo dentro de casa.

As mulheres são o alvo mais comum, ou pelo menos as mais propensas a denunciar os abusos, tendo como base os dados recolhidos pelo Stop AAPI Hate. De todos os ataques listados em seu banco de dados, 60% tiveram mulheres como vítimas.

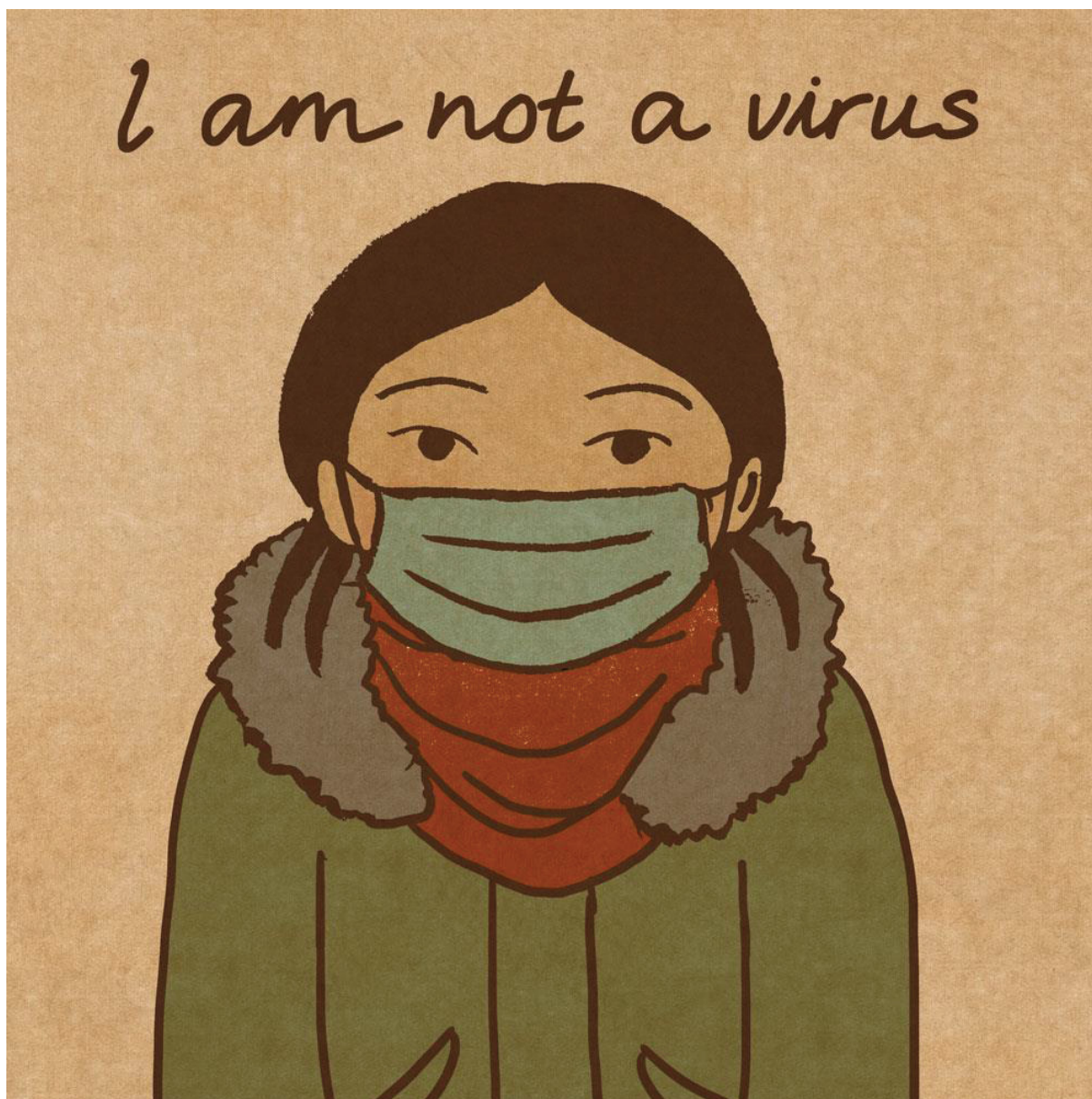
Os efeitos da discriminação também foram recolhidos em estatísticas formuladas pela iniciativa e reproduzidos neste relatório específico. Quase metade das pessoas consultadas apresentaram ansiedade ou depressão, 49%. 72% delas disseram ser a discriminação a sua maior causa de estresse, mesmo enfrentando uma pandemia.

Como mostram algumas imagens e relatórios citados acima, pode-se considerar este tipo de discriminação um fenômeno transnacional. Para ficarmos com um exemplo provindo de outro país, além de Estados Unidos e Brasil, reproduzimos abaixo alguns desenhos feitos por uma cartunista de origem coreana que cresceu na Suécia e reside na Nova Zelândia, tendo vivenciado, portanto, diferentes realidades nacionais como cidadã de origem asiática, inclusive

¹⁷² STOP AAPI HATE. **Two Years and thousands of voices:** what community generated data tells us about anti-AAPI hate, 2022.

o período pandêmico. Os desenhos de Lisa Wool-Rim Sjöblom, a artista mencionada, refletem os sentimentos de uma grande parcela da população de imigrantes asiáticos ao redor do mundo que sofreram com a xenofobia no período pandêmico.

Figura 26- "I am not a virus", Lisa Wool-Rim



173

¹⁷³ A frase que acompanha a imagem diz: “Eu não sou um vírus!”. Tradução nossa.

Figura 27- Lisa Wool-Rim



174

¹⁷⁴ As placas seguras pelas meninas do desenhos dizem, da esquerda para a direita: “Parem o ódio”; “Parem a violência contra asiáticos”; “Racismo é o vírus”. Traduções nossas.

Figura 28- Lisa Wool-Rim



175

Esta terceira imagem exprime uma outra preocupação de muitas comunidades asiáticas, que é a representatividade em produções audiovisuais e em posições de liderança. Esta pauta demonstra que os conflitos antecedem a pandemia, com a crise apenas colocando-os em evidência.

¹⁷⁵ A frase na sacola diz “#RepresentaçãoImporta”. Tradução nossa. Já o termo “Yellow Face”, inscrito no latão, refere-se à prática de imitar ou tentar representar asiáticos, geralmente exagerando características físicas destes como forma de dar um viés cômico e depreciativo à suas imagens. Em tradução livre, o termo quer dizer “Face amarela”.

Repercussões locais

De certa forma, a relutância, no Brasil, com relação à vacina chinesa, insere-se neste contexto geopolítico e nesta imagem da China como uma grande ameaça. As atitudes e falas de pessoas do governo do Brasil neste período, ou de pessoas diretamente ligadas a ele, refletem uma visão similar à de Trump. A boa relação dos dois governos nos sugere algum ponto de convergência.

Retomando a controvérsia descrita no capítulo 2, enfatizamos uma passagem em que ela ganhou novo fôlego após a publicação de uma série de reportagens sobre a empresa Sinovac, produtora da Coronavac e parceira do Butantan na produção nacional. Podemos dizer que as reportagens publicadas vieram como querosene na fogueira.

A primeira delas falou sobre o contato entre a Sinovac e o Instituto Butantan, que se dera pela primeira vez no ano de 2019, em um encontro da Rede de Fabricantes de Vacinas dos Países em Desenvolvimento, da qual ambas as instituições fazem parte. Dimas Covas, diretor do Butantan, enfatizou que a escolha da empresa parceira se deu pela semelhança de tamanho de ambas, levando a uma cooperação igualitária entre as partes, que dependem uma da outra para testes clínicos, por exemplo. O cientista também fez elogios à tecnologia utilizada pela Sinovac, considerada muito avançada, figurando entre o que existiria de mais moderno no ramo da produção de vacinas. Mencionou-se ainda, que a Sinovac já havia realizado pesquisas com vírus SARS à época do surto da doença no início dos anos 2000, o que facilitaria agora a produção de uma vacina para o novo coronavírus¹⁷⁶.

Outras reportagens da série falaram sobre um lado obscuro da Sinovac¹⁷⁷. A empresa fora alvo de disputas entre acionistas, que brigaram pelo controle da maior fatia de ações da empresa e chegaram a invadir a fábrica de Pequim e interromper sua produção, o que causou

¹⁷⁶ CAMBRICOLI, Fabiana. Rede de fabricantes de vacinas e missão do governo de SP à China aproximaram Butantã da Sinovac. O Estado de São Paulo, 19 de novembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,rede-de-fabricantes-de-vacinas-e-missao-do-governo-de-sp-a-china-aproximaram-butanta-da-sinovac,70003520192>. Acesso em: 16/02/2022.

¹⁷⁷ CAMBRICOLI, Fabiana. Sinovac: como uma biotech promissora, mas com problemas de gestão, virou esperança de vacina. O Estado de São Paulo, 19 de novembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,sinovac-como-uma-biotech-promissora-mas-com-problemas-de-gestao-virou-esperanca-de-vacina,70003520186>. Acesso em: 16/02/2022.

CAMBRICOLI, Fabiana. Briga pelo poder na Sinovac incluiu tentativa de golpe, invasão de fábrica e suspensão na Nasdaq. O Estado de São Paulo, 19 de novembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,briga-pelo-poder-na-sinovac-inclui-tentativa-de-golpe-invasao-de-fabrica-e-suspensao-na-nasdaq,70003520178>. Acesso em: 16/02/2022.

grande prejuízo. No ano seguinte, o grupo de acionistas dissidentes tentara realizar a compra de ações da empresa na bolsa Nasdaq, de Nova Iorque, associando-se a outro grupo de investidores para realizar o que se chama no mercado financeiro de “compra hostil”. Toma-se esta atitude para obter controle da maior parte das ações de uma empresa. Foi exatamente o que estes acionistas buscaram fazer, tentando dessa forma burlar o limite de 15% das ações que um acionista da Sinovac poderia deter, fugindo das regras da empresa. Como forma de se defender desta investida, a Sinovac aumentou em 30% a oferta de ações na bolsa. Este litígio fez com que a Nasdaq interrompesse a atuação da empresa em seu mercado para investigá-la.

A reportagem ainda citou que a sede da empresa era em um paraíso fiscal, Antígua e Barbuda, e que ela fora ré em uma investigação sobre pagamento de propina a um servidor público na China para facilitar a aprovação de licenças para produtos de sua fabricação. Não houve, entretanto, nenhuma condenação para a Sinovac.

Formando esta série de reportagens apareceu uma que deu sinais mais favoráveis à fabricação de insumos na China. Esclareceu que um terço dos insumos utilizados para a fabricação de medicamentos vêm de lá. Os mais variados remédios são fabricados com insumos daquele país, que além disso conta com a cadeia de produção completa e menores custos, explicou à reportagem Nelson Mussolini, presidente do Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos (Sindusfarma). Divulgou-se, ainda, que a China é o segundo país com mais vistorias realizadas pela ANVISA, noventa e cinco¹⁷⁸.

As reportagens serviram para alguns leitores como confirmação sobre o que já acreditavam e defendiam. Para uns, só confirmaram as suspeitas de que a vacina fora feita em uma empresa sem credibilidade, em um país pouco confiável, que escondera o vírus do resto do mundo para, agora, sair fortalecido da pandemia. O jornal foi novamente acusado de parcialidade ao tentar “maquiar” as informações graves que acabara de divulgar. Alusões a países de “Primeiro Mundo” foram utilizadas como argumentos. Se nenhum destes países desenvolvidos estariam interessados nesta vacina, por que o Brasil estava?

No dia 23 de novembro de 2020, o Butantan anunciou a divulgação da eficácia geral da Coronavac para o mês seguinte, dezembro. O vice-presidente do setor de Inovação da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), responsável pela produção da vacina Astrazeneca, via a

¹⁷⁸ CAMBRICOLI, Fabiana. Um terço dos insumos importados para a produção de medicamentos vem da China. O Estado de São Paulo, 19 de novembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,um-terco-dos-insumos-importados-para-a-producao-de-medicamentos-vem-da-china,70003520196>. Acesso em: 16/02/2022.

possibilidade de iniciar a vacinação até o mês de março, e afirmou, com otimismo, que se esperava a vacinação de 130 milhões de brasileiros no ano de 2021¹⁷⁹.

Os leitores, no entanto, colocaram em dúvida o processo de produção das vacinas, questionando a demora na divulgação dos resultados de testes clínicos, com relação à Coronavac, e o método de aplicação da Astrazeneca.

As nacionalidades mais uma vez vieram à tona nos comentários, a exemplo de “sai fora com essa vacina chinesa”, de forma pejorativa. Outros termos como “países de primeiro mundo”, ou “até o Paraguai vai se vacinar antes de nós” também apareceram. A Rússia também foi mencionada, considerada aliada do Brasil, no mesmo comentário em que se fala do Paraguai, por seu presidente, Vladimir Putin, ter elogiado a “macheza” de Bolsonaro, como diz o leitor. Todos estes países foram mencionados de forma negativa. O jornal também sofreu críticas, sendo acusado de “propagandista de vacina chinesa”. Toda esta imagem já foi bem detalhada no capítulo anterior. O que nos intriga agora é a convergência de pautas entre o governo Bolsonaro e o governo Trump. Afinidades ideológicas e políticas explicam essa proximidade.

Tal aproximação ideológica fica clara nos posicionamentos defendidos pelo então ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo. Em seu discurso de posse (ARAÚJO, 2020) ele demonstra sua ligação com um pensamento nacionalista, um tanto quanto essencialista. Diz que o novo governo reconectaria o país com ele próprio. Um país que estaria vivendo fora de sua própria verdade. Uma verdade vinculada ao conceito de *Aletheia*, tal qual ele o utiliza em seu discurso. Uma verdade íntima, sentimental e libertadora, pois se conecta com o passado esquecido, um “desesquecimento”. E seria este o conceito que o ministro consideraria presente em um dos lemas do governo Bolsonaro: “Conheceis a verdade e a verdade vos libertará”. Conhecendo esta verdade é que nos reconectaríamos com nosso passado e nos libertaríamos. Que passado seria esse? Seria o “descobrimento” e a história de seus heróis. Seriam essas pessoas, os descobridores, os bandeirantes e tropeiros, os abolicionistas, os fundadores deste

¹⁷⁹ CAMBRICOLI, Fabiana. Resultados de eficácia da Coronavac saem no início de dezembro, diz governo de SP. O Estado de São Paulo, 24 de novembro. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,resultados-de-eficacia-da-coronavac-saem-no-inicio-de-dezembro-diz-governo-de-sp,70003524998>. Acesso em: 16/02/2022.

MARQUES, Júlia. Vacina de Oxford: Fiocruz prevê imunizar 130 milhões em 2021 e iniciar aplicação até março. O Estado de São Paulo, 23 de novembro de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,fiocruz-aumenta-expectativa-e-preve-vacinar-65-milhoes-contra-a-covid-no-1-semester-de-2021,70003525207>. Acesso em: 16/02/2022.

país, um tronco que transmitiria a seiva da nacionalidade. A política externa brasileira deveria seguir o caminho desta reconexão com a pátria, e se preocupar menos com o sistema internacional liberal. Diz ele: “Vamos ler menos *Foreign Affairs*, e mais Clarice Lispector ou Cecília Meireles”. Uma frase logo abaixo resume bem o seu pensamento: “O Itamaraty existe para o Brasil, não existe para a ordem global”. Agora o Brasil estaria se reconectando com a pátria e deixando de falar para agradar a ordem global. Seria um país que fala por si próprio, segundo pensa Araújo. Suas aproximações internacionais são claras já neste discurso, em que diz admirar os países que se conectam à sua história e se unem em uma nação, como Israel, Estados Unidos, Hungria, Polônia, Itália. Países que durante este período eram governados por conservadores. A sua ideia de nação é essencialista, e liga, a partir da etimologia, o nascimento à natureza, a uma verdade histórica essencial.

Fica claro que o seu posicionamento é nacionalista, e isto ficará ainda mais evidente quando o ministro faz críticas ao “globalismo”. Podemos explicar o conceito utilizando suas próprias palavras. Em uma entrevista ao canal Brasil Paralelo¹⁸⁰, o ministro discorre sobre o tema:

“Eu acho que o mais grave do globalismo está na mente e no pensamento. Acho que o globalismo é perigoso porque é, sobretudo, um sistema de pensamento, ou de antipensamento. Eu vejo o globalismo muito como o processo pelo qual a ideologia marxista, a partir do começo dos anos 90, e, sobretudo, mais ou menos a partir do ano 2000, penetra na globalização econômica e faz dela o veículo da sua propagação. Então, justamente, através da globalização, começa a entrar com a sua agenda em temas como ideologia de gênero, em temas como o ambientalismo distorcido, e outros. E começa, sobretudo, a controlar o discurso, a dizer o que você pode dizer e o que você não pode dizer; e cada vez o que você pode dizer é menos, ocupa um menor espaço. Então, eu vejo mais o globalismo assim: aquela ideia de que o marxismo descobriu que ele não precisa controlar os meios de produção econômica, quando ele pode controlar os meios de produção de ideias, que é o que vinha acontecendo. E é através desse controle das ideias que essa corrente começa a capturar instituições e, a partir dessas instituições, começa a tentar agir para diminuir as identidades nacionais; e as identidades pessoais também. Porque, no fundo, é isso: só parte do problema é a diluição das identidades nacionais. O fundamental é a

¹⁸⁰ Para uma análise sobre a produtora Brasil Paralelo, consultar: SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos. Agenda conservadora, ultraliberalismo e “guerra cultural”: “Brasil paralelo” e a hegemonia das direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020). 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021.

diluição da identidade do indivíduo, do ser humano, e o achatamento do ser humano; que, a meu ver, é o projeto marxista. Por isso que é um problema”. (ARAÚJO, 2020)

O globalismo seria, portanto, o domínio das ideias e da condução das relações internacionais, da ordem mundial, por grupos que visam minar a importância dos estados e das identidades nacionais. Ele associa esses grupos ao marxismo, que seria o sistema filosófico que guiaria suas ideias.

Suas concepções acerca da política externa são expressas de maneira mais extensa e detalhada em um artigo publicado nos Cadernos de Política Exterior (ARAÚJO, 2017), publicados pela Fundação Alexandre de Gusmão, ligada ao Itamaraty, o Ministério das Relações Exteriores. O artigo demonstra, também, seu entusiasmo com a ascensão de Trump. Sugestivamente chama-se “Trump e o Ocidente”. Para Araújo, o Ocidente teria perdido sua conexão histórica e espiritual com si próprio. Como disse também em seu discurso de posse, era preciso se reencontrar com as dimensões espirituais da vida que só a conexão histórica com a própria cultura poderia fornecer, através da nação, da família, dos heróis, dos mitos. Para ele, Trump seria o caminho para reacender no Ocidente essa chama. Seu apelo a Deus, à pátria, à tradição, o afastariam da tecnocracia e do economicismo que teria se tornado a marca das instituições internacionais e da política internacional, o globalismo, como aponta o ministro, esse amálgama de ideias estereis e sem substância, como ele as considera, frutos do “marxismo cultural”, também escreve em seu artigo. O Brasil deveria seguir esse apelo e buscar o reencontro consigo, o que para Ernesto Araújo significaria recuperar nossas conexões com o Ocidente entendido como civilização, um desenvolvimento histórico de valores e sentimentos, sem, no entanto, negar que todas as civilizações fizessem o mesmo. Trata-se de uma concepção de política externa essencialista e romântica, como ele próprio admite.

O “antiglobalismo” também é mencionado por Filipe Martins, que serviu como assessor para assuntos internacionais da presidência da república, demonstrando a importância desta abordagem em nossa política externa durante o período do governo Bolsonaro. Em entrevista à Rádio Jovem Pan,¹⁸¹ Martins aborda estes temas polêmicos mencionados até aqui. Fala sobre vários temas com a bancada do programa Pânico, dentre os quais a comunicação política e a ascensão de Bolsonaro ao poder, globalismo e relações com China e Estados Unidos, dentre outros. Focando nos últimos tópicos, destaco sua proximidade com o governo de Donald Trump, de quem ele confessa ser próximo através do genro do presidente americano, Jared

¹⁸¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D7h6ESC_R7A.

Kushner¹⁸², o que facilitaria os contatos e negociações entre os dois governos. Quanto à China, fala em pragmatismo, dizendo que as relações são ótimas. A bancada comenta críticas feitas pelo escritor Olavo de Carvalho¹⁸³ a parlamentares do Partido Social Liberal (PSL), partido onde estava Bolsonaro na época da entrevista, em 2019, que aceitaram o convite para uma visita ao país asiático. Filipe concorda com a crítica, afirmando que é necessário ter cuidado com o deslumbramento e que é preciso mais cautela e planejamento para realizar essas visitas. Confessa que ele próprio teria sido convidado anteriormente, mas que ao conversar com o presidente Jair Bolsonaro, foi instruído a aguardar e agir na hora certa, com mais clareza estratégica para o encontro. À época, era secretário de relações internacionais do PSL. Rebate a afirmação de um dos integrantes da bancada do programa de que estaria certo um acordo com a Huawei pela instalação da tecnologia 5G no Brasil, dizendo que isto não era verdade, e que ainda ocorreria um leilão para definir qual empresa nos prestaria este serviço.

O ministro e o assessor citam com frequência Olavo de Carvalho, em cuja obra, provavelmente, inspiraram-se para tratar do assunto. Carvalho aborda vários temas, mas para nossos propósitos nos basta expor sua visão sobre a política internacional. De forma resumida, ela está presente em um debate que o autor realizou com o escritor russo Aleksander Dugin.¹⁸⁴

Em uma de suas respostas a Dugin, Olavo de Carvalho elenca três frentes globalistas atuando no mundo. Primeiramente estaria uma frente política, baseada no poder militar, o eixo Rússia-China. Outro seria o Ocidental, representado pelos grandes financistas, tais como os integrantes do grupo Bilderberg. *Council of Foreign Relations* e a *Trilateral Commission*, e o último o projeto do grande califado islâmico, que por mais que tenha suas divergências internas, ansiaria por um destino comum, um califado mundial. Cada um destes entraria em disputa com os outros e os retrataria de uma maneira. O Eixo Rússia-China retrata o Ocidente como um império unipolar centrado nos EUA. O Ocidente encara o Islã como terrorismo e centra sua luta na contenção de grupos armados deste bloco. E este último encara o Ocidente como degradação moral. Respondendo a Dugin, Olavo vê na Rússia comunista o

¹⁸² Jared Corey Kushner (Livingston, Nova Jérsey, 10 de janeiro de 1981) é um investidor e promotor imobiliário, proprietário de jornais e conselheiro do ex-Presidente Donald Trump. Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jared_Kushner.

¹⁸³ Olavo Luiz Pimentel de Carvalho (Campinas, 29 de abril de 1947 – Richmond, 24 de janeiro de 2022) foi um ensaísta, polemista, influenciador digital e ideólogo brasileiro, que também atuou como jornalista e astrólogo. Filósofo autoproclamado, era considerado um representante do conservadorismo no Brasil, com expressiva influência na extrema-direita brasileira. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Olavo_de_Carvalho.

¹⁸⁴ Alexánder Gélievitch Dúgin (em russo: Алекса́ндр Ге́льевич Ду́гин), 7 de janeiro de 1962, Moscou, RSFSR, URSS) é um cientista político e filósofo político russo. Dugin tem sido apontado como uma inspiração para as ideias do atual Presidente russo Vladimir Putin, embora alguns analistas contestem a amplitude de sua influência. Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexandr_Dugin.

enfraquecimento da espiritualidade cristã em detrimento do materialismo extremo do marxismo. Os EUA, tidos por Dugin como o responsável pela degradação moral do mundo, seria, na verdade, sua salvação. Os financistas não representariam o caráter do povo norte-americano, fundado na liberdade e no valor individual e na continuidade da civilização cristã (CARVALHO, 2011). O pensamento destes dois atores, Olavo de Carvalho e Ernesto Araújo, que tiveram papel essencial na política externa conduzida durante o governo Bolsonaro, eleva os Estados Unidos a um papel de herói redentor do Ocidente, o país que iria liderar este resgate da espiritualidade e da identidade ocidentais. Tais concepções explicam a aproximação entre os dois países a partir de uma perspectiva ideológica.

Araújo teria sido indicado pelo próprio Olavo de Carvalho a Bolsonaro, que manteve contato com o escritor em algumas ocasiões. Uma destas ocasiões foi um jantar em um escritório da agência de notícias Breitbart, que tinha em Steve Bannon¹⁸⁵, um conselheiro de Donald Trump, seu principal nome, responsável por organizar pautas, temas de reportagens e administrar a agência. O conteúdo das conversas travadas no jantar é narrado por Benjamin Teitelbaum, etnomusicólogo e autor do livro *Guerra pela Eternidade* (TEITELBAUM, 2020). Era o ano de 2018, em que Bolsonaro venceu as eleições para presidente do Brasil. Olavo teria feito uma visita ao Departamento de Estado com a intenção de comunicar a sua preocupação com a ascensão chinesa, uma pauta em que convergia com Steve Bannon. Os filhos de Jair Bolsonaro pareciam ser os mais próximos a um ideário “nacionalista e patriota”, como se identificam de fato, dentro da estrutura do novo governo.¹⁸⁶ Seu objetivo seria o alinhamento com o “Ocidente judaico-cristão”.

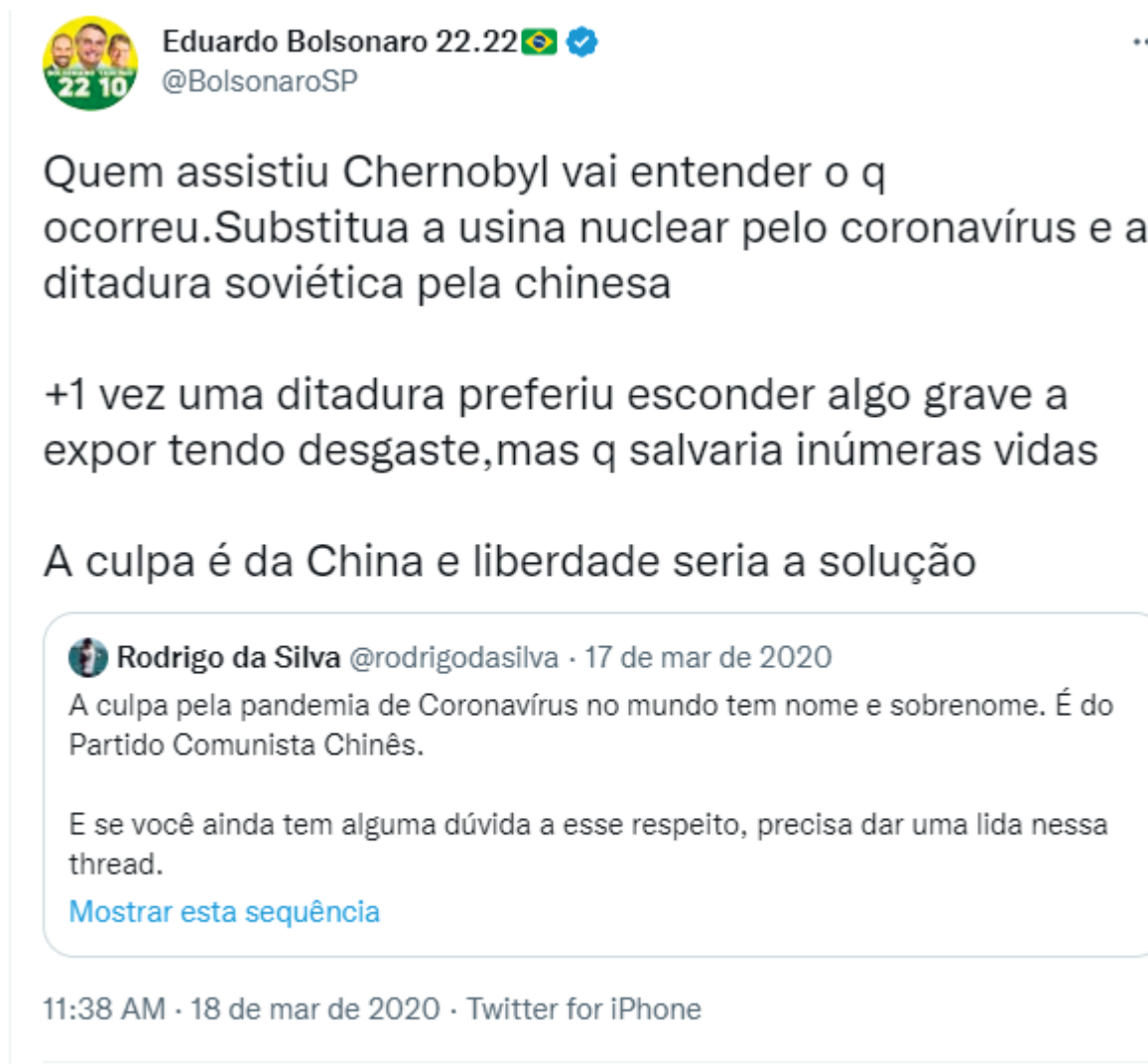
A atuação do deputado federal Eduardo Bolsonaro, então membro do PSL, assim como o pai, precisa ser destacada devido ao fato de ele ter sido o presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara dos Deputados. Tal Comissão tem como objetivo opinar em temas envolvendo a Política Externa e a Defesa.

¹⁸⁵ Stephen Kevin "Steve" Bannon (Norfolk, 27 de novembro de 1953) é um assessor político estadunidense que serviu como assistente do presidente e estrategista-chefe da Casa Branca no governo Trump. Como tal, participou regularmente do Comitê de Diretores do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, entre 28 de janeiro e 5 de abril de 2017, quando foi demitido. Antes de assumir tal posição da Casa Branca, Bannon foi diretor-executivo da campanha presidencial de Donald Trump, em 2016. Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Steve_Bannon.

¹⁸⁶ O livro trata da ascensão do Tradicionalismo. Aborda o pensamento de Steve Bannon e Aleksandr Dugin, principalmente, mencionando também outros autores, como o próprio Olavo de Carvalho. As informações que retiraremos do livro, no entanto, são as das reuniões em que o autor esteve junto de pessoas próximas a Bolsonaro e seus aliados norte-americanos, como forma de expor o conteúdo de suas discussões e a proximidade entre os dois grupos políticos. Para saber mais sobre os outros conteúdos do livro consultar: TEITELBAUM, Benjamin. **Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Editora Unicamp, 2020.

Sua proximidade com o governo de Trump, demonstrando sua convergência em questões referentes ao cenário político internacional, mostraram-se evidentes em muitas ocasiões. No tocante à China, o estopim de uma das controvérsias narradas anteriormente foi uma postagem do deputado fazendo uma comparação entre o desastre de Chernobyl e a Covid-19, ambos frutos de descuidos e negligência de ditaduras comunistas. Abaixo, uma captura de tela mostra a postagem do deputado fazendo a comparação:

Figura 29- Captura de tela



A postagem provocou a reação da embaixada chinesa, que a respondeu em tom mais firme do que o esperado no meio diplomático, gerando grande repercussão na mídia nacional. Abaixo, uma captura de tela que mostra a resposta no Twitter:

Figura 30- Captura de Tela



A postagem pode ser entendida como mudança nas posições chinesas na arena da política internacional, trocando o tom pacificador e não-intervencionista por comunicações assertivas e reativas. A partir de 2020, ano de maior intensificação da pandemia e, também, da culpabilização da China por ela, muitos diplomatas se engajaram nas redes sociais em tom agressivo, como se vê a partir da página oficial da Embaixada da China no Brasil. Tal prática ficou conhecida como “diplomacia do lobo guerreiro”, nome inspirado em um filme nacionalista chinês, em que o protagonista defende a China de agressores estrangeiros, sobretudo de mercenários estadunidenses (JIANG, 2021). Essa reação se manifesta em um cenário de disputa e acusações mútuas entre China e Estados Unidos, no qual a pandemia foi um dos mais importantes capítulos.

Cabe ressaltar ainda a importância de Steve Bannon, próximo de Trump durante sua campanha e apoiando a campanha de Jair Bolsonaro também, buscando fortalecer um movimento que poderíamos chamar de nacionalista, a nível internacional. Bannon pensava um nacionalismo que teria como protagonistas os camponeses e trabalhadores de classe média dos

Estados Unidos, que seriam pessoas com um grau espiritual elevado, avessos ao materialismo imposto pela modernidade. Estes seriam os soldados a salvarem os Estados Unidos. Benjamin Teitelbaum (2020) chamou essa sua ideia de “metafísica do campesinato”. Nisto Bannon e Olavo de Carvalho convergem, já que o brasileiro também via nesta classe média norte-americana a pureza da tradição cultural ocidental, tendo como foco para essa consideração, a sua vida espiritual e senso de comunidade.

Bannon discorre por longas horas sobre seus posicionamentos políticos em uma entrevista concedida à rede PBS¹⁸⁷. Assim como Olavo de Carvalho, Bannon enxerga a política dominada pelas elites financeiras e é adepto de um populismo de direita e nacionalista para buscar reverter esse domínio em favor das pessoas comuns. Para tanto, seria preciso trazer de volta os empregos aos Estados Unidos, e aqui entram as suas críticas à China. Para ele, este seria um país autoritário, incompatível com os ideais do Ocidente, sendo, por isso, um competidor estratégico dos Estados Unidos, e não um parceiro. Os Estados Unidos, a partir de um viés populista e anti-globalista, deveria contrapor a China nestes aspectos, sendo a voz contra a apologia à globalização que agora partia da China, como bem mostra o discurso de Xi Jinping em Davos, já mencionado anteriormente no texto (mencionado também por Bannon na entrevista). Importante notar que ele próprio se identifica como um populista-nacionalista.

Tais semelhanças na forma de pensar explicam sua aproximação com os Bolsonaro e a aproximação entre os dois governos, Trump e Bolsonaro. Ambos tinham neste resgate da identidade nacional, em detrimento do “globalismo”, seus objetivos políticos. Os Estados Unidos aparecem como um ator capaz de resgatar o “Ocidente”, como demonstraram os pensamentos de Olavo de Carvalho, Ernesto Araújo e Steve Bannon.

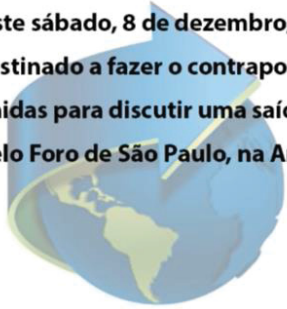
Eduardo Bolsonaro chegou a organizar a Cúpula Conservadora das Américas, que tinha como objetivo disseminar o pensamento “conservador” na América Latina, em contraponto ao Foro de São Paulo, um fórum de esquerda.

¹⁸⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pm5xxlajTW0&t=3s>. Acesso em: 16/11/2022.

Figura 31- Canal Cúpula Conservadora das Américas das Américas (YouTube)

Tríplice fronteira brasileira abriga o primeiro encontro da conservadora Cúpula das Américas.

A cidade de Foz do Iguaçu sediará neste sábado, 8 de dezembro, o primeiro encontro da conservadora Cúpula das Américas, um evento destinado a fazer o contraponto ao comunista Foro de São Paulo. Um total de 2.500 pessoas estarão reunidas para discutir uma saída para reverter o domínio da esquerda, idealizado pelo Foro de São Paulo, na América Latina.



**CÚPULA CONSERVADORA
DAS AMÉRICAS**

O evento acontece no centro de convenções do Hotel Recanto das Cataratas e é uma realização da Fundação Índigo (vinculada ao PSL de Jair Bolsonaro) organizada por Eduardo Bolsonaro, Fernando Franschini e Gustavo Kfoury.

Bannon chegou a conversar com a campanha de Bolsonaro sobre estratégias de comunicação, interpretação de dados e outras atividades de campanha, informalmente, sem receber remuneração. Bannon também apoiou publicamente a campanha de Bolsonaro, assim como Bolsonaro e pessoas próximas, como seu filho Eduardo, apoiaram a campanha de Trump.¹⁸⁸

¹⁸⁸ TELESUR. Brazil: Steve Bannon to advise Bolsonaro's presidential campaign. Telesur English. 15 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.telesurenglish.net/news/Brazil-Steve-Bannon-to-Advise-Bolsonaro-Presidential-Campaign-20180815-0003.html>. Acesso em: 16/11/2022.

REUTERS. Steve Bannon endorses far-right Brazilian presidential candidate. Reuters. 26 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-brazil-election-bannon-idUSKCN1N01S1>. Acesso em: 16/11/2022.

Figura 32- Paola de Orte/Agência Brasil



As afinidades entre estes atores mencionados acima explicam as suas convergências no que concerne às relações com a China. Enquanto ocuparam cargos simultaneamente, buscaram se alinhar, e as hostilidades à China podem ser entendidas como fruto desta convergência em torno de um “Ocidente” idealizado, uma cruzada contra o “globalismo”, que teria na China, mais especificamente no comunismo, um de seus principais representantes. Portanto, o afastamento da China se dá contrapondo Ocidente e Oriente, China e Estados Unidos e assim por diante. O contexto geopolítico explica as animosidades entre Brasil e China, bem como a relutância e os conflitos nas relações diplomáticas entre estes países.

CAPÍTULO 4- O FIM DA CONTROVÉRSIA E ESPECULAÇÕES TEÓRICAS

Mesmo que haja diferentes visões acerca da China, o que predomina é a percepção de perigo quando se fala no país asiático. As visões negativas oscilam entre o regime político e o povo, com predominância do primeiro.

Devido ao seu regime político, a China é vista como um país autoritário, com interesses obscuros, um país onde não existe liberdade para os cidadãos e o governo age sem transparência nenhuma. Sem escrúpulos, buscariam aumentar seu poder no cenário mundial com a pandemia. Alguns a acusam de tê-la causado propositalmente com esse intuito. As vacinas aparecem, portanto, como uma arma geopolítica, uma forma de lucro e solução para o problema causado por eles próprios, os chineses. Além disso, mesmo a vacina poderia estar sendo usada com outros fins escusos, até mesmo controle populacional. Alguns, como bem mostrou uma notícia desmentida no Projeto Comprova, acreditavam que a vacina poderia implantar um chip de rastreamento nos que a tomassem.

Ao mesmo tempo em que é vista como uma grande ameaça, a China também é associada à má qualidade e à falsidade. Tudo o que viria da China, seria ruim, pois não fabricariam nada que tenha qualidade, e com a vacina não poderia ser diferente. Desta forma, tomar uma vacina chinesa seria um grande risco à saúde, pois não se poderia garantir a qualidade de um produto “xing ling”, como diziam alguns em tom pejorativo.

As duas visões se relacionam em alguns momentos. A falta de transparência e de qualidade são mencionadas simultaneamente muitas vezes, sobretudo quando se fala do processo de fabricação da vacina. O tom conspiratório é uma constante. Haveriam sempre interesses obscuros por trás de qualquer ação dos chineses, que são associados à maldade. Uma hora estão fazendo negociatas às escondidas com o governador de São Paulo, em outra estão comprando todas as riquezas do Brasil e minando a soberania nacional, ou ainda causando pandemias para que possam aumentar o seu poder geopolítico. Poderiam ainda estar instalando redes inseguras com o objetivo de espionar, como ficou evidente ao descrevermos a controvérsia envolvendo a tecnologia 5G e a empresa Huawei.

Além da maldade, a sujeira também é mencionada em determinados momentos. Como se poderia confiar no julgamento de autoridades sanitárias de um país onde o povo come ratos e baratas? O estereótipo do chinês maldoso e “porco” é evidenciado.

Com menos frequência, o pragmatismo também é mencionado, mas agora como um bom atributo. Os chineses não deixariam questões morais interferirem nas suas tomadas de decisão, não importando o que acontecesse em outros estados, nem mesmo se um presidente como Bolsonaro os fizesse ofensas. A atuação pragmática na política, sem envolver sentimentos e moralismos seria um bom atributo. Todavia, podemos notar que a falta de sentimentos ternos associada aos chineses também se reproduz neste momento. Os chineses seriam frios e agiriam através do julgamento racional, não deixando sentimentos interferirem.

Estas atribuições detectadas nos jornais e comentários de internautas podem ser complementadas com exemplos históricos e interações cotidianas. Durante o século XIX, no contexto das discussões sobre a viabilidade de trazer mão de obra chinesa para substituir os escravos recém-libertos no trabalho braçal exigido nas lavouras, a discussão se dava também relacionada a uma noção de perigo. O “perigo amarelo” povoou o imaginário de políticos e intelectuais, mas naquele contexto o conceito de “raça” é que teve preponderância. Além dele, noções particulares de modernidade também serviam como justificativa entre os que se opunham à vinda destes imigrantes. A raça amarela, pensada através da ótica evolucionista¹⁸⁹, era tida como inferior à branca, e a imigração chinesa vista como ameaça à constituição de uma raça propriamente brasileira, que ao misturar-se com estes imigrantes, seria enfraquecida (DEZEM, 2005).

Podemos notar, através da observação dos comentários e da análise histórica, que estas representações do oriental vêm sempre acompanhadas de uma reificação do Ocidente e a uma autopercepção do Brasil como parte desta “civilização”, ou um projeto de nação que visa alcançá-la.

Uma percepção mais positiva também situa o Brasil em uma condição de inferioridade, mas em relação à China. Se eles são pragmáticos e fazem política de forma racional, deveríamos fazer o mesmo em busca de benefícios, desta vez dirigindo as críticas diretamente ao governo Bolsonaro, como pudemos perceber em alguns comentários de leitores. Portanto, o Brasil aparece como uma identificação negativa, como um “ocidental de segunda mão”.¹⁹⁰ Suas características remetem sempre à injustiça, à corrupção, à violência e à falta de relevância diplomática. Contudo, parte de um Ocidente reificado, contrapõe-se ao Oriente, representado

¹⁸⁹ As discussões teóricas seguiam muitos caminhos e explicações, mas tinham em comum a sobreposição hierárquica de raças, com europeus brancos ocupando o topo desta hierarquia e sendo representados como o ápice da civilização, como mostra Seyferth (1995).

¹⁹⁰ O termo é retirado de uma música da banda chilena Los Prisioneros, que se chama *Por que no se van*. A música transmite percepção similar, mas com relação ao contexto chileno. Trata-se de uma crítica social.

principalmente pela China, mas também por Rússia e Índia, para ficarmos apenas com exemplos que aparecem na controvérsia, que estão do outro lado da fronteira social (BARTH, 1969), caracterizado pela sujeira, pela maldade, falta de transparência, dentre alguns pontos negativos que são lembrados com frequência.

Evidentemente, existem outras visões, como a “pragmática”, já mencionada. Alguns leitores que compartilham desta percepção contrapõem o atrasado Brasil ao poderoso e imperialista Estados Unidos, por exemplo. Ou à pujante e pragmática China. Contudo, desta vez, as características relacionadas à sujeira e à má qualidade não aparecem.

Tal percepção acerca da China se inscreve no que Edward Said (2003) denominou Orientalismo. O conceito se refere às formas de representação do “Oriente” por intelectuais e artistas ocidentais. As descrições às quais o autor se refere representam a Ásia, ou seja, o Oriente, de forma preconceituosa, atribuindo-lhe características que se baseiam mais em suas próprias suposições, geralmente sustentadas em obras de outros orientalistas, do que na realidade dos fatos. Orientalismo foi, de fato, uma especialidade acadêmica que serviu para moldar uma visão da Ásia baseada nestes preconceitos, dentre os quais aparecem a crueldade, o arcaísmo, a feminilidade, o sensualismo e outros. Ou seja, serve basicamente como um contraponto às características valorizadas no Ocidente, atribuindo ao Oriente as não valorizadas. No entanto, nem sempre se restringem a imagens negativas, mas por vezes em imagens positivas também idealizadas, ao estilo do mito do “bom selvagem”.

O sociólogo Gilberto Freyre, um dos mais influentes “intérpretes do Brasil”, chega a fazer uma série de conexões entre o Brasil e a Ásia, inclusive a China. Este “mundo que o português criou”, abarcando regiões de África e Ásia, além da América, teria laços culturais muito mais profundos do que se imagina. Segundo Freyre, formas de sociabilidade baseadas no patriarcalismo e na hierarquia, que teriam formado a sociedade brasileira, teriam origem na Ásia. Devido a tais características e ao seu imenso território, o autor chega a se referir ao Brasil como “China Tropical”. O termo intitula um livro que reúne uma série de ensaios de Freyre (2011) sobre as semelhanças entre as colônias portuguesas da Ásia e de outras regiões do mundo, com especial atenção ao Brasil. Podemos notar um traço do que seria o conceito de Orientalismo em suas interpretações, altamente culturalistas. Entretanto, nota-se um lado “benévolo” do Orientalismo em seus escritos e, podemos dizer também, do colonialismo português, que teria criado esse império multicultural que exportaria entre seus vários recantos,

influências culturais mútuas. Esta busca pelas “origens” dos traços culturais na Ásia soa exatamente como os Orientalistas de quem fala Said em sua obra.

Said (2003) nos mostra que o Orientalismo foi capaz de moldar uma imagem do Oriente, criada pelo Ocidente. É necessário situá-la politicamente, como o autor o faz. O conhecimento, mesmo que repleto de invenções e preconceitos, servia como justificativa ao imperialismo. As ciências, como a Filologia, a própria Antropologia, através de seus discursos, serviram para criar uma imagem do Outro de maneira essencializada. A forma de retratar esse Oriente foi mudando de acordo com o momento histórico, e é muito importante levar isso em conta. Da mesma forma em que se delimitam essas diferenças criando uma imagem estática do Oriente, pratica-se, da mesma forma o Ocidentalismo, como aponta James Carrier (2003). O autor se concentra em discursos antropológicos, mas mostramos, no decorrer desta dissertação, que processos de essencialização e a construção de um Ocidente místico e heroico e a tentativa de se vincular a esta entidade histórica, também é formulada por líderes políticos e fazem parte de projetos em disputa. As políticas externas de Trump e Bolsonaro, bem como o pensamento de intelectuais envolvidos nelas, demonstra uma preocupação em criar identificações com imagens do Ocidente, contraposta aos perigos que o cercam, e para isso se valem destas representações contrastadas.

Herzfeld (2008) introduz uma nova maneira de tratar destes processos essencializadores ao cunhar o conceito de *essencialismo prático*. É comum nas relações sociais mobilizar estereótipos, utilizando-os de acordo com contextos específicos. O conceito nos é muito útil ao tratar os dados descritos até aqui, pois como trabalha a formação de imagens de forma ambígua entre o estado e os cidadãos, Herzfeld oferece a possibilidade de tratar das identidades de uma maneira que inclua as divergências envolvidas nesta relação, processo que denomina Intimidade Cultural. Esta intimidade seria o processo pelo qual pessoas buscam formular identidades divergentes da ideologia de estado, ao mesmo tempo que o estado busca se apropriar de aspectos culturais para formular sua cultura oficial. Isso se dá através da poética social, entendida como forma de criação de características tidas como típicas do grupo, valendo-se de diversos aspectos buscados no passado que os atores utilizam para reificar a si próprios. Aspectos estes que nem sempre estão de acordo com a realidade dos fatos, são mais mobilizações de ícones do que verdades históricas. Podemos considerar a política externa “romântica” implementada por Araújo como um destes processos de reificação, criando para o Brasil um passado glorioso vinculado ao Ocidente.

A obra de Freyre mostra um processo um pouco diferente de situar essa “origem”, admitindo uma troca cultural entre Ocidente e Oriente na formação de um império multicultural, o português, do qual o Brasil seria uma das mais impressionantes e entusiasmantes criações. Notamos duas maneiras de essencializar a identidade nacional que trazem distintas formas de se referir ao “Oriente”. As duas idealizam o passado colonial, entretanto.

Percebe-se um processo de disseminação nestas representações, característica dos contextos de intimidade cultural, tal como descritos e teorizados por Herzfeld (2008). Em contraste com as representações oficiais do estado, ao nível das relações pessoais os grupos sociais utilizam outras formas de identificação que desafiam estas ideologias nacionalistas. Ao contrário do país pacífico, bonito e em constante desenvolvimento e melhorias, que teria um passado glorioso, “ocidental” e heroico, os brasileiros, ao menos os aqui descritos, o percebem como injusto, pobre, fraco, subdesenvolvido, inferior aos seus pares “ocidentais”. Contudo, quando em contato com um Outro potencialmente perigoso, os mesmos indivíduos assumem uma postura defensiva e patriótica contra o invasor externo. Tais usos da identidade nacional ficam mais claros nas discussões da Questão Chinesa, quando o Brasil “civilizado” emerge das discussões, condicionado à colonização europeia, em detrimento da chinesa, que era especulada por alguns. O que nos importa do pensamento de Herzfeld é, principalmente, a constatação de que grupos sociais mobilizam essencialismos, estereótipos, de forma estratégica, atualizando e criando, com o processo que chamou de poética social, imagens de si e de grupos opostos.

Pudemos notar esse processo de deslocamento dos significados quando a imagem do Brasil era posta à prova nas matérias jornalísticas internacionais. Ao mesmo tempo em que muitos diziam estar envergonhados perante o resto do mundo, outros assumiam uma posição de autodefesa, enfatizando a soberania nacional. O Brasil passa a ser um país que anda com as próprias pernas e que não se curva a interesses externos. As identidades, portanto, assumem formas variadas, que mudam de acordo com o contexto e a relação. Mesmo que percebam o país de forma negativa, quando é o Outro que o faz, a postura passa a ser de defesa, pois esta identificação é restrita à intimidade cultural. Dois exemplos vivenciados pelo autor do texto ajudam a contextualizar o que queremos dizer aqui.

Ao entrar em um restaurante chinês para comprar uma marmita, a dona estava a pedir para que uma pessoa em situação de rua deixasse o estabelecimento. Pedia para que o rapaz

deixasse o restaurante, que esperasse a comida do lado de fora. Implicitamente, o homem é associado à sujeira, que causa incômodo no ambiente. O rapaz responde com uma ameaça que desloca a sujeira para o chinês, no caso a chinesa: “Eu vou chamar a vigilância sanitária! Se a senhora continuar me expulsando, eu vou chamar a vigilância e ela vai fechar esse restaurante”.

Aqui percebemos como as pessoas, em seu cotidiano, trabalham com os essencialismos, valendo-se do que Herzfeld (2008) chama de essencialismo prático, em uma tentativa de expandir os conceitos de Orientalismo (SAID, 2003) e Ocidentalismo (CARRIER, 2003) para uma forma que englobe as ações, além de seu caráter predominantemente discursivo, como vinham sendo utilizados. A fala do morador de rua pode ser interpretada desta forma. Ao ser menosprezado por uma imigrante ele joga com as representações estereotipadas de sujeira associadas aos chineses para deslocar a sujeira para o acusador. Um claro processo de disseminação, em que os atores atribuem diferentes significados aos mesmos fenômenos e negociam sua utilização no ambiente de intimidade cultural. As mesmas pessoas, em contato com turistas europeus, poderiam atribuir a outros grupos sociais as características que consideram vergonhosas e pouco modernas. O morador de rua atribui ao chinês a característica negativa, em uma maneira de defender-se da acusação implícita de que ele é sujo. O indesejado deixa de ser ele e passa a ser o imigrante. Talvez a reação contra acusadores brasileiros tivesse sido diferente.

Agora com um deslocamento positivo. Ao receber os imunizantes no aeroporto, em São Paulo, João Doria posa em frente a um contêiner onde está estampada uma bandeira brasileira e onde lê-se: “vacina do Brasil”. Trata-se de um movimento de defesa das acusações de que a vacina seria ruim por ser chinesa, como descrevemos anteriormente a partir da observação das caixas de comentários dos jornais. Busca-se vinculá-la agora ao Instituto Butantan, um centro de pesquisa de referência e um grande orgulho nacional, e paulista, cabe dizer também. O próprio orgulho paulista que emerge nos comentários pode ser lido como um desafio à identidade nacional tal como pensada nas ideologias de estado brasileiras.

As falas de Bolsonaro sobre a vacina chinesa demonstram que a identidade nacional emerge a partir deste processo relacional, ao utilizar estereótipos já em circulação entre as pessoas para fazer valer os seus argumentos e legitimar as suas aceções. A relação, contudo, é mais complicada, envolvendo diversas formas de associações políticas. A má percepção da China se junta à do comunismo, formando uma imagem de perigo que não se sustenta apenas

na raça, mas agora no regime político, deslocando-se do “perigo amarelo” ao “perigo vermelho”.

Machillot (2012) aponta ainda para outras características importantes dos estereótipos. Eles funcionariam tanto de forma negativa, quanto positiva, estabelecendo o tipo de contraste que discutimos acima, e assumiriam sua forma a partir de contextos históricos e geográficos, funcionando como uma forma de classificação, sendo um fenômeno cognitivo, também.

As imagens nos demonstram essa ideia, além do contexto em que elas emergem e os lugares de onde provém. A circulação de imagens como as mostradas no capítulo 3 fornece os significantes que ajudam a criar uma imagem específica da China como ameaça. Tudo isso ganha força em meio a disputas por mercados globais, influência em órgãos intergovernamentais, como a Organização Mundial da Saúde, influência geopolítica e assim por diante.

A partir destes significantes, surgem as representações do Outro. Como já apontado por Said (2003), as relações de poder são determinantes para formar tais imagens. A representação consiste na formulação de sentidos através da linguagem, entendida de forma ampla, o que abarca não só a língua falada, mas também gestos, ícones, como privilegiou Herzfeld ao conduzir suas análises, imagens em geral e etc. Ela se refere tanto a coisas existentes, quanto imaginárias, como bem demonstram as imagens formadas pelo Orientalismo e a estética nostálgica característica do pós-modernismo, por exemplo (RABINOW, 1996). Estas representações precisam de códigos culturais próprios para serem inteligíveis, e por isso assumem características próprias em cada contexto social. Baseiam-se em significantes (objetos, palavras), para então formar significados (conceitos). Essa relação produz signos, que organizados na forma de linguagem, produzem sentido (SAUSSURE *apud* HALL, 2016). Como formulações sociais, as relações de poder se impõem na formação das representações.

Vários exemplos podem ser citados, como a produção de quadrinhos, como os produzidos pelo cartunista Rebel Pepper, reproduzidos acima, bem como os outros cartuns reproduzidos no capítulo anterior. Vários exemplos históricos podem ser usados como amostra de como as imagens podem ser usadas com fins políticos. Os quadrinhos de Tintim, que buscaram criar uma imagem paternalista do colonialismo belga no Congo (TAMBASCIA, 2004), a criação dos quadrinhos do *Mighty Man* como forma de legitimar o modelo de “desenvolvimento separado” dos nacionalistas afrikâners na África do Sul em regime de *apartheid* (MARTINS, 2021) e os cartuns do personagem Xiconhoca, que buscava incutir na

população do Moçambique revolucionário o que seriam as atitudes condizentes com o Homem Novo que o novo governo buscava criar, remodelando aspectos culturais do país (BARATA, 2015). Da mesma maneira, podemos considerar assim as imagens veiculadas da China, nas diversas formas de linguagem em que se apresentam. Do mesmo modo, podemos considerar a representação do “Ocidente”, contrastando esse Outro que é a China. Tendo determinado que as identidades funcionam de forma contrastiva, variando de acordo com interações específicas e operando na forma de essencialismos práticos, podemos investigar qual o conteúdo destas identidades e como se formam e operam. A partir do Outro, o chinês, é possível pensar o brasileiro, e como ele próprio se percebe nestas situações de contato ao estabelecer uma fronteira entre “nós” e “eles”. Algo similar poderia ser dito acerca do período da Revolução Cultural, em que o maniqueísmo serviu como ferramenta para formar uma imagem dos “inimigos da revolução”, tal como mostram os quadrinhos “Uma vida chinesa”, feitos por Li Kunwu e Phillippe Otié, e analisados como ferramenta pedagógica por Santos & Bueno (2023).

Uma boa forma de pensar o problema é comparando o momento atual com as discussões que envolveram a imigração chinesa no século XIX. Como dois projetos de nação representaram o chinês? O primeiro buscou a criação de um país branco e ocidental e viu na raça o “perigo amarelo”. O projeto então ocupante da estrutura governamental buscava um “reencontro” com a “tradição” ocidental do Brasil, contrastando-a ao comunismo, o “perigo vermelho” representado pelo regime político chinês. Portanto, ao estabelecer esta fronteira, cria-se uma representação de si baseada na reificação do Ocidente. Tratam-se de projetos nacionais à sombra do Ocidente, que refletem contextos históricos em que a Europa, os Estados Unidos, ou simplesmente o Ocidente, aparecem como o tipo ideal de civilização.

Colocando em perspectiva histórica, notamos que a China, junto com o “Oriente”, há muito tem sido um contraste para criar a imagem do “Ocidente”. Acompanhando este contraste vêm os diacríticos apropriados a cada um. Enquanto o Ocidente seria avançado, civilizado, limpo, democrático e livre, o Oriente, agora carregando ainda o comunismo consigo, seria atrasado, estático, autoritário, fechado.

As discussões sobre os Institutos Confúcio que ocorreram nos Estados Unidos ilustram bem tal percepção. Descrevemos anteriormente a forma como Mike Pompeo se referiu aos institutos, considerando-os ameaça à liberdade acadêmica e de expressão. As interações entre alunos e professores neste ambiente, descritas em uma etnografia conduzida por Jennifer Hubbert (2019), demonstram que há uma resistência dos alunos e, principalmente, de seus pais,

em aceitar a China como definidor dos processos de globalização. Ao tentar se legitimar como um ator importante, definindo direções da ordem global, a China é percebida como ameaça, um país que ao tentar passar uma boa imagem de si através dos Institutos, estaria ocultando dos alunos a verdade. A verdade seria a de que a China é um país autoritário e ameaçador. Uma visita dos alunos à China, à qual a autora compareceu, demonstrou ainda melhor a negação da modernidade à China. Os alunos trataram como manipulação as visitas a edifícios modernos e grandes obras aos quais foram conduzidos. Hubbert notou que, no entanto, ao visitarem um mercado de rua, os alunos se divertiram e consideraram que agora sim estavam visitando a “verdadeira” China. À China só cabe, portanto, o papel de lugar exótico. O mesmo vale para as convicções dos professores. Se faziam algum elogio à atuação do Partido Comunista, os interlocutores norte-americanos consideravam que eram forçados a fazê-lo, não porque tinham convicções, mas por medo de perseguições.

A situação vivida pelos estudantes no mercado chinês nos remete aos estereótipos envolvendo a alimentação, outra prática considerada arcaica e nojenta pelos “ocidentais”. O consumo de todo tipo de animais de caça é tido por muitos chineses como iguaria, enquanto em outros lugares é visto como prática retrógrada, relacionada ao atraso e à fome. Mesmo no Brasil, onde também é comum o consumo de animais de caça, a suposta “sopa de morcego”, que sequer é consumida na China, serviu para associar as práticas culturais chinesas à origem da doença (VELDEN, 2020).

A imagem reproduzida abaixo é um exemplo de como os hábitos alimentares chineses são percebidos eventualmente no Brasil.¹⁹¹ Mesmo que haja uma forte demanda pelos ingredientes “asiáticos” e os restaurantes especializados em comidas chinesas, japonesas, dentre outras, terem enorme sucesso, o consumo é “filtrado”, e a comida também representa um processo de disseminação, sendo veículo de sinofilia ou sinofobia, dependendo do contexto social em que se insere, e dependendo também dos hábitos locais brasileiros. A alimentação associa-se ora ao deleite de ótima culinária, ora ao exotismo e à propagação de doenças.

¹⁹¹ A imagem foi retirada de uma publicação feita no Facebook por um dos contatos do autor. Não se sabe quem é o autor da imagem. “Hungriano” aparece na marca d’água do desenho, mas não foi possível localizá-lo para saber de quem se trata. Não divulgaremos o nome e nem a conta da pessoa que a publicou por questões éticas.

Figura 33- Hungriano



Christos Lynteris (2018) demonstra que tal percepção está inserida em um conjunto de representações simbólicas do corpo chinês como propagador de doenças, partindo de sua origem nacional e chegando aos bairros em que se concentravam ao redor do mundo, sendo eles associados ao atraso, novamente. A China como foco de doenças, no século XIX, era tratada como o resultado da resistência à mudança que sua cultura “arcaica” teria, uma cultura

em decadência, junto ao seu também decadente império. Da mesma forma, mas valendo-se de uma representação atualizada do “perigo” representado pelos chineses, a epidemia de SARS de 2002 mostrou que a associação dos chineses às doenças continuava existindo, mas agora associada à falta de transparência de seu regime político.

Os dados que recolhemos durante nossas observações demonstram que essa percepção, mencionada por Lynteris, continua viva. A falta de transparência ou até mesmo a maldade do Partido Comunista Chinês seriam a causa de mais uma pandemia. Além disso, os corpos chineses continuam a ser tratados como corpos doentes, devido ao seu suposto atraso cultural. O fato relatado anteriormente em que o morador de rua associa o restaurante chinês à sujeira e os diversos relatos recolhidos nos Estados Unidos pela iniciativa AAPI Hate, servem como exemplos empíricos dos estereótipos consolidados acerca dos chineses.

A facilidade com que circulam imagens pela internet, a aproximação entre grupos políticos a nível transnacional, o acesso a discussões globais sobre política, dentre outras formas de contato, ajudam a formar uma nova memória circum-oceânica da China (LEE, 2018) e, junto dela, uma nova “identidade ocidental”, guardando suas especificidades locais.

Ao mesmo tempo que estas imagens vão se consolidando, a presença dos imigrantes e sua convivência cotidiana com grupos distintos etnicamente, cria novas identidades, novas fronteiras. Muitos chineses se sentem parte do Brasil, alguns sequer visitaram o país de seus descendentes, mas mesmo assim nem sempre são considerados parte da “nação”. Relatos de entrevistados por Daniel Veras (2008) em sua tese de doutorado mostram que imigrantes chineses possuem uma relação ambígua com o Brasil, sentindo-se parte ao mesmo tempo em que se sentem fora. Alguns chegam a reproduzir o mito da “democracia racial”, um conceito oriundo da obra de Gilberto Freyre que serve como artifício legitimador dos discursos nacionalistas brasileiros, mas já muito criticado.

Lesser (2015) demonstra que a ascensão econômica, o acesso a profissões valorizadas e a lugares de destaque na política, nas profissões liberais, na academia e em espaços de prestígio, em geral, mudam certas percepções e dão meios para grupos de imigrantes barganharem um espaço na constituição da identidade nacional brasileira. No entanto, continua sendo comum que se refira a eles como “árabes”, “japoneses”, “chineses” e etc. As etnicidades servem como marcadores da diferença, mesmo que se considere estas pessoas parte do país. As identidades que emanam de baixo são muito diferentes das oficiais, como buscamos argumentar a partir das propostas analíticas de Herzfeld.

Mesmo que mudem constantemente, as etnicidades continuam a ser uma fronteira social entre diversos grupos no Brasil. Os japoneses, por exemplo, passaram a ser vistos como um modelo a ser seguido, tendo em vista a ascensão do Japão a potência econômica. Lesser (2008), em outro trabalho, mostrou como estas imagens foram mobilizadas de modo a retratar os “nossos” japoneses. A rigidez étnica condicionou a experiência deles, que ao tentarem se aproximar da “brasilidade” participando da militância política ou de filmes eróticos, por exemplo, acabaram, na verdade, por realçar sua condição de “japonês”.

As condições econômicas, as representações de “modernidade” e classe, mostram-se, portanto, essenciais na aceitação de imigrantes e grupos étnicos ‘não-brasileiros’ como parte da “nação” brasileira. O ideal do branqueamento, analisado no Capítulo 1, demonstra uma intenção de ser moderno e desenvolvido associando esse ideal à raça e à Europa. Mais tarde, o desenvolvimento do Japão se mostra como um ideal a ser atingido, e a comunidade de origem japonesa um exemplo de trabalho e dedicação, inteligência (LESSER, 2008). Já os chineses, já no século XIX e, depois, nas migrações mais recentes, indo trabalhar em setores menos prestigiados, como o comércio informal e as pastelarias, acabam ficando com o estereótipo de “pasteleiros” (VERAS, 2008). Agora, a partir de nossas observações em meio à pandemia, notamos a associação destes com o perigo e a sujeira, manifestada na forma de doença. Contrapondo esse grupo, estaria o moderno Ocidente, do qual o Brasil faria parte.

Em meio ao contexto geopolítico em que se realizaram as observações descritas até aqui, podemos considerar, portanto, que existiu uma tentativa de relacionar o Brasil a uma certa ideia de Ocidente, utilizada por grupos políticos específicos. No entanto, ao mesmo tempo, constata-se que as identidades propostas são contestadas e disputadas por grupos contrários. A China serve como contraste na busca por naturalizar tal imagem. Nota-se, através deste movimento, que persistem estereótipos que são sempre renovados de acordo com os contextos políticos e históricos que o país atravessa.

CONCLUSÃO:

As controvérsias narradas nas páginas anteriores apontam para uma característica em comum: todas elas se valeram de representações essencialistas de um Outro. Neste caso, o Outro foi o chinês. Contrapondo-o e formando uma identidade contrastada a partir daí, os brasileiros pensaram a si próprios. Seja como uma nação em vias de criação, seja como uma nação a ser resgatada, o Brasil não poderia seguir os caminhos oferecidos pela China. Em um primeiro momento não podia aceitar que os chineses fizessem parte de sua composição racial, pois a degeneraria e atrapalharia o seu progresso em direção ao mundo civilizado. Em outro momento, o país precisaria resistir aos avanços de uma potência maldosa e autoritária, que teria planos obscuros para o futuro, valendo-se dos meios mais vis e cruéis para alcançar seus objetivos, até mesmo a disseminação de um vírus. Para isso, seria preciso fortalecer um bloco Ocidental, entendido como a união de povos que teriam uma civilização comum, baseada em princípios justos e elevados.

Entretanto, vimos que tais imagens e identidades nunca são estáveis e mudam constantemente. Os contextos político e histórico as moldam, oferecendo significantes para que os grupos sociais formem opiniões e criem imagens e significados sobre algo. Os estereótipos surgem daí. Temos que compreendê-los como um fenômeno histórico que vai se formando através de relações, muitas delas conflituosas, como mostrou o embate entre Doria e Bolsonaro em torno da compra do imunizante Coronavac. Foi a partir da reconstituição desta polêmica que pudemos nos perguntar: por que a vacina chinesa seria pior? Por que a relutância em comprá-la?

A partir daí, seguindo atores e instituições, na medida em que apareciam em jornais e redes sociais, foi possível navegar por um fluxo grande de informações. Imagens, conversas em caixas de comentários... Toda essa informação nos mostrou uma percepção da China como ameaça, tanto por parte de agentes políticos vinculados ao Estado e à política institucional, quanto interações cotidianas entre pessoas, sobretudo em redes sociais e plataformas de jornais.

Evidentemente, tal imagem é restrita aos meios consultados para apreendê-la. Muitos outros caminhos poderiam ter sido seguidos. E ainda podem. Gostaria, então, de escrever esta conclusão apontando outros caminhos possíveis, pois seguindo a proposta inicial de olhar para controvérsias, chegou o momento de interrompê-la para apresentar os resultados encontrados.

De outro modo, ela seria infinita, visto que as interações continuam, ganhando sempre novos actantes, sejam eles pessoas, novas tecnologias, objetos em geral e etc.

Outros temas que aparecem com frequência, especificamente no capítulo 2, são o da “ciência” e o da “política”. O que seria a ciência ou a política é objeto de discussões acaloradas entre grupos opostos que disputam a validade dos argumentos apresentados pelos outros. A ciência e a política também são campos em disputa de acordo com a identificação dos atores com alguma ideia ou outra. Abre-se, a partir de tais embates, uma nova controvérsia a ser seguida no nível local, o Brasil, tratando especificamente deste tema.

O que o capítulo 3 deixou evidente, são as ligações transnacionais entre diversos grupos políticos. O foco restringiu-se aos atores mais importantes, mas uma etnografia de ligações entre grupos, com maior foco nas relações transnacionais desvinculadas do estado e sem proximidade com estruturas governamentais, seria um bom tema de pesquisa. As ideias sempre influenciaram a tomada de decisões, como bem mostramos acerca da concepção de “globalismo”, mobilizada por intelectuais ligados às personalidades políticas privilegiadas nesta análise. Olhar de que forma essas ideias emergem a partir das relações entre os intelectuais que as debatem, fazer uma história social de sua emergência, traçar suas ligações políticas e institucionais, todas esses caminhos poderiam mostrar algo relevante, e poderiam dar uma boa ideia de como estes grupos se identificam, levando em conta, ainda, suas implicações e adaptações a realidades locais.

Outro caminho a ser percorrido, e que emerge a partir dos temas suscitados pela pesquisa, é a relação entre chineses e brasileiros. Já existe uma produção relevante acerca deste objeto, e aprofundar tais temas a partir do referencial teórico mobilizado neste trabalho poderia trazer à tona novos temas acerca da identidade nacional e étnica e suas manifestações no Brasil.

Ainda sobre os imigrantes chineses, poderíamos acrescentar mais países na análise, além de Estados Unidos e Brasil, e buscar descrever esse novo imaginário circum-oceânico acerca do chinês. Tal proposta está ligada a processos de globalização, calcada na circulação de objetos e ideias, que acabam por criar uma cultura internacional-popular, da qual o Brasil seria mais um caso, apenas (ORTIZ, 1996). A circulação transnacional de mercadorias e pessoas chinesas já rendeu boas reflexões acerca de relações comerciais, diásporas, ilegalidades, globalização, dentre outros variados temas, como demonstra o trabalho de Rosana Pinheiro-Machado (2009). Vários casos específicos também são abordados na coletânea

Yellow Perils, organizada por Franck Billé e Soren Urbansky (2018). Esse referencial poderia ser um bom ponto de partida para seguir outras trilhas.

Enfim, o que buscamos mostrar nesta dissertação é que são diversos os caminhos empíricos e teóricos a serem seguidos a partir dos estereótipos mobilizados para falar dos chineses. A proposta de Herzfeld e Machillot, de tratar os estereótipos e as imagens essencializadas como um ponto de partida da reflexão antropológica, bem como a interminável descrição de redes de relações, proposta por Latour, nos levam a caminhos que poderiam ser explorados em novas pesquisas, enfatizando pontos específicos, como os mencionados acima.

Demonstramos, pois, que as identidades não são essenciais, o que pode, na verdade, ser considerado um consenso na Antropologia, e que, por detrás de todo estereótipo, escondem-se, às vezes não tão bem, desenvolvimentos históricos e políticos que os determinam e dão as condições para a sua emergência e mobilização, tornando-os senso comum. Suas construções dão-se de forma contrastiva e calcada na imaginação de um Outro. Neste caso, os chineses representaram uma ameaça moral, política e biológica.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Antônio Augusto da Costa. Crise na lavoura ou resposta ao opusculo com o mesmo titulo que publicou na Corte o Sr. Quintino Bocayuva. São Paulo: Biblioteca Brasileira, 1868. 31 p. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4852>. Acesso em: 14 set. 2021.

ANDERSEN, K.G., RAMBAUT, A., LIPKIN, W.I. et al. The proximal origin of SARS-CoV-2. **Nat Med** 26, 450–452, 2020. <https://doi.org/10.1038/s41591-020-0820-9>. Acesso em: 19/11/2022.

ARAÚJO, Ernesto. **A Nova Política Externa Brasileira**: seleção de discursos, artigos e entrevistas do ministro das Relações Exteriores. Brasília: FUNAG, 2019.

ARAÚJO, Ernesto. Trump e o Ocidente. **Cadernos de Política Exterior**, vol. 3, n. 6, pp. 323-359, 2017.

BARATA, Jorge Manuel Rodrigues Mendes. Xiconhoca, o inimigo: a denúncia de todos os males sociais à revolução moçambicana por meio do cartum. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Estadual de Londrina, 2015. 140f.

BARTH, Fredrik. Introduction. In. BARTH, Fredrik (edit.). **Ethnic groups and boundaries**: The social organization of culture difference. Boston: Little, Brown and Company, 1969.

CARRIER, James. Introduction. In. CARRIER, James (edit.). **Occidentalism**: images of the West. Oxford: Clarendon Press, 2003 (1995).

BILLÉ, Franck & URBANSKY, Soren. **Yellow Perils**: China narratives in the contemporary world. University of Hawai'i Press, 2018.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

CARVALHO, Olavo de; DUGIN, Aleksandr. The USA and the New World Order. 2011. Disponível em: <http://debateolavodugin.blogspot.com/>.

CHANGSHENG, Shu & TIANSHU, Pan. Studies on chinese migration to Brazil: the present state and future tendencies. In BUENO, André & VERAS, Daniel. **Studies in Chinese migrations: Brazil, China and Mozambique**. Rio de Janeiro: Projeto Orientalismo/UERJ, 2021.

CZEPULA, Kamila & BUENO, André. The “chins” in the “Gazeta de Notícias”: a debate in chinese immigration in Brazil Empire (1879). In BUENO, André & VERAS, Daniel. **Studies in Chinese migrations: Brazil, China and Mozambique**. Rio de Janeiro: Projeto Orientalismo/UERJ, 2021.

CZEPULA, Kamila. **Os indesejáveis chins: um debate sobre a imigração chinesa no Brasil Império (1878-1879)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017. 128p.

DEZEM, Rogério. **Matizes do “amarelo”**: A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

DUARTE, Phelipe Magalhães. COVID-19: Origem do novo coronavírus. **Brazilian Journal of Health Review**. Curitiba Vol.3. n. 2. 2020. Doi: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n2-187>. Acesso em: 19/11/2022.

FREYRE, Gilberto. **China Tropical: e outros escritos sobre a influência do Oriente na cultura luso-brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2011.

GIUMBELLI, Emerson. Para além do "trabalho de campo": reflexões supostamente malinowskianas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online]. 2002, v. 17, n. 48, pp. 91-107. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000100007>. Acesso em: 10/11/2022.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016

HERZFELD, Michael. **Intimidade cultural: poética social no Estado-Nação**. Lisboa: Edições 70, 2008.

HSWEN Y; XU X.; HING A.; HAWKINS J.B.; BROWNSTEIN J.S.; GEE G.C. Association of “#COVID19” versus “#Chinesevirus” with anti-Asian sentiments on Twitter: March 9–23, 2020. **American Journal of Public Health**. 111(5):956–964, maio, 2021. DOI: <https://doi.org/10.2105/AJPH.2021.306154>.

HUBBERT, Jennifer. **China in the world**: an ethnography of Confucius Institutes, soft power and globalization. University of Hawai'i Press, 2019.

JIANG, Yun. The rise and fall of the wolf warriors. In. GOLLEY, Jane; JAIVIN, Linda e STRANGE, S. **Crisis**. ANU Press. 2021. Doi: <https://doi.org/10.2307/j.ctv1m9x316.9>. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/j.ctv1m9x316.9#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social**: an introduction to actor-network theory. Oxford University Press, 2005.

LEE, Ana Paulina. A estética da exclusão: imigrantes chineses em culturas visuais brasileiras na virada do século XX. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 60, 2020. DOI: 10.9771/aa.v0i60.28716. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/28716>. Acesso em: 20 nov. 2022.

LEE, Ana Paulina. **Mandarin Brazil**: Race, Representation and Memory. Stanford University Press, 2018.

LEITE, José Roberto Teixeira. A China no Brasil: influencias, marcas, ecos e sobrevivencias chinesas na arte e na sociedade do Brasil. 1992. [591]f Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1581345>. Acesso em: 5 mai. 2022.

LESSER, Jeffrey. **A invenção da brasilidade**: Identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LESSER, Jeffrey. **Uma diáspora descontente**: os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica 1960-1980. São Paulo: Paz & Terra, 2008.

LIMA, Otto Reuter. "Black and yellow": the black slavery crisis in Brazil and the reconfiguration of world labour Market through the chinese labour force. In BUENO, André & VERAS, Daniel. **Studies in Chinese migrations**: Brazil, China and Mozambique. Rio de Janeiro: Projeto Orientalismo/UERJ, 2021.

LYNTERIS, Christos. Yellow Peril and epidemics: the political ontology of degeneration and emergence. In. BILLÉ, Franck & URBANSKY, Soren. **Yellow Perils**: China narratives in the contemporary world. University of Hawai'i Press, 2018.

MACHILLOT, Didier. Pour une anthropologie des stéréotypes: quelques propositions théoriques. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 73-101, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100004>.

MARTINS, Júlio Mendes Sandes. Mighty Man, Little Man. White Man: Charges, quadrinhos, escândalos e a Guerra de Propaganda a favor do apartheid (África do Sul 1973-1978). Dissertação (Mestrado em História Social)- Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. 118f.

MENDONÇA, Salvador de. **Trabalhadores asiáticos**. Nova Iorque: Typographia Novo Mundo, 1879. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3852>. Acesso em: 05/05/2022.

O'DONNELL & ASSOCIATES. **Corona Big Book: Main Messages**. O'Donnell & Associates, 2020.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade étnica e a moral do reconhecimento. In. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da identidade: Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de Oliveira. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. Ed. Brasiliense, 1985.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. Ed. Brasiliense, 1996.

PERES, Victor Hugo Luna. **Os “Chins” nas sociedades tropicais de plantação: estudo das propostas de importação de trabalhadores chineses sob contrato e suas experiências de trabalho e vida no Brasil (1814-1878)**. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.170f.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Made in China: Produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

RABINOW, Paul. Representations are social facts: Modernity and Post-Modernity in Anthropology. In. RABINOW, Paul. **Essays on the Anthropology of Reason**. University of Princeton Press, 1996.

SAID, Edward. **Orientalism**. Penguin Books, 2003.

SANTOS, Marco Aurélio dos. The Chinese in the Paraíba Coffee Valley: projects, perspectives, transitions and failure- 19^o century. In BUENO, André & VERAS, Daniel. **Studies in Chinese migrations: Brazil, China and Mozambique**. Rio de Janeiro: Projeto Orientalismo/UERJ, 2021.

SANTOS, Rodrigo Otávio dos. & BUENO, André. “Uma vida chinesa em sala de aula”: China Contemporânea e história em quadrinhos. **História**. São Paulo, v.41, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2022039>.

SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, migração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i53p117-149>.

TAMBASCIA, Cristiano Key. Representando o Congo: uma análise antropológica dos quadrinhos de Tintim. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Estadual de Campinas, 2004.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade: O retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020.

TRUMP, Donald J. **Crippled America: How to make America great again**. Threshold Editions, 2015. *E-book*.

VANDER VELDEN, Felipe. A doença comunista e a sopa de morcegos. Sobre tráfico de animais, orientalismo e pandemia. **Campos - Revista de Antropologia**, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 214-241, junho 2021. Acesso em: 20 nov. 2022. [://dx.doi.org/10.5380/cra.v22i1.79283](https://dx.doi.org/10.5380/cra.v22i1.79283).

VERAS, Daniel Bicudo. As diásporas chinesas e o Brasil: a comunidade sino-brasileira em São Paulo. (tese de Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. 280f.

VERAS, Daniel Bicudo. Yo Ban Boo: Asian-Brazilian identity and social media. In BUENO, André & VERAS, Daniel. **Studies in Chinese migrations: Brazil, China and Mozambique**. Rio de Janeiro: Projeto Orientalismo/UERJ, 2021.

WERNECK, Lacerda L. P. **Ideias sobre colonização precedida de uma succinta exposição principios geraes que regem as populações.** Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1865. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7619>. 05/05/2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO-convened Global Study of Origins of SARS-CoV-2: China Part.** Joint WHO-China Study: 14 January-10 February 2021. WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/who-convened-global-study-of-origins-of-sars-cov-2-china-part>. Acesso em 19/11/2022.

YOUNG, Elliot. **Alien nation:** Chinese migration in the Americas from the coolie era through World War II. The University of North Carolina Press, 2014.

